

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

MARCUS VINICIUS SOUSA CORREIA

**HELENISMO NOS TRÓPICOS: ANÁLISE DA PRESENÇA DO HELENISMO
NA LITERATURA BRASILEIRA PELO VIÉS DA *LEITURA DISTANTE***

SÃO LUÍS – MA

2023

MARCUS VINICIUS SOUSA CORREIA

**HELENISMO NOS TRÓPICOS: ANÁLISE DA PRESENÇA DO HELENISMO
NA LITERATURA BRASILEIRA PELO VIÉS DA *LEITURA DISTANTE***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Literatura e Subjetividade.

Orientador: Prof. Dr. Emanuel Cesar Pires de Assis
Co-orientadora: Diana Santos

SÃO LUÍS – MA

2023

Correia, Marcus Vinicius Sousa

Helenismo nos trópicos: análise da presença do helenismo na literatura brasileira pelo viés da leitura distante / Marcus Vinicius Sousa Correia. – São Luis, MA, 2023.

158 f

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Maranhão, 2023.

Orientador: Prf. Dr. Emanuel Cesar Pires de Assis.

1. Leitura distante. 2.Helenismo. 3.Literatura brasileira. I.Título

CDU:821.134.3(81)


MARCUS VINICIUS SOUSA CORREIA

**HELENISMO NOS TRÓPICOS: ANÁLISE DA PRESENÇA DO HELENISMO
NA LITERATURA BRASILEIRA PELO VIÉS DA *LEITURA DISTANTE***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Letras.


Área de concentração: Literatura e Subjetividade


Aprovada em: /31/07/2023/

Documento assinado digitalmente
 EMANOEL CESAR PIRES DE ASSIS
Data: 04/02/2024 09:57:17-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Emanuel Cesar Pires de Assis (UEMA)
(Presidente)

Prof. Dr. José Henrique de Paula Borralho (UEMA)

(Membro Interno)
Documento assinado digitalmente
 JOSE HENRIQUE DE PAULA BORRALHO
Data: 02/02/2024 14:12:52-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente
 VINICIUS CARVALHO PEREIRA
Data: 05/02/2024 10:47:40-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Vinicius Carvalho Pereira (UFMT)
(Membro Externo)

*À Sofia. Compensaremos os momentos
em que as obrigações nos privaram do
proveito de nosso tempo juntos.*

AGRADECIMENTOS

Antes de mais nada, sinto que é preciso explicar uma anedota a respeito do que aqui está escrito. Isso porque, dado o título (AGRADECIMENTOS), é válido ressaltar a compreensão sobre a “gratidão” que tenho sobre quem aqui cito. Diferente de certa banalidade da qual o mundo contemporâneo dota o sentido de “gratidão”, o entendo não como algo merecido pelo que ser grato, mas, pelo contrário, como algo que nos foi dado sem que tenhamos méritos para tal, como o estado de “graça” no Cristianismo ou o “Nirvana” do Budismo.

Assim, agradeço aos meus familiares, pelo apoio em minha trajetória acadêmica.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Letras, pela compreensão para comigo e pelo grande aprendizado que vai além dos muros da Universidade.

Agradeço ao LAMID, especialmente à Yasmine, ao Jonas, ao Fernando, à Eduarda, à Lara e aos demais, amigos para além da Academia.

Agradeço, em especial, ao meu orientador, Emanuel Cesar Pires de Assis, pela orientação e por acreditar em mim. Agradeço também à minha co-orientadora, Diana Santos, pela ajuda com as ferramentas digitais e dicas de melhoria do trabalho.

Agradeço também ao Taylon, à Adrianne, à Ana Cleia, à Thainara, à Ianeska e ao Hamilton, pelas brincadeiras, saídas e lamentações juntos.

Agradeço, em especial, à Sofia, minha companheira para horas boas e ruins.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

Agradeço também a quem não foi aqui citado, mas que, em algum momento, contribuiu, direta ou indiretamente, para a feitura deste trabalho.

“Todas as coisas que duram muito tempo de tal modo se impregnam aos poucos de razão que a origem que tiram da desrazão se torna inverossímil. A história exata de uma origem não é quase sempre sentida como paradoxal e sacrílega? O bom historiador não está, no fundo, em *contradição* com seu meio?” (Nietzsche. *Aurora*).

“É preciso sair da ilha para ver a ilha. Não nos vemos se não saímos de nós” (José Saramago. *O conto da ilha escolhida*).

RESUMO

A presente pesquisa investiga a presença do helenismo na literatura brasileira pelo viés da leitura distante, prisma de estudo da literatura popularizado por Franco Moretti (2000, 2008) em um corpus disponível no meio digital (<https://linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=OBRAS>). Nesse sentido, houve o levantamento de termos advindos da cultura helênica, formando o campo semântico "helenismo" dentro do corpus, para que fossem realizadas as análises de frequência relativa do uso dos termos por parte dos autores selecionados. Além disso, foi realizada, também, uma análise de como a cultura helênica se presentifica na linguagem empregada pelos autores em seus escritos. A seleção dos autores foi feita com base na quantidade de termos do campo semântico "helenismo", incluindo aqueles que mostravam quatro termos ou mais e excluindo os autores que apresentaram menos de quatro termos do campo semântico, tendo em vista que tal frequência não poderia representar uma presença significativa do helenismo nas obras dos autores nos textos disponíveis no OBRAS, o que resulta na seguinte lista de literatos: Machado de Assis, Coelho Neto, José de Alencar, Humberto de Campos, Joaquim Manuel de Macedo, Aluísio Azevedo, Euclides da Cunha, Bernardo Guimarães, Lima Barreto e Visconde de Taunay. Diante disso, buscou-se, no início, a compreensão do helenismo ao longo da história, com base nas ideias de Droysen (2010), Delumeau (1994); Momigliano (1991); Pereira (2015), dentre outros. Após isso, a respeito do helenismo na literatura brasileira, são feitas ponderações com base em autores como Veríssimo (1904); Broca (2005); Bosi (2006); Denis (1826); Magalhães (1836); Brandão (2001); Silva (2020), dentre outros. Compreendendo a questão sobre os preceitos críticos já estabelecidos sobre o tema, na parte seguinte é realizada uma abordagem crítica a respeito do estudo da literatura com o uso de ferramentas tecnológicas, a partir do que é afirmado por Capuni (2016); Santos (2003); Kirchof (2013); Brandão (2017) entre outros autores. Nas reflexões seguintes, sobre a leitura distante, foram utilizadas as ideias de Moretti (2000, 2008), Pieri (2019); Khadem (2012, Apud PIERI 2019) e Araújo (2016). A partir de tais pressupostos, realizou-se a análise na parte seguinte do trabalho. Foi percebido que analisar o fenômeno do helenismo nas letras brasileiras através da leitura distante permite ampliar as interpretações a respeito do tema, pois, por esse prisma, Coelho Neto em certa medida perde seu posto de símbolo do helenismo nas letras brasileiras, a depender do gênero textual observado e percebe-se, também, a presença da cultura helênica em autores do romantismo de forma mais significativa do que suspeita a historiografia literária. Além disso, permite uma volta aos textos literários baseada no que é visto nos gráficos, fazendo com que se observe de maneira mais pertinente a semântica dos termos advindos da cultura helênica nos textos dos autores selecionados, bem como a percepção do uso da linguagem, influenciado por tal cultura, que se presentifica não apenas em autores historicamente reconhecidos por sua devoção à Grécia, mas também em outras literatos do realismo e do romantismo.

Palavras-chave: Leitura distante. Helenismo. Literatura brasileira.

ABSTRACT

The present research investigates the presence of Hellenism in Brazilian literature by the bias of distant reading study prism of literature popularized by Franco Moretti (2000, 2008) in a corpus available in digital medium (<https://linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=OBRAS>). In this sense there has been a survey of terms that came from Hellenic culture, formatting the semantic corpus “Hellenism” inside the corpus, so it could be possible to make analysis of relative frequency of the use of terms by the selected authors. Therefore, it was made an analysis of how the Hellenic culture is present in the language used by the authors in their writings. The selection of authors was made having as base the quantity of terms in the semantic field “Hellenism” including those that showed four or more terms and excluding authors that presented less than four terms in the semantic field, having in sight that such frequency could not represent a significant presence of Hellenism in works of authors available in OBRAS, what results in the following list of literati: Machado de Assis, Coelho Neto, José de Alencar, Humberto de Campos, Joaquim Manuel de Macedo, Aluísio Azevedo, Euclides da Cunha, Bernardo Guimarães, Lima Barreto and Visconde de Taunay. In this light, at first it explored the comprehension of Hellenism during history, with base in the ideas of Droysen (2010), Delumeau (1994); Momigliano (1991); Pereira (2015), among others. After that, what concerns Hellenism present in Brazilian literature considerations are made with base in authors such as Veríssimo (1904); Broca (2005); Bosi (2006); Denis (1826); Magalhães (1836); Brandão (2001); Silva (2020), and others. Understanding the question about the critical precepts already established about the theme, in the following part it’s made a critical approach about the study of literature with the use of technological tools, from what it’s affirmed by Capuni (2016); Santos (2003); Kirchof (2013); Brandão (2017), and other authors. In the following reflections about distant reading it was used ideas of Moretti (2000, 2008), Pieri (2019); Khadem (2012, Apud PIERI 2019) and Araújo (2016). Therefore from such precepts it was made an analysis in the following part of this work. It was perceived that the analyze of such phenomenon as hellenism in the Brazilian letters through distant reading allows to amplify the interpretations about the theme, because, from this perspective, Coelho Neto, to a certain extent, loses his place as a symbol of Hellenism in Brazilian literature, depending on the textual genre observed, and the presence of Hellenic culture in authors of Romanticism is also perceived in a more significant than suspects literary historiography. In addition, it allows a return to literary texts based on what is seen in the graphs, making it possible to observe in a more pertinent way the semantics of terms arising from the Hellenic culture in the texts of the selected authors, as well as the perception of the use of language, influenced by for such a culture, which is present not only in autors historically recognized for their devotion to Greece, but also in other literati of realism and romanticism.

Keywords: Distant reading. Hellenism. Brazilian literature.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – página inicial do corpus OBras	87
Figura 2 - Distribuição de helenismos por autor: números absolutos	90

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Número relativo de helenismos por autor	91
Gráfico 2 – Número relativo de helenismos por autor em texto literário.....	97
Gráfico 3 - Densidade relativa de helenismos por subgênero	99
Gráfico 4 - O peso relativo de algumas palavras na produção de quatro autores.....	117

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Traduções realizadas no fim do Arcadismo	35
Tabela 2 - Trechos de O touro negro (1938)	94
Tabela 3 - Trechos selecionados de crônicas.....	101
Tabela 4 – Trechos selecionados de contos	109
Tabela 5 – Trechos selecionados para análise da linguagem	119
Tabela 6 - Autores e obras presentes no corpus OBras	136

LISTA DE ABREVIATURAS

AluAze – Aluísio Azevedo

MacAss – Machado de Assis

CoeNet – Coelho Neto

VisTau – Visconde de Taunay

BerGui – Bernardo Guimarães

JMdM – Joaquim Manuel de Macedo

LimBar – Lima Barreto

JosdAle – José de Alencar

EucCun – Euclides de Cunha

HumCam – Humberto de Campos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. HELENISMO: Influências e Confluências	22
1.2 Helenismo na literatura brasileira: entre a forma e o conteúdo.....	32
2. ENTRE O LITERÁRIO E O TECNOLÓGICO	53
2.1 Literatura e tecnologia: diálogos.....	53
2.2 Leitura Distante (Distant Reading): Entre a técnica e a teoria.....	67
3. APRESENTAÇÃO DO OBRAS: POSSIBILIDADES DE PESQUISA	87
3.1 O helenismo na literatura brasileira lido à distância: autores e números relativos	89
3.2 O helenismo na literatura brasileira: a crônica e o conto	99
3.3 A linguagem e o helenismo: a leitura distante das obras	115
3.4 Verbos expressivos enquanto marca helênica.....	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
REFERÊNCIAS	130
ANEXOS	136

INTRODUÇÃO

Produções literárias no decorrer do tempo histórico foram e ainda são influenciadas por diferentes fatores e, ao mesmo tempo, são inspiração para civilizações nos mais variados lugares. Nesse processo de influências há uma questão importante a ser considerada e que, grosso modo, vem desde a gênese da literatura, que é o legado dos gregos em relação às produções literárias de distintas civilizações. Houve na Grécia, de maneira geral, uma produção cultural que estabeleceu bases de compreensão sobre os mais variados temas: política, ética, moral, arte, entre outros. Essa profusão de ideias e de conceitos se difundiu ao redor do globo e, até mesmo nesse processo, a literatura se apresenta como um elemento importante.

Maria Helena da Rocha Pereira (2012), uma das principais referências nos estudos da cultura clássica, afirma que a disseminação do que se sabe a respeito da cultura grega e latina deve-se a dois fatores, quais sejam, o arqueológico e o literário que, em certa medida, dependem um do outro, pois os textos são encontrados através das explorações arqueológicas. Sobre a questão dos textos, a autora salienta "que a transmissão dos textos escritos também se fez de duas maneiras: ou através de uma sucessão contínua de cópias, que ascendem à própria Antiguidade, ou através de papiros achados pelos arqueólogos" (PEREIRA, 2012, p. 15). O que é apontado por Pereira (2012) permite entender que o fator literário é importante até mesmo no processo de transmissão da cultura clássica.

Especificamente em relação à produção de obras literárias, bem como a sua teorização, muitas são as contribuições deixadas pelos gregos. É o caso, por exemplo, da *Poética*, de Aristóteles e os escritos de Platão nos quais ele, filosoficamente, tece considerações a respeito do lugar na *República* que era pertencente à poesia, tendo em vista que *poesia* era a palavra que definia esse tipo de arte, pois o termo *literatura* ainda não era utilizado para designar tais expressões artísticas. Referente à produção literária, há de se destacar as obras teatrais da tragédia grega, como *Prometeu acorrentado*, *Édipo rei*, *Antígona*, os gêneros épico, lírico e dramático classificados por Aristóteles e que, até os dias atuais, ainda são objetos de análise nos estudos literários, além de duas obras capitais que têm suas autorias atribuídas a Homero: *A Ilíada* e *A Odisseia*.

Tais considerações podem até mesmo ser vistas como truísmos dentro dos estudos literários, mas, em certa medida, é importante que sejam ressaltadas, pois reforçam perspectivas de análise que visam uma percepção mais abrangente e pertinente da influência da cultura grega que, após os estudos e sistematizações de Johann Gustav

Droysen (2010)¹ passou a ser chamada de helenismo. Diante de tais fatos, constata-se que a propagação dos aspectos culturais helênicos em outras civilizações legou ao mundo muitas contribuições no âmbito da filosofia, da política, entre outros aspectos, além das artes literárias. Porém, cabe ressaltar que as manifestações literárias na Grécia datam de antes dessa expansão e sistematização de conhecimentos, como é possível perceber na afirmação de Luís Sergio Kraúz (2007, p. 16) a respeito das essências divinas relacionadas à poesia:

O universo da poesia grega arcaica, porém, antecede o surgimento desta nova consciência. Para nos aproximarmos dele precisamos de uma paciente arqueologia da alma. Se a poesia e a música são o âmbito da divindade – as Musas, patronas de toda a beleza e de toda a sabedoria -, os poetas são os eleitos das deusas que decidiram como narra Hesíodo na *Teogonia*, fazer de homens comuns, e independente da vontade destes, conhecedores privilegiados do sublime.

O que diz Kraúz (2007) faz perceber que a manifestação literária na Grécia, historicamente, aconteceu por diferentes modos e com distintas inspirações. Os poetas, enquanto eleitos conhecedores privilegiados do sublime, passavam através de seus poemas sabedoria e beleza, o que reverberou para além da Grécia e se tornou conhecido em outras partes do mundo. Assim, e considerando a propagação da cultura grega no mundo, é importante observar que no Brasil o helenismo foi um dos fatores que influenciaram as criações artísticas e, em especial, a literatura brasileira.

Se na Grécia arcaica as musas inspiravam os poetas e os dotavam com sabedoria e conhecimento do sublime, é possível afirmar que em grande parte das produções da literatura brasileira a própria cultura helênica era vista como uma musa inspiradora, tendo em vista que para muitos literatos no Brasil o helenismo era, de forma geral, formado por uma sapiência e uma erudição dignos da admiração de todos. Com isso, os deuses gregos, assim como a filosofia e os personagens helênicos, passaram a estar presentes em obras de diferentes escolas literárias, em maior ou menor grau. É isso o que conclui Brito Broca (1900) que, em diversos textos, tece críticas à influência grega que existia entre muitos escritores.

De maneira geral, Broca (1900) fala de uma Grécia que nos escritos de muitos literatos era ornamental, servindo apenas de adorno decorativo às descrições nos romances e, em certo grau, como um indicativo de erudição. Porém, é importante ressaltar

¹ A primeira publicação do livro data de 1833

que o próprio Brito Broca observa escritores que se furtaram à influência grega, como Machado de Assis que, de acordo com ele, fazia uso de sua ironia e de seus escritos literários para criticar a adoração à Grécia por parte de outros escritores (BROCA, 1900). Isso faz perceber que a temática grega e sua influência na literatura brasileira se manifesta de diferentes formas nos escritos dos autores. Havia literatos que condenavam a presença grega nas obras de diferentes escritores, como é o caso de Lima Barreto.

O escritor modernista é um dos símbolos da desaprovação da influência helênica nas letras brasileiras e, em diferentes ocasiões e escritos, teceu duras críticas a esse uso dos elementos gregos como fontes de inspiração. No prefácio de seu livro intitulado *Histórias e sonhos* (1920), o autor afirma: "implico solenemente com a Grécia, ou melhor: implico solenemente com os nossos cloróticos gregos da Barra do Córda e pançudos helenos da praia do flamengo" (BARRETO, p. 09, 1920). É possível perceber, então, a rejeição do autor à presença de um ideário grego na literatura brasileira. Observa-se que independente dos que eram simpáticos à Grécia e daqueles que a rejeitavam, o fato é que o helenismo foi um fator de forte impacto na literatura brasileira, estando presente em várias escolas literárias.

Por conta disso, a influência grega se manifesta de diferentes formas nas obras da literatura brasileira. Há de se considerar que, além dos termos especificamente gregos, há também palavras de origem da cultura romana que, em grande medida, foi influenciada pela expansão helênica, fazendo com que, por exemplo, deuses gregos ganhassem seus correspondentes romanos, como Júpiter (Zeus); Juno (Hera); Febo (Apolo), entre outros. Além disso, cabe destacar que os aspectos da cultura helênica vão além da citação de tais personagens.

Mauricio Silva (2020) observa que os aspectos helênicos não se manifestam necessariamente de modo separado nas obras literárias, pois os autores não se limitavam à citação dos termos e, dessa maneira, entende-se que a forma de uso feita pelos literatos também é importante para que seja compreendida de maneira mais pertinente a influência helênica na literatura brasileira. Tanto as referências quanto o estilo e as concepções helênicas foram absorvidas por esses literatos e transpostas para as obras literárias por eles produzidas. Além disso, a influência grega não esteve nas letras brasileiras apenas em determinadas escolas literárias, como é possível observar na afirmação de Paulo Gomes Macário (2005, p. 52):

O assunto ou a temática da Grécia antiga contava com inegável presença e amplitude dentro dos mais diversos períodos, escolas e conjuntos de obras da história literária brasileira. Contando com momentos de plena ascensão e verdadeira onipresença como o Arcadismo e o Parnasianismo e outros de menor representatividade e referência obscura e ligada ao panorama da tragédia, como o Romantismo e o Naturalismo.

A afirmação do autor corrobora, então, com o que já fora apresentado antes, sobre a Grécia enquanto inspiração e geradora de influências na literatura brasileira. Nessa perspectiva, faz-se pertinente a verificação desse fenômeno nas produções literárias brasileiras. Com isso, é preciso considerar que, por uma questão de tempo e de metodologia, a realização de um estudo sistemático sobre o tema, considerando também os apontamentos da crítica e a quantidade de obras, não poderia ser feita em um período curto de tempo caso fosse lida apenas uma obra por vez. Por conta disso, o método utilizado na presente pesquisa é a *Distant Reading* (Leitura Distante), tendo como objeto de análise o corpus OBRAS² que reúne, em ambiente digital, um considerável número de obras literárias brasileiras já em domínio público, o que contribui com formas diferentes de fazer estudos na área de literatura.

Com as mudanças ocasionadas pelo advento das humanidades digitais e dos bancos de dados disponíveis na web, os modos com os quais os estudos de literatura foram e ainda são desenvolvidos a partir dessas tecnologias se tornam, assim como o próprio texto literário, objetos de reflexão, passíveis de serem vistos como inovadores, polêmicos, controversos e até mesmo desafiadores. Desse processo surgiu um método que foi popularizado por Franco Moretti (2000, 2008) denominado *Distant Reading*. Esse método envolve, entre outros elementos, aparatos tecnológicos e bancos de dados para análises de grandes volumes de obras literárias.

Apesar da introdução dos aparatos computacionais na intenção de perceber diferentes fenômenos em um grande número de obras literárias, é importante ressaltar que, como afirma Ted Underwood (2017), a ideia de ler à distância não é nova e, nessa esteira, diz: "o estudo literário vernáculo entrou nas universidades do século XIX como um projeto já ambicioso que buscava rastrear o desenvolvimento paralelo da literatura, da linguagem e da sociedade ao longo de mil anos" (UNDERWOOD, 2017, p. 02). Percebe-se, então, que a leitura distante não é algo que possa ser visto como um método totalmente inovador, o que é adicionado a algo já desejado anteriormente são os *corpora*

² <https://www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=OBRAS>.

com um significativo número de obras literárias e as diferentes formas de extrair e agregar informações às pesquisas. Santos et. al. (2020) definem a *distant reading* da seguinte maneira:

A leitura distante (em inglês, *distant reading*) é uma área interdisciplinar específica e em crescente evolução que combina os domínios dos Estudos Literários, da Linguística Computacional e da Informática Aplicada na análise de grandes coleções de textos, que, pela sua natureza, compreende dados de volume significativo (SANTOS, et. al., p. 280).

A ideia de Santos et. al. (2020) sobre a *distant reading* é, assim como o pensamento de Moretti, reforçada pelo uso de ferramentas digitais em pesquisas que tenham como objetivo analisar, em uma quantidade significativa de obras, determinadas características, perceber fenômenos, tendências, influências e outros fatores, apontados ou não pela crítica especializada. Nessa perspectiva, Franco Moretti (2000) reflete sobre a leitura distante e apresenta uma série de vantagens advindas dela, nas palavras do autor:

O que necessitamos realmente é de um pequeno pacto com o diabo: sabemos como ler textos, agora vamos aprender como *não* os ler. *Distant reading*, leitura distante: em que a distância, permita-me repetir, é uma condição do conhecimento. Ela nos permite focalizar unidades muito menores ou muito maiores que o texto: expedientes, temas, tropos – ou gêneros e sistemas. E se entre o muito pequeno e o muito grande o próprio texto desaparece, bem, será um daqueles casos em que se pode justificadamente dizer: "Menos é mais". Se quisermos compreender o sistema em seu conjunto, teremos de aceitar perder alguma coisa (MORETTI, 2000, p. 176. Grifo do autor).

O ato de "não ler os textos" citado pelo teórico aponta para a necessidade de ir além da *close reading*, que foca em um único texto, ou apenas em obras literárias canônicas. Nesse sentido, "não ler" está associado à tarefa de distanciar-se dos textos consagrados, considerar aqueles que não são parte do cânone e vê-los como parte de um grupo heterogêneo de obras que constituem marcas também significativas para a cultura como um todo e, especificamente, para a compreensão da literatura de um país ou continente, identificando diferentes fatores de influência.

A origem da finalidade de observar a literatura por esse ângulo, baseada nas ideias apresentadas por Moretti (2000), está no fato de que as obras canonizadas são vistas como símbolos de épocas ou mesmo de escolas literárias e, conseqüentemente, tornam-se os

objetos literários com os quais a crítica e a academia lidam com mais frequência para entender as complexidades da literatura como um todo. Resulta disso o apagamento de grande parte do que foi produzido por diferentes escritores, fazendo com que sejam esquecidos e colocando suas obras à margem das produções literárias de escritores canônicos.

Além disso, é importante salientar que a variedade de fatores que influenciam diretamente no fazer literário também é parcialmente ignorada, no que tange à percepção dos múltiplos elementos de impacto na forma e no conteúdo das obras. Isso está relacionado à própria tendência de analisar, em grande parte das vezes, apenas o que é canônico, pois, desse modo, as marcas dos fatores que impactaram diversas obras se resumem ao que é percebido em poucas produções literárias, em detrimento de um olhar mais abrangente sobre determinados temas. Tendo isso em vista, a leitura distante não anula o que já foi pesquisado e analisado, mas acrescenta um olhar que não pode ser alcançado pela *close reading*.

Nesse sentido, cabe ressaltar pesquisas que utilizam corpus como fonte de dados para análises de diferentes fatores e temas, tanto no Brasil quanto em outros países, como é o caso da dissertação de Flávia Martins Rosa Pereira da Silva (2021), intitulada *Diferenciações de gênero na caracterização de personagens: uma proposta metodológica e primeiros resultados* na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. O trabalho de Silva (2021) analisa, de maneira geral, como personagens masculinas e femininas são caracterizadas nas obras presentes em seu *corpus* de análise, fazendo uso de anotações semânticas e de ferramentas computacionais que permitem buscas de termos com base em padrões do léxico referente a tais personagens.

Uma outra pesquisa com base em corpus é a de Carolina da Silva Macedo Braz (2021), da Universidade do Minho em Portugal, que leva o seguinte título: *Constituição de um corpus literário luso-brasileiro: uma proposta para o ensino de PLNLM*. A finalidade do trabalho é realizar uma reflexão sobre quais maneiras um *corpus* literário luso-brasileiro auxiliaria o ensino de língua não materna na medida em que os textos literários seriam explorados para esse fim, envolvendo tanto a literatura quanto o ensino. Além destes, há também a dissertação de Antônia Eduarda Trindade da Silva (2023), intitulado *O Realismo e o Naturalismo na literatura pelo viés da leitura distante: análise de corpus*, realizado na Universidade Federal do Piauí, no qual a autora, pelo prisma da leitura distante, o uso de palavras identificadas por Domício Proença Filho como

“sintomáticas” em obras realistas e naturalistas, especificamente verbos, adjetivos e advérbios.

No âmbito da graduação, é válido destacar também o trabalho de Luísa Silva Lima (2022) realizado na Universidade Estadual do Maranhão – UEMA e que tem o título *Análise da caracterização das personagens femininas, de Aluísio Azevedo, com o auxílio da ferramenta AC/DC*. Em suas análises, como já indicado no título, a autora estuda as caracterizações de personagens em obras azevedianas, especificamente em *O mulato* (1881), *O homem* (1887) e *O cortiço* (1890), através de uma ferramenta disponível em rede, o AC/DC, que realiza anotações morfossintáticas de maneira semiautomática em textos de língua portuguesa. Nesse sentido, a utilização de *corpus* em pesquisas que envolvem a literatura se mostra bastante válida, tendo em vista a possibilidade de observar as nuances que compõem a literatura por diferentes ângulos e, dessa forma, aumentar tanto as perspectivas de análise quanto suas amplitudes quantitativas, referente ao número de obras como objetos de pesquisa.

Diante das perspectivas apresentadas, cabe agora descrever como está estruturada a presente pesquisa. O primeiro capítulo é dividido em duas seções. Na primeira delas é realizada uma reflexão a respeito do helenismo enquanto fator de influência cultural no Ocidente. Desse modo, são consideradas diferentes perspectivas e fatores que construíram a compreensão do helenismo como uma herança cultural de extrema importância no mundo, identificando a mescla de fatores histórico-contextuais e, também, a participação de outras culturas da formação do helenismo. Após isso, ainda no capítulo primeiro, é realizado um levantamento crítico-historiográfico a respeito do helenismo na literatura brasileira, identificando períodos da historiografia literária em que o helenismo era benquisto entre os literatos, os modos pelos quais diferentes escritores faziam uso do referencial helênico, bem como apontamentos críticos díspares em relação a isso.

O segundo capítulo, também dividido em duas partes, é dedicado à reflexão sobre o prisma de observação da literatura que norteia a presente pesquisa, a leitura distante. Sendo assim, a primeira parte aborda a relação da tecnologia e o estudo da literatura, de maneira geral, estabelecendo, através do referencial selecionado, possibilidades de ampliação do objeto literário e limites e/ou possíveis contradições que possam nascer de tal relação. Após isso, a parte seguinte dedica-se a dissertar sobre a leitura distante, refletindo sobre sua validade enquanto modo de estudo da literatura a partir do que é dito por Moretti (2000, 2008) e, também, considerando críticas contrárias ao que é proposto pelo estudioso italiano.

No capítulo três é realizada a análise dos textos dos autores selecionados dentro do corpus OBras, por meio de gráficos, feitos através da linguagem de programação R., que mostram, de maneira geral, a frequência relativa de aparição dos termos do campo semântico “helenismo” nos textos dos autores selecionados disponíveis no corpus. Desse modo, os dados mostrados pelos gráficos são interpretados e comparados com o que é dito por parte da crítica especializada quanto aos autores que se inspiravam no helenismo e, também, os modos pelos quais isso acontecia. Pensando nisso, há também no capítulo uma parte dedicada à uma abordagem sobre a presença helênica no modo como os quatro autores que se destacam no uso de termos helênicos utilizam a linguagem, considerando a ligação do helenismo com fatores linguísticos e padrões estabelecidos que podem ser observados nos textos desses autores.

1. HELENISMO: Influências e Confluências

No decurso da formação cultural do Ocidente considera-se que o legado grego foi um dos elementos de maior destaque pois, através de produções que vão da arquitetura à literatura, passando pela filosofia, a Grécia passou a ser vista como o berço do Ocidente, por ser gênese de diferentes ideias e manifestações artísticas, fazendo com que fosse cultuada como um bem sagrado da riqueza cultural ocidental. Com isso, tais produções passaram a ser, além de um bem cultural, objeto de estudo, o que gerou certas interpretações como a de Nietzsche (2013), que enxergava o platonismo como algo motivado pelo ressentimento e as produções literárias da tragédia grega como manifestações artísticas do que constitui a vida, seus sofrimentos e contradições. Inúmeros são os exemplos da influência desses elementos culturais e o que foi criado a partir deles. Assim sendo, faz-se interessante refletir em breves linhas sobre as conjecturas histórico-culturais que fazem com que o helenismo exerça tanta influência no mundo ocidental.

O termo *helenismo*, empregado com o sentido que tem até hoje, foi utilizado pela primeira vez nos estudos do historiador alemão Johann Gustav Droysen, que se baseou no termo *helenisté*, usado para definir aquilo que é versado na língua grega. De acordo com Biazotto (2013), Droysen utiliza o termo *helenismo* pela primeira vez no seu livro intitulado *Geschichte Alexanders des Grossen (História de Alexandre, o grande)*, no ano de 1836, ao dissertar sobre a vida de Alexandre Magno. A partir disso, o termo *helenismo* passou a ser usado para identificar historicamente o período de expansão dos aspectos formadores da cultura grega, bem como de outros fatores nascidos a partir desse processo. Para Droysen (2010), o helenismo tem início com as conquistas de Alexandre Magno, como é possível perceber nas palavras do autor:

Os dois séculos da luta encarniçada que os helenos travaram com os persas – o primeiro grande conflito entre Oriente e Ocidente que a história nos legou –, Alexandre os encerrou ao aniquilar o império dos persas, ao conquistar todo o território situado entre o deserto africano e a Índia, ao afirmar a supremacia da civilização grega sobre a cultura declinante dos povos asiáticos. Enfim, ao gerar o helenismo. Seu nome assinala o fim de uma época e o começo de uma nova (DROYSEN, 2010, p. 38).

É evidente, portanto, que, na concepção de Droysen (2010), a figura de Alexandre Magno é de fundamental importância para a expansão do helenismo. Além disso, é

importante salientar que o historiador, ao longo de seu livro, reflete sobre o processo e os atores envolvidos no percurso que levou Alexandre ao poder e os resultados disso em outros lugares. Droysen (2010), nesse sentido, entende que, com a expansão da cultura helênica, houve o estabelecimento de valores que se sobrepuseram àqueles que faziam parte das práticas de povos conquistados pela civilização helenística. Tal ideia é bem clara nas palavras de Droysen quando o autor discorre a respeito da influência helênica no território asiático:

O povo helênico, disseminado em tantos pontos diferentes e sempre fadado ao particularismo e às dissensões internas – mesmo nos lugares onde a sua densidade era maior –, não podia ser comparado, quanto ao número, às multidões gigantescas que povoavam a Ásia. O que triunfou sobre o Oriente, em última instância, não foram os *gregos*, mas a *civilização helênica*. Por esse fato, ela se investiu de uma importância primordial. Os elementos dessa civilização, ou mais exatamente aquilo que ela trazia de essencial para a vida individual e coletiva, eram o racionalismo e a autonomia democrática (DROYSEN, 2010, p. 337).

Depreende-se da afirmação do historiador que o triunfo helênico, por assim dizer, é percebido na medida em que os seus valores relacionados aos modos de vida, individual e coletivo, foram assimilados por outros povos. Soma-se a isso o fato, também citado por Droysen (2010), de que a civilização helênica era menor em número de pessoas, o que torna ainda mais significativo tal triunfo. Diante dessa perspectiva, é possível entender melhor que Droysen (2010) compreende a expansão do helenismo como a assimilação dos aspectos culturais da civilização helênica por parte de outros povos. Entretanto, essa não é a única maneira de entender o que motiva uma compreensão da Grécia como berço da civilização ou, em outros termos, vê-la como produtora de uma cultura clássica.

O próprio termo *clássico*, quando utilizado para designar a cultura helênica, possui, entre outros sentidos, uma ideia de superioridade em relação ao que não é *clássico*. Nesse sentido, quando uma tradição, cultura ou civilização são qualificadas como "clássicas" significa, necessariamente, que outros não o são e, dessa forma, a semântica empregada passa a diferenciar elementos com base nisso, o que coloca aquilo que é diferente desses elementos como algo inferior. Com isso, surge uma indagação: como, historicamente, a cultura grega passa a ser entendida como "clássica"? Para além da divisão histórica entre período clássico e período helenista, o que inclui também as guerras do Peloponeso e a Batalha da Queroneia, é importante pontuar que, principalmente no Renascimento e no Iluminismo, houve uma valorização da Grécia e a

busca dos elementos culturais a ela atribuídos como fonte de inspiração artística e cultural. Tal fato é descrito e analisado pelo historiador Jean Delumeau (1994) em seu livro intitulado *A civilização do Renascimento*.

Segundo o autor, "durante três séculos, o conhecimento da mitologia e das obras antigas foi, primeiro em Itália e depois em todo o resto da Europa, uma propedêutica indispensável à maioria das carreiras artísticas" (DELUMEAU, 1994, p. 106). No decurso de seu texto, Delumeau (1994) destaca que o Renascimento italiano, em relação à antiguidade greco-romana, teve duas atitudes principais que foram, em suma, a busca pelo ornamento e decoração e a intenção de "redescobrir a alma da arquitetura antiga, estudando Vitruvius, medindo os monumentos de Roma, dando às novas construções o ritmo musical recomendado por Platão" (DELUMEAU, 1994, p. 106). Nesse sentido, o que é apresentado por Delumeau (1994) é sintomático da relação estabelecida entre o Renascimento e a cultura greco-romana pois, nessa perspectiva, houve um processo contrário àquele comumente compreendido sobre a civilização helênica.

Isso porque a inspiração helenística no Renascimento não se deu através de um processo de deliberada herança, por assim dizer, tendo em vista que foram os renascentistas que buscaram inspiração na cultura helenística, como aponta Zilles (2013, p.327): "O Renascimento reassumiu os valores do Império Romano pagão, tomando a arte e a cultura anteriores ao cristianismo como parâmetro a seguir e critério pelo qual tudo deveria ser julgado". Isso foi feito porque havia nos renascentistas a vontade de ter uma base intelecto-cultural que fosse antagônica ao cristianismo e à teologia cristã medieval. Nesse sentido, como Roma foi fortemente influenciada por fatores culturais gregos, mesmo após vencer diferentes conflitos anteriormente, ao buscar na Roma Antiga a inspiração para a construção intelecto-cultural de elementos que servissem de contraponto ao cristianismo os renascentistas entram em contato com a cultura grega introduzida em Roma.

Segundo Enzo Del Carratore (2001), a tradição histórica entende que, desde sua fundação, datada do século VIII a. C., Roma teve influências da cultura grega. O autor prossegue afirmando que tais influências eram diretas e indiretas, descrevendo-as da seguinte maneira: "diretas através das colônias que os gregos fundaram em profusão nas costas da Magna Grécia e da Sicília, e indiretas através dos etruscos do norte e do centro da península" (CARRATORE, 2001, p. 14). Nesse processo, ainda com base em Carratore (2001), fatores preponderantes para a introdução do helenismo em Roma foram, além das colônias gregas como a de Cumas, o frequente contato com os etruscos que, por

sua vez, também foram muito influenciados pelos gregos que já viviam ao sul da Itália, fazendo com que os etruscos se tornassem os primeiros mediadores entre a Magna Grécia e Roma (CARRATORE, 2001). À medida que o poderio militar e comercial etrusco foi perdendo força, em consequência da derrota em diferentes conflitos vencidos pelos gauleses, as tratativas entre gregos e romanos passaram a acontecer sem o intermédio de terceiros.

Além disso, cabe destacar a afirmação de Amós Coelho da Silva (2005) a respeito do que por ele é denominado de panteão romano para identificar os personagens míticos romanos e que, nesse processo, "deuses gregos aos romanos fixarão as seguintes características: Zeus a Júpiter, Hera à deusa Juno, Afrodite à bela Vênus, Atena à sábia Minerva, Apolo se impõe como Apolo mesmo etc., cujo sincretismo passará a ser a missão dos romanos" (SILVA, 2005, p. 6). A renomeação dos deuses gregos pelos romanos descrita por Silva (2005) é, dentre outras, uma das marcas mais significativas da influência helênica na civilização romana, o que explica o fato de tais termos serem associados ao helenismo. Tal sobreposição cultural é descrita pela emblemática frase do poeta Horácio: *Graecia capta ferum victorem cepit et artes / Intulit agresti Latio*³.

Dessa maneira, "Renasce" a cultura clássica como base de compreensão e análise do mundo e do homem. Considerando apenas tal preponderância da Grécia em relação à Roma, bem como o culto renascentista a ela, é possível supor que se trata, grosso modo, de um legado cultural autossuficiente que ao chegar em territórios outros se sobrepõe a culturas, crenças e conhecimentos neles constituídos e, como se sabe, é essa a compreensão geral do tema. Porém, a esse respeito existem perspectivas que apontam não para a sobreposição e sim para a coexistência de fatores culturais que se misturam aos gregos. Dessa forma, pontos sobre o helenismo que, ao mesmo tempo em que adotam o sentido do termo aos moldes nos quais Droysen (2010) o colocou, apontam para pontos diferentes do processo de helenização, refletindo a respeito da recepção da cultura helênica por parte de outros povos.

O historiador italiano Arnaldo Momigliano (1991), ao deter-se sobre o helenismo e a sua expansão, entende que o sincretismo cultural desse processo foi multiforme. Dito em outras palavras, para Momigliano (1991), as interações culturais do helenismo com outros povos não foram, a priori, resultantes da assimilação de uma cultura superior (a helênica), e sim de uma adoção de diferentes práticas advindas do helenismo,

³ A Grécia, apesar de vencida, acabou subjugando seu feroz vencedor, levando as artes ao inculto Lácio.

considerando fatores helênicos que eram melhor recepcionados por determinadas sociedades.

Por essa perspectiva, entende-se que o processo helenizador obteve resultados heterogêneos na medida em que se mostravam divergentes os povos que entravam em contato com a cultura helenística. É importante ressaltar que a construção de pensamento do autor não desconsidera o conceito de helenismo proposto por Droysen (2010), pois o próprio historiador afirma que "a civilização helenística permaneceu grega na língua, nos costumes e sobretudo na consciência de si mesma" (MOMIGLIANO, 1991, p. 13). Assim sendo, a contribuição de Momigliano (1991) para uma compreensão holista do helenismo reside nas diferentes formas de adoção dessa cultura por parte dos outros povos, posto que as reflexões do historiador lançam luz exatamente sobre os contornos da expansão cultural helênica. Nessa linha de raciocínio, o autor afirma:

Os não-gregos aproveitaram em grau inédito a oportunidade de dizer aos gregos na língua grega algo sobre as suas próprias histórias e tradições religiosas. Isso significou que judeus, romanos, egípcios, fenícios, babilônicos e até indianos [...] se inseriram na literatura grega com suas próprias colaborações: o que Xanto fez pelos lídios no século V a. C. se tornou um desempenho rotineiro. No panteão grego foram admitidos mais deuses estrangeiros do que em qualquer época desde a pré-história. Por sua vez, os bárbaros não só aceitaram os deuses gregos, como assimilaram muitos dos seus deuses gregos. Era um sincretismo assistemático que foi particularmente bem sucedido na Itália (Etrúria e Roma), deixou sua marca em Cartago, na Síria e no Egito, foi malsucedido na Judeia, bastante insignificante na Mesopotâmia e afetou pelo menos a iconografia, senão a essência da religião indiana por meio da arte gândara (MOMIGLIANO, 1991, p. 14).

O que é apresentado por Momigliano (1991) aponta, então, para uma visão de relação entre culturas, e não uma para uma assimilação cultural total, posto que, de acordo com o autor, houve a inserção de elementos na comunicação entre gregos e não-gregos que não privilegiavam somente os aspectos helenos. Nessa esteira, há de se destacar que, por mais que aspectos não-gregos participassem desse sincretismo cultural, não deixa de ser significativa a importância do uso da língua grega como meio de comunicação e a assimilação dos deuses gregos por parte dos outros povos, o que, em grande medida, salienta a importância helenística nesse processo.

Ainda considerando o que é colocado por Momigliano (1991), sobre o sincretismo cultural assistemático então crescente, cabe destacar que, no decurso dos estudos sobre o tema, há reflexões acerca da influência de elementos culturais de outras civilizações que,

em alguma medida, foram incorporados pelos cidadãos da Hélade. Com isso, surgem dúvidas em relação à existência de um "Milagre grego", tendo em vista que, diante de aspectos culturais amalgamados e sendo influenciados uns pelos outros, o protagonismo grego deveria, então, ser posto em xeque. Maria Helena da Rocha Pereira (2015), a respeito desse debate afirma o seguinte:

Se a admiração pela civilização egípcia por parte do historiador Heródoto foi notada já na antiguidade [...], a possibilidade de influências por parte de Hititas, Babilónicos e Fenícios tem sido aceite por muitos especialistas nos últimos tempos, à medida que se fazem novas descobertas arqueológicas, se decifram os arquivos hititas da antiga Hattusa e se encontram neles mitos sobre as origens do mundo e a sucessão dos deuses. A sua semelhança com os que figuram na *Teogonia* de Hesíodo, poeta que se julga geralmente datar do final do séc. VIII, a. C., levaria a supor que os seus modelos vinham de lendas hititas de 1330 a 1200 a. C.: *O Canto de Kumarbi* e a *Canção de Ulikummi*, os quais, por sua vez, ascenderiam a versões hurriticas de meados do segundo milênio a.C. A estes se juntariam ainda textos babilónicos, do poema *Enuma Elish*, e a *História Fenícia* de Sanchuniathon (esta só conhecida através de uma versão grega tardia). [...]. Porém, a dificuldade de esclarecer o modo de transmissão, reconhecida por grandes orientalistas e helenistas, permanece (PEREIRA, 2015, p. 211-212).

A sucessão de fatos e produções elencadas por Pereira (2015), bem como o conjunto de possíveis influências evidenciam que a discussão sobre o protagonismo grego em relação à construção da cultura no mundo ocidental é um debate importante. Porém, ainda segundo Pereira (2015), as dificuldades de esclarecimentos sobre o tema continuam permeando as discussões, o que impossibilita uma assertividade incontestável que então levaria a um veredito sobre a sobreposição da cultura grega diante de outras civilizações. A complexidade do tema enfraquece certezas que se queiram totalizantes da compreensão do assunto, devido aos diferentes fatores envolvidos. Colocar em discussão a herança clássica grega e contribuições de outras culturas a ela, sobretudo quando estas são de fora do ciclo europeu, em muitas ocasiões gera discordâncias e debates acirrados devido à compreensão inversa a essa – a cultura clássica contribuindo com as demais – que foi estabelecida ao longo do tempo.

Nessa esteira, contribuem também para o debate o já citado Momigliano (1991) e, destacadamente, Martin Bernal (1987) e Martin L. West (1987). Ao publicar o livro intitulado *Black Athena: The Afroasiatic Roots Of Classical Civilization (A Atena Negra: as raízes afro-asiáticas da civilização clássica)*, Martin Bernal causa grande

impacto na discussão sobre as heranças gregas ao reduzir o peso das tradições indo-europeias e considerando com maior ênfase as contribuições de outras civilizações, sobretudo fenícios e egípcios, no que forma a cultura grega e o que seria a herança desses povos para o legado grego.

A principal tese que Bernal (1987) defende em seu livro é a de que as contribuições culturais afro-asiáticas foram, sistematicamente, ignoradas por conta do caráter racista e preconceituoso sustentado por um falso "modelo ariano" colonial, catalisado por uma visão oitocentista da ideia de "clássico". Dessa maneira, o que o historiador apresenta incita a reflexão a respeito do "clássico" enquanto adjetivo que diferencia as civilizações e, conseqüentemente, a questão racial que pode estar envolvida nisso, tendo em vista que o preconceito, principalmente o racial, é uma constante na história da humanidade e nas mesclas culturais que aconteceram no decorrer do tempo.

Cabe destacar, também, um fator importante na disseminação das teses de Bernal (1987), que foi o fato das ideias por ele defendidas serem disseminadas nas redes de televisão norte-americanas, mas, exatamente por isso, tais perspectivas eram apresentadas de maneira simplista, também por conta do próprio modo como funciona a disseminação de ideias via mídias televisivas. Tal contexto fez com que Bernal recebesse duras críticas por outros estudiosos da área, como o livro de Mary R. Lefkowitz, intitulado *Black Athena Revisited* (1996). Apesar das críticas recebidas, é inegável que as discussões levantadas por Martin Bernal (1987) qualificam as reflexões acerca da construção cultural grega, principalmente para pessoas de fora da academia que não participam ativamente deste tipo de debate, mas, a partir da alocação de tais ideias na mídia, podem vislumbrar a questão do legado helênico para além da visão de senso comum dominante.

Diferente da abordagem de Bernal, as postulações de Martin L. West foram melhor aceitas no ambiente acadêmico. Nesse sentido, é dado destaque a duas produções do autor, o livro de 1997, intitulado *The East Face of Helicon: West Asiatic Elements in Greek Poetry and Myth (A face oriental do Hélicon: elementos da Ásia ocidental na poesia e nos mitos gregos)*, e *Indoeuropean Poetry And Myth (Poesia e mito indoeuropeus)* de 2007. De maneira geral, o autor coloca em perspectiva as contribuições da cultura oriental para com a grega e retoma, também, as discussões apontadas por Bernal citando, por exemplo, a influência oriental sobre Hesíodo ao escrever a sua *Teogonia*, as relações comerciais, linguísticas e paralelos míticos, por assim dizer, nos

quais deuses e mitos gregos teriam correspondentes em culturas fora do círculo indo-europeu que seriam mais antigos e, dessa forma, fontes de inspiração⁴.

Além dos autores citados, cabe também ressaltar uma reflexão realizada por Edward Said (2007) para o tema. Na esteira dos estudos pós-coloniais, especificamente em seu livro intitulado *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*, Said (2007) tece críticas sobre a presença oriental em obras do Ocidente, elencando diferentes autores, produções e modos de representar o Oriente. Nesse sentido, o âmago do debate proposto por Said (2007) é o de que o Ocidente se coloca como superior na medida em que representa o Oriente e, geográfica e discursivamente, o coloca em uma posição de dominado, isso motivado, de acordo com o autor, por questões raciais, ideológicas e culturais. Nessa linha de raciocínio, Said afirma que

uma grande divisão, como a existente entre o Ocidente e o Oriente, conduz a outras menores, especialmente quando os empreendimentos normais das civilizações provocam atividades expansivas, como viagem, conquista, novas experiências. Na Grécia e na Roma Clássicas, os geógrafos, os historiadores, as figuras públicas como Cesar, os oradores e os poetas contribuíam para o fundo de saber taxonômico que separava as raças, as regiões, as nações e as mentes umas das outras; grande parte disso funcionava em benefício próprio, existindo para provar que os romanos e os gregos eram superiores a outras espécies de povos. (SAID, 2007, p. 95).

A afirmação de Said (2007) coloca em perspectiva uma sistematização que tinha como finalidade última a exaltação de gregos e romanos em detrimento de outras nações e, dessa maneira, o caráter de "primordial, único e clássico" era reforçado na mentalidade dos povos através de tais discursos. Como é possível perceber, Said (2007) aponta para uma visão que dialoga com aquela apresentada por Bernal (1987) no que tange ao caráter racista do processo de elevação do helenismo ao apogeu ocidental. Além disso, outro ponto de destaque das reflexões de Said (2007) é a já citada representação oriental por obras ocidentais e, dessa forma, o Oriente é construído a partir de uma exterioridade ou, em outras palavras, a noção de Oriente se constrói a partir de algo feito para e pelo Ocidente.

Para reforçar sua tese, Said (2007) utiliza como exemplo a peça *Os persas*, de Ésquilo. Assim, segundo o autor, "o produto principal dessa exterioridade é certamente a

⁴ As ideias que M. L. West trabalha nos dois livros citados são melhor descritas e explicadas na resenha de Powell (2000).

representação: desde um marco tão remoto como a peça de Ésquilo, *Os persas*, o Oriente é transformado, passando de uma alteridade muito distante e frequentemente ameaçadora para figuras que são relativamente familiares (no caso de Ésquilo, mulheres asiáticas aflitas)" (SAID, 2007, p. 51). Nessa perspectiva, Said (2007, p. 51) aponta que o público assiste a uma encenação "artificial de algo que um não oriental transformou num símbolo de todo o oriente". Eis aí a forma, segundo Said (2007), pela qual o discurso que se imiscui em produções artísticas reforça uma visão do Oriente e, assim, o coloca que em posição inferior.

A reflexão de Said (2007), em linhas gerais, aponta para a representação e o constructo histórico-social da antiguidade como aspectos preponderantes para que se compreenda a influência do helenismo no mundo ocidental. Assim, uma vez que tal cultura é detentora do poder de representar a si e outras culturas, é colocada em uma posição de superioridade. Mas, se por um lado há autores como Said (2007) que apontam para as representações de outras culturas feitas por produções ocidentais, existem considerações outras que se baseiam em influências de outras culturas que foram assimiladas pelas produções clássicas ocidentais helênicas.

Nessa perspectiva, também com base nas ideias de West, Tiago Tresoldi (2016) faz ponderações a respeito das influências da cultura clássica, mas com destaque às produções literárias. Tresoldi (2016) desenvolve reflexões, entre outros fatores, acerca da influência oriental na literatura grega, estabelecendo conexões entre as produções mítico-literárias, por assim dizer, do Oriente e das produções helênicas. Assim, o autor afirma que as coincidências entre as produções são aparentes, pois "em ambas as tradições a terra é 'ampla e escura', os deuses 'ouvem as vozes suplicantes', os vencidos em batalha 'comem poeira', as palavras 'fluem como mel', belas mulheres são 'iguais às deusas' [...]" (TRESOLDI, 2016, p.199). No decurso de seu texto, Tresoldi (2016) aborda ainda a relação entre forma e conteúdo a respeito das produções literárias, considerando as obras homéricas e hesiódicas, e afirma:

Se as estruturas e as fórmulas são análogas, as formas narrativas da poesia grega, em especial o hexâmetro datílico, são indo-europeias, não se encontrando nenhuma forma de similar complexidade no Oriente [...]. Em nossa discussão de assimilação da alteridade, podemos reconhecer o trabalho atribuído aos nomes de Homero e de Hesíodo como uma incorporação à *forma* indo-europeia, o hexâmetro datílico, do *material* oriental. É assim que West trabalha a *Teogonia*, na qual há tempo se concorda sobre a influência dos motivos orientais, sempre defendendo sua posição, bastante contestada, desta obra ser anterior às

épicas homéricas. Compara-se sua narrativa, em especial a teomaquia, a modelos hurrítas, e evidenciam-se os paralelos orientais de mitos gregos, como o cabelo mágico que garante superpoderes, os irmãos gêmeos que lutam no útero, a pessoa que escapa de uma perseguição pedindo em oração que seja transmutada em animal ou planta, o herói que se finge enlouquecido para escapar do alistamento, e tantos outros (TRESOLDI, 2016, p. 199. Grifo do autor).

A afirmação de Tresoldi (2016) toca em um ponto importante, especificamente sobre as questões de forma e de conteúdo, posto que isso suscita debates sobre a própria formação da literatura grega clássica, tendo seus representantes em Homero e Hesíodo na afirmação do autor. Com isso, é possível perceber a importância da literatura nos entremeios das confluências culturais que envolvem a cultura helênica, tendo em vista a representação da qual fala Said (2007) e o fato de que tais influências recaem também sobre as produções literárias, tanto na forma quanto no conteúdo, e, também, porque a própria gênese das obras acalora os debates sobre a primazia dos conceitos e reflexões atribuídos aos gregos. Dessa maneira:

Compreendendo estes textos na série épica em que se inseriram, confirmamos e jogamos luz sobre sua alteridade. Uma dessacralização, que ilumina nossas épicas e comprova a maestria e virtuosismo presentes em sua assimilação de uma tradição diferente; textos que reconhecem suas dívidas sem se fazerem dependentes dos originais. O fim programático, claro, é demonstrar como a supressão da crítica tradicional, resgatada apenas quando útil, pode e deve ser aplicada a todo material clássico, concedendo-lhe uma renovada beleza sob uma nova luz, mas também garantindo – como pode ser verificado pelos elementos orientais da *Odisseia* – que as dificuldades são esperadas, pois se trata do produto de um mundo outro (TRESOLDI, 2016, p. 201).

O que assevera Tresoldi (2016) sintetiza de maneira pertinente a importância das reflexões a respeito das influências sobre a literatura grega, bem como na cultura grega em geral, pois evidencia que isso não deprecia o legado helênico, e sim lança luz à complexidade histórica inerente a ele. Assim sendo, é possível afirmar que o debate contribui para a compreensão da cultura helênica na medida em que se fazem mais nítidos os seus contornos e os seus contrastes. Além disso, por mais que os debates em torno da gênese dos mitos, das ideias, dos personagens e das formas e conteúdos literários gerem contrapontos e pensamentos até mesmo provocativos, não se perde de vista a construção de conhecimento e a qualidade das reflexões realizadas a partir de tais obras.

São inegáveis as contribuições de *Iliada* e *Odisseia* para a literatura, as ponderações de Platão e Aristóteles, por exemplo, para se pensar o próprio objeto literário e outras questões que até a contemporaneidade são pertinentes, tragédias como *Édipo Rei*, de Sófocles, que inspiram reflexões como o complexo de Édipo, de Freud. Além disso, a epopeia, por exemplo, manteve-se como importante gênero literário com obras como *Os Lusíadas*, de Camões, além de personagens simbólicos dessa cultura que se fazem presentes em textos como *O silêncio das sereias*, de Kafka, para citar apenas dois exemplos em relação à literatura. Dessa maneira, é possível concluir que, mesmo diante dos debates acerca dos desdobramentos e condições da influência helênica no Ocidente, a contribuição das produções em si não pode ser negada.

As obras literárias citadas se configuram, portanto, como produções culturais que corroboram ainda mais a influência do helenismo em diversas nações. Como já exposto, muitos debates acerca do helenismo colocam em perspectiva tanto a forma de influência quanto o próprio conteúdo das produções, porém, tal debate não diminui tal legado e sim o torna ainda mais interessante na medida em que o seu sincretismo cultural traz culturas outras que, por diferentes motivos, eram ignoradas enquanto produtoras de cultura e de conhecimento.

Além disso, as produções literárias demonstram a importância da arte literária nos desdobramentos da influência do helenismo no Ocidente, tendo em vista a intertextualidade com outras áreas do conhecimento e, também, com produções literárias de outras nações, a exemplo de Kafka e Camões, citados anteriormente. Certamente, assim como nas práticas e costumes de outras nações, a cultura helênica exerceu influência em literaturas de outros países de maneiras diferentes e, nesse sentido, cabe então refletir de que maneira o helenismo, considerando suas obras, mitos e outros aspectos, exerceram influência especificamente sobre a literatura brasileira.

1.2 Helenismo na literatura brasileira: entre a forma e o conteúdo

A literatura brasileira, no decurso de sua formação, foi influenciada por diferentes fatores e, dentre eles, está o helenismo. Para muitos escritores brasileiros, de diferentes escolas literárias, os aspectos formadores da cultura helênica foram fontes de inspiração, modelo a ser seguido, ideais a serem alcançados e até mesmo objetos de crítica em diferentes gêneros textuais. Além disso, é importante ressaltar que a presença helênica se manifesta nas produções literárias brasileiras de diferentes maneiras, como no estilo de

escrita, temática, referências a personagens e obras pertencentes a essa cultura, tanto de ordem filosófica quando de ordem mitológica, e até mesmo para negar ou discordar da atuação helênica na literatura nacional.

Tendo isso em vista, na presente seção será realizado um levantamento crítico a respeito do helenismo na literatura brasileira, considerando o fato de a cultura helênica se fazer presente nas obras de diferentes literatos no Brasil. Isso é perceptível tanto nas obras literárias quanto nos apontamentos e análises da própria crítica especializada, além de trabalhos acadêmicos que abordam diferentes vieses da presença greco-romana, ou greco-latina, na literatura brasileira. Os árcades, por exemplo, tinham nos mitos gregos o ideal do belo que representa a realidade aos moldes da filosofia cartesiana, como afirma Alfredo Bosi (2006). Tal fato também é observado por Thais Fernandes (2017, p. 35), quando afirma que no Arcadismo "a literatura latina ocupava uma posição central dentro do polissistema literário brasileiro, servindo de modelo aos escritores que procuravam imitar suas obras literárias as formas e temas da literatura clássica".

Cabe ressaltar que a própria ideia que dá nome ao Arcadismo, também chamado de setecentismo ou neoclassicismo, tem suas raízes em terras gregas, tendo em vista que o termo faz referência à Arcádia, uma província localizada na região do Peloponeso, na Grécia. Além disso, como se sabe, algumas das principais características do Arcadismo brasileiro são semelhantes às que eram presentes nos escritos de árcades europeus, como a exaltação da natureza, a crítica à vida urbana e ao êxodo rural ascendentes e, como já mencionado, uma escrita que buscava atingir o modelo clássico. Dessa tradição literária são bastante representativos autores como Claudio Manuel da Costa, com a publicação de *Obras Poéticas* (1768), Santa Rita Durão, com *Caramuru* (1781), Basílio da Gama, que escreveu *O Uruguai* (1769), entre outros.

Outro fator importante a ser destacado é que obras como *Caramuru* (1781) e *O Uruguai* (1769) são poemas épicos, fazendo com que seja ainda mais perceptível a influência clássica nesses autores. A mescla de forma e conteúdo advindos das literaturas clássicas, grega e latina, faz com que o Arcadismo seja, entre outras coisas, um movimento literário que representa a influência da cultura clássica nas letras brasileiras. Porém, o que salta aos olhos é a permanência do helenismo na literatura nacional, considerando as transformações pelas quais passou o Brasil e, conseqüentemente, os modos e critérios para a produção literária. Tal permanência é um tema de complexo entendimento, posto que no decorrer do tempo o helenismo esteve entre a glória e o limbo entre os autores brasileiros. No caso dos árcades do século XVIII, tanto a temática quanto

a forma, herdadas da cultura clássica, tinham contornos bem definidos e, em alguma medida, compreendia-se que era até mesmo justificável tal inspiração.

Isso porque os escritores árcades eram influenciados pela intenção de uma volta a um equilíbrio natural e simples, em oposição ao formalismo linguístico do Barroco e, como já indicado, tal ideal de beleza era buscado nos mitos gregos. Além disso, é importante ressaltar que no período do Arcadismo brasileiro havia, também, um considerável número de traduções de obras latinas, tal fato também é um pertinente ponto a ser considerado, uma vez que muitas vezes os escritores árcades procuravam imitar os autores clássicos, como já apontado anteriormente. Por conta disso, os autores da época tiveram muito contato com tais traduções, sendo os próprios árcades, muitas vezes, os próprios tradutores, como afirma a já citada Thais Fernandes (2017, p. 73-74): "as primeiras traduções importantes vão surgir somente ao final do século XVIII, feitas pelos próprios árcades mineiros".

Além disso, Fernandes (2017) aborda, também, a circulação de traduções clandestinas, por conta da proibição imposta na colônia por conta do receio que os portugueses de então tinham em relação a uma possível independência dos colonos. Porém, ironicamente, ao fugir de Napoleão, a família real traz consigo os volumes que compuseram a Biblioteca Real, que posteriormente se tornou a Biblioteca Nacional. Nesse sentido, as traduções de obras latinas se configuram também como indício da influência helênica, fazendo com que seja ainda mais compreensível a existência de uma literatura ilustrada pelos autores neoclássicos através das penas helênicas. Com isso, tanto a própria ideia de civilização quanto a noção de que os ideais de beleza seriam alcançados através da imitação dos moldes clássicos do fazer literário se unem na necessidade que os árcades tinham do referencial helênico. Soma-se a isso a própria ideia de recuperação de um belo perdido que já se manifestava no Renascimento europeu. Assim, cabe então ressaltar uma tabela feita também por Thais Fernandes (2017), na qual a autora coloca traduções de algumas obras realizadas já no final do período do Arcadismo, entre os anos 1808 e 1830.

Tabela 1 - Traduções realizadas no fim do Arcadismo

Autor	Título da obra	Tradutor	Editor	1º Edição
Horácio	<i>Arte Poética Q. Horácio Flacco</i>	Antonio José de Lima Leitão	Typographia de Manoel Antonio da Silva Serva	1818
Virgílio	<i>As bucólicas, as geórgicas e Eneida</i>	Antonio José de Lima Leitão	Typographia Real	1818-19
Horácio	<i>As odes</i>	Tradutor desconhecido	J. G. Tourinho	1824
Virgílio	<i>Poesias avulsas de Américo Elísio</i>	José Bonifácio	Editora desconhecida	1825
Tito Lívio	<i>História Romana</i>	José Vitorino Barreto Feio	Off. De Langhof	1829
Tácito	<i>Anais</i>	José Liberato Freire de Carvalho	J. P. Aillaud	1830
Ovídio	<i>Remédios d'amor e queixume de Dido contra Eneas</i>	José Bento Said	Imprensa do Governo	1831

Fonte: Fernandes (2017)

Como se observa, dentre as obras traduzidas, sete são dos poetas líricos latinos Horácio, Virgílio e Ovídio. Convém ressaltar, entre as obras da tabela, a *Arte Poética*, que exerceu influência em literatos tanto na Europa, especialmente na França, quanto no Brasil, no caso dos árcades, considerando o fato de que, no livro, Horácio apresenta conselhos sobre o fazer poético. Fato é que, mesmo em vias de superação no Brasil, a influência helênica ainda pode ser percebida também através dessas e de outras traduções existentes na época. Assim, no decurso de diferentes reflexões sobre a influência da cultura clássica sobre os árcades, há uma justificativa de fundo civilizador, por assim dizer, que se pautava na compreensão de que a ostentação de tal cultura, bem como o fato de uma nação ser possuidora de poetas e de uma literatura tão nobres quanto possuíam os mais belos tempos da Grécia, era um indicativo de que tal nação era

civilizada e atendia a preceitos que a qualificavam como tal. Dessa forma, o arcadismo, tanto nas formas de fazer poesia quanto na temática bucólica, remete-se ao helenismo em suas produções, posto que nos diferentes lugares havia nos escritores o mesmo sentimento bucólico e a mesma figura representativa disso. Wellington Stefaniu (2016, p. 229) informa que:

Com a figura do *Bom Selvagem* o escritor árcade esperava encontrar um perfeito representante de um mito natural, próprio de seu país. No Brasil, esse mito foi identificado no helênico pastor de ovelhas e também no aborígene, o homem nativo que, na sua "inocência" e *Aurea Mediocritas* se opunha aos valores aristocratas, preferindo viver puro e cauto, pacificamente em seu ambiente. Assim, o intelectual burguês viu nesse mito brasileiro um ser que poderia se contrapor ao poder aristocrático da corte.

O que é dito por Stefaniu (2016) sintetiza o que era colocado como ideal pelo Arcadismo e, além disso, identifica o "helênico pastor de ovelhas" como alegoria do modelo de vida a ser seguido para escapar dos valores aristocratas então emergentes. Entre os diferentes fatores que compunham a literatura árcade, elementos nacionais como a natureza eram descritos como um modo de exaltá-los enquanto componentes de valor do Brasil. Entretanto, apesar de estarem em coexistência, o pastor de ovelhas helênico e o aborígene brasileiro, identificado na figura do indígena, havia o fato de que, em relação à sua forma, as obras dos árcades ainda eram pautadas no modelo clássico. Mesmo assim, existiram considerações sobre essas produções literárias que as qualificavam como representantes valorosas de uma literatura que poderia ser considerada representante brasileira, mesmo em um contexto colonial, como é o caso das asseverações de Ferdinand Denis (1826)

Para que seja entendida a importância do autor para as reflexões aqui empreendidas, é necessária uma pequena digressão. Dentre os três principais estrangeiros⁵ que versaram sobre uma possível literatura brasileira na época colonial, sua origem e possível originalidade, Ferdinand Denis (1826) se destaca porque, diferente dos demais, esteve no Brasil para fazer uma conexão e, quando avistou o lugar e as pessoas, encantou-se e produziu material crítico a respeito de diferentes características do que via, como a paisagem, o povo e a literatura. Nesse sentido, o historiador contribuiu

⁵ Os outros dois estrangeiros são Friedrich Bouterwek e Simonde de Sismondi que são, respectivamente, francês e suíço. As contribuições dos autores são apresentadas em Martins (2009).

sobremaneira com a gênese de um cânone do romantismo no Brasil, ao se aproximar de homens de Letras brasileiros que estavam ou visitavam a França.

Em sua obra intitulada *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du résumé de l'histoire littéraire du Brésil*, o autor realiza, como já indica o título, resumos das literaturas de Portugal e do Brasil e, nessa esteira, afirma que o Brasil "éprouve déjà le besoin d'aller puiser ses inspirations poétiques à une source qui lui appartienne véritablement; et dans sa gloire naissante, il nous donnera bientôt les chefsd'œuvre de ce premier enthousiasme qui atteste la jeunesse d'un peuple"⁶ (DENIS, 1826, p. 515). O que se percebe, então, é a gênese de uma mudança de paradigma, por assim dizer, nas ideias que pululam as mentes dos homens de letras brasileiros que, através de suas penas, deveriam então se inspirar e representar ainda mais o fator nacional. Nesse sentido, como o Brasil já havia assimilado a língua europeia – o português – a proposta de Ferdinand Denis é a rejeição da influência então reinante no que já havia de literatura produzida à época:

Si cette partie de l'Amérique a adopté un langage qu'a perfectionné notre vieille Europe, elle doit rejeter les idées mythologiques dues aux fables de la Grèce: usées par notre longue civilisation, elles ont été portées sur des rivages où les nations ne pouvaient bien les comprendre, où elles auraient dû toujours être méconnues; elles ne sont en harmonie, elles ne sont d'accord ni avec le climat, ni avec la nature, ni avec les traditions. L'Amérique, brillante de jeunesse, doit avoir des pensées neuves et énergiques comme elle; notre gloire littéraire ne peut toujours l'éclairer d'une lueur qui s'affaiblit en traversant les mers, et qui doit s'évanouir complètement devant les inspirations primitives d'une nation pleine d'énergie (DENIS, 1826, p. 515-516).⁷

Nesse sentido, o que é afirmado por Denis (1826), ao advogar por uma literatura que pudesse ser reconhecida como nacional no Brasil, indica que deveriam ser rejeitados

⁶ já sente a necessidade de ir buscar as suas inspirações poéticas a uma fonte que verdadeiramente lhe pertence; e em sua aurora, logo nos dará as obras-primas desse primeiro entusiasmo que atesta a juventude de um povo. (Tradução nossa).

⁷ Se esta parte da América adotou uma linguagem aperfeiçoada por nossa velha Europa, deve rejeitar as ideias mitológicas devidas às fábulas da Grécia: desgastadas por nossa longa civilização, elas foram levadas para terras onde as nações não podiam entendê-las bem, onde eles sempre deveriam ter sido mal interpretados; não estão em harmonia, não estão em harmonia nem com o clima, nem com a natureza, nem com as tradições. A América, brilhando com a juventude, deve ter pensamentos novos e energéticos como ela; nossa glória literária nem sempre pode iluminá-la com um brilho que se enfraquece à medida que atravessa os mares e que deve desaparecer completamente diante das inspirações primitivas de uma nação cheia de energia.

os mitos e fábulas da Grécia para que fossem evidenciados os personagens e a paisagem nacional, o que resulta, então, na exaltação do indígena em detrimento de Egeu ou Apolo. É importante notar que Denis (1826), em suas produções sobre a literatura brasileira, realiza análises críticas de obras como *Caramuru* de Santa Rita Durão, *O Uruguai*, de Basílio da Gama, entre outros. Sobre os dois poemas citados, Denis (1826) considera que fazem parte da fundação das letras nacionais, o que também será apontado por outros homens de letras que refletem sobre as influências da cultura greco-romana na literatura feita no Brasil, tendo em vista o fato de que tematizam o índio que, como já afirmado, é o personagem a representar por um tempo a literatura nacional.

Porém, mesmo com tais considerações, a questão de fundo helênico era vista por Denis (1826) como algo prejudicial à formação da literatura brasileira, como já abordado. Nesse processo, o bucolismo e o neoclassicismo árcade perdem força pois, por mais que houvesse a tentativa de representar os elementos naturais brasileiros, era apontado por uma crítica então nascente o fato de que as obras que pululavam a literatura brasileira eram pintadas em demasia com cores gregas. Tais críticas foram fortemente influenciadas pelas ideias de Ferdinand Denis (1826) e pelo próprio contexto da época, considerando a recém independência do país e o florescer de uma literatura nacional.

Dentre as diferentes produções críticas a esse respeito, é válido destacar o ensaio intitulado *Sobre a história da literatura brasileira*, de Gonçalves de Magalhães. No texto, o autor retoma uma crítica que já vinha sendo desenvolvida na *Niterói, revista brasiliense*, que, em resumo, repudiava os padrões clássicos externos e o uso da mitologia pagã em detrimento de aspectos totalmente nacionais nas obras literárias brasileiras, como é possível perceber em um trecho do ensaio de Magalhães (1836, p. 144): "vós, que consumistes vossa mocidade no estudo dos clássicos Latinos ou Gregos, vós que ledes Voltaire, Racine, Camões ou Filinto, e não cessais de admirá-los muitas vezes mais por imitação, que por sua própria crítica, apreciáis vós as belezas naturais de um Santa Rita Durão, de um Basílio da Gama, de um Caldas?". Nessa perspectiva, no decurso de seu texto, Magalhães afirma:

A Poesia do Brasil não é uma indígena civilizada, é uma Grega, vestida à Francesa, e à Portuguesa, e climatizada no Brasil; é uma virgem do Hélicon, que, peregrinando pelo Mundo, estragara seu manto, talhado pelas mãos de Homero, e sentada à sombra das palmeiras da América, se apraz ainda com as reminiscências da Pátria, cuida ouvir o doce murmúrio da Castália, e o trépido sussurro do Lodon, e do Ismeno, e toma por um rouxinol o sabiá, que gorjeia entre os galhos da laranjeira.

[...]. É rica a mitologia, são belas suas ficções, mas à força de serem repetidas, e copiadas, vão desmerecendo, além de quê, como o pássaro da fábula, despimos nossas plumas para nos apavonarmo-nos com antigas galas, que nos não pertencem. [...]. O que mais dá realce, e nomeada a alguns dos nossos poetas não é certamente o uso destas ficções; mas sim outro gênero de belezas naturais, não colhidas nos livros, mas que só a Pátria lhes inspirara. Ora tão grande foi a influência, que sobre o Gênio Brasileiro exerceu a Grega mitologia transportada pelos Poetas Portugueses, que muitas vezes Poetas Brasileiros em pastores se metamorfoseiam, e vão apascentar seu rebanho nas margens do Tejo, e cantar à sombra das faias (MAGALHÃES, 1836, p. 146).

O que é afirmado por Gonçalves de Magalhães (1836) indica, então, o espírito de uma época da literatura brasileira que, por conta dos fortes apontamentos da afirmação, estava já em vias de ser modificado, devido ao ideal romântico da representação nacional que deveria ser feita através da literatura de um país. Nesse sentido, o que se percebe é a negação de elementos que exerciam influência sobre a produção literária brasileira e, entre eles, o aspecto grego. Assim, no decurso da formação da literatura brasileira, a escola literária que passa a vigorar após o Arcadismo, o Romantismo, de acordo com diferentes críticos, rompe com a tradição clássica para valorizar ainda mais os elementos estritamente brasileiros para que fosse construída, grosso modo, uma identidade nacional de um país recém-independente em 1822.

É importante ressaltar que, em relação à definição, formas e temas, há diferentes discussões que pairam sobre o Romantismo, tendo em vista a divisão positivista interna da escola literária em três gerações e as diferentes temáticas envolvidas nos estudos que se detêm sobre esse período na literatura: a subjetividade, o indianismo, a afirmação nacional, entre outros. Dessa forma, a breve abordagem aqui realizada do movimento romântico, nascido na velha Europa do século XIX, aponta para o fato de que não haveria, então, lugar para os mitos helênicos nas produções literárias futuras, pois a questão civilizatória nesse contexto não se relacionava mais à cultura helênica.

Em outras palavras, a intenção de construção civilizatória tem sua fonte de influência alterada, posto que nos árcades tinha o referencial era o helenismo, e no contexto do nascimento do romantismo a construção da civilização necessita da representação de fatores nacionais evidenciados na linguagem, por exemplo, e, talvez principalmente, na temática das produções literárias. Assim, as referências aos mitos helênicos são cada vez menos comuns nas produções literárias no Brasil, fazendo existir um período no qual a temática nacional aparecia sem o véu helênico a cobrir-lhe o rosto

e o corpo. Tal mudança, no entanto, não significou a extinção do helenismo nas letras brasileiras.

A presença do helenismo nas produções brasileiras perdura por mais tempo, tendo em vista que, em vários momentos da literatura nacional, a cultura helênica permaneceu entre os escritos de diferentes autores e de formas variadas, principalmente com o advento do Realismo e do Parnasianismo. No ensaio intitulado *A Grécia no Brasil*, texto capital para compreender a presença do helenismo nas letras brasileiras, Brito Broca (2005) faz apontamentos críticos a respeito do helenismo na literatura brasileira e apresenta diferentes motivos para que isso ocorra, além da forma com que certos autores brasileiros tratam a Grécia em seus escritos. O crítico, no início de seu texto, resume os momentos em que o helenismo teve maior e menor prestígio entre os literatos e dá destaque ao modo como Machado de Assis aborda os mitos helênicos. Segundo Broca (2005, p. 153):

A geração romântica no Brasil, como em toda parte, reagira contra os deuses do Olimpo, estabelecidos na literatura com o classicismo e principalmente com o Arcadismo. Em 1868, Machado de Assis fez representar uma peça em verso, *Os deuses de casaca*, que encerrava uma sátira à mitologia grega, ainda sobrevivente, por certo, em muita poesia da época. Na comédia de Machado, os deuses convencidos de que os homens já não lhes aceitavam a divindade, resolvem transferir-se para a terra e cavar a vida em profissões práticas, como qualquer mortal. Daí a alguns anos surgiram as primeiras manifestações do Parnasianismo entre nós, e com isso os deuses iriam readquirir o prestígio antigo, para acabar retornando ao Olimpo, com maiores poderes ainda, e implantando a hegemonia da Grécia na literatura brasileira. Machado de Assis foi, no entanto, dos poucos que souberam subtrair-se a essa influência, envolvendo personagens gregos em alguns contos, emprestou-lhes quase sempre um caráter satírico que os tornou semelhantes aos comparsas de *Os deuses de casaca*.

O que é afirmado por Brito Broca (2005) sintetiza, em grande medida, o que há na crítica especializada sobre o caminho percorrido pelo helenismo entre as fases da literatura brasileira. Além disso, cabe ressaltar o que diz o crítico a respeito de Machado de Assis e o helenismo em seus escritos e, por esse prisma, é possível compreender que, em relação a outros escritores, o autor de *Dom Casmurro* adiciona o helenismo em seus textos fazendo usos de artifícios que diferem do que é criticado por Broca (2005) em outros literatos. Como já dito, na peça *Os deuses de casaca*, a ironia machadiana é trazida à baila para criticar outros literatos que eram devotos da Grécia, posto que os deuses descem do Olimpo, que, alegoricamente, poderia representar o Olimpo recriado pelos escritores de então.

Além disso, é interessante observar que Machado realiza tal crítica através de versos em uma peça de teatro e, considerando que na própria Grécia era exatamente essa a manifestação artística pela qual se representavam os deuses, o fato de o escritor ter escolhido exatamente o teatro para tecer sua crítica parece não ter sido ao acaso, o que torna ainda mais pontual a crítica machadiana através da ironia que há em os deuses serem destronados através do mesmo gênero textual que deu a eles a glória. Dessa maneira, bem como em outros aspectos da literatura produzida no Brasil, Machado de Assis é destacado pela crítica especializada também pelo modo como incorpora a cultura helênica em suas produções, que difere dos parnasianos citados por Brito Broca (2005), o que faz ainda mais significativa a peça citada pelo crítico.

Porém, há outros meios pelos quais o helenismo se manifesta nos escritos de Machado de Assis, diferentes de seu traço irônico. Isso porque, apesar das críticas, Machado não deixa de citar tais mitos em seus textos e, além disso, nem sempre essas citações são acompanhadas da ironia. Jacyntho Lins Brandão (2001), ao analisar a presença da Grécia nas obras machadianas, afirma que "A Grécia de Machado de Assis não é nenhum espaço sagrado, consagrado, intocável, acabado – pelo contrário, é aquela dimensão em que predomina a *imperfeição*, isto é, justamente a abertura que permite a outras épocas e lugares uma multiplicação de entenderes" (BRANDÃO, 2001, p. 372, grifo do autor).

Subentende-se da afirmação de Brandão (2001) que nas obras machadianas a Grécia também se faz presente, mas não como ornamento de um estilo que se pretende precioso, como afirma Brito Broca (2005) sobre outros autores, mas como conteúdo que, dotado de reflexões que se fazem pertinentes com o passar do tempo, dá consistência às perspectivas, sobre diferentes temas e conceitos, construídas nas obras literárias. Nesse sentido, cabe observar que em Machado de Assis o helenismo não é anulado como influência do fazer literário; a diferença que se mostra, em relação a outros literatos, é a ausência de devoção à cultura helênica. Ainda sobre essa Grécia machadiana, Brandão assevera:

Há comentadores que estranham o fato de Machado de Assis, citando os gregos, usar indiscriminadamente nomes latinos (Júpiter em vez de Zeus, Juno em lugar de Hera, Vulcano por Hefesto, etc.). Um descuido? Um descuido sim, imperdoável, se ele fosse um daqueles rapazes que, em Oxford, folheiam o remo e Hesíodo. Entretanto, no nosso escritor, trata-se de nada menos que um recurso a mais para demonstrar a própria diversidade dos gregos, cujo triunfo mais notável é a transmissão

plurilíngue: mesmo que o grego antigo tenha emudecido, nem por isso os antigos deixam de falar-nos (BRANDÃO, 2001, p. 368).

Residem nas palavras de Brandão (2001) mais elementos que demonstram a influência helênica também em Machado de Assis, mostrando até mesmo uma característica em comum com os autores apontados por Brito Broca em seus escritos: a citação dos mitos e dos deuses. Depreende-se disso que "subtrair-se a essa influência", como foi dito por Brito Broca, não significa que a influência helênica está ausente do legado literário de Machado de Assis, e sim que o literato não a utilizava apenas para elemento estetizante e sinalizador de uma certa intelectualidade. Adiciona-se a isso o fato de Machado de Assis também citar os nomes dos mitos em seus escritos literários, tal qual faziam os parnasianos, o que configura a presença do helenismo em Machado de Assis como um fator relevante e auxilia no entendimento de que o escritor não condenava a influência helênica, mas sim sua exacerbação.

Isso também pode ser compreendido através das crônicas por ele escritas, abordadas em pesquisa de Ionara Satin (2013), que analisa a presença da cultura helênica nas crônicas que Machado de Assis publicou na *Gazeta de notícias*. A autora entende que, "quando Machado recupera um elemento da antiguidade clássica, insere-o de acordo com o contexto cultural e histórico próprio daquele momento presente" (SATIN, 2013, p. 31). Tal afirmação reforça a ideia de que o autor tinha a antiguidade clássica como uma fonte de sabedoria, não de adoração, pois, como o próprio escritor afirma em uma de suas crônicas: "Nem tudo tinham os antigos, nem tudo têm os modernos; com haveres de uns e outros é que se enriquece o pecúlio comum" (ASSIS, 2008, p. 148 apud SATIN, 2013, p. 31). Dessa maneira, evidenciam-se as diferenças encontradas pela crítica especializada entre os escritos machadianos e os de outros autores em relação ao helenismo.

Sobre estes, o que se percebe através dos diferentes estudos que abordaram o tema é que a utilização dos mitos, personagens e formas helênicas ressurgiu, após o neoclassicismo árcade e o ideal romântico que criticou ao limite o helenismo nas letras brasileiras, como modo de adornar as obras literárias com descrições grandiloquentes e subentender uma erudição por parte de quem escreve tais textos. Brito Broca (2005, p. 153), em relação à Grécia nas produções literárias de muitos escritores, afirma que "alguns citavam-na a cada passo, porque realmente lhe conheciam a história e frequentavam os mestres da Antiguidade clássica; outros helenizavam de oitiva, porque ninguém podia considerar-se verdadeiramente culto, se não falasse em Heitor, Ajax e no

cerco de Troia". A respeito da pretensão de demonstrar erudição através das citações dos aspectos helênicos, Broca (2005) entende que se trata de uma ornamentação artificial a qual ele dá o nome de "Grécia de cartolina". Segundo o crítico:

Era geralmente uma Grécia de cartolina, puramente decorativa, nada tendo de comum com o verdadeiro espírito helênico, que dominava por toda a parte. Dela usou e abusou, como todo mundo sabe, Coelho Neto, decerto um dos maiores responsáveis pela propagação dessa mania. Mas foram muitos os culpados. João do rio, cujo brilho do estilo mal disfarçava a cultura apressada e superficial, citava a todo momento Sófocles, Eurípedes, as eumênides, etc., e ao descrever, por exemplo, numa emocionante evocação, a "Tragédia da Rocinha" – um homem enterrado no fundo de um poço, morrendo aos poucos, sem que ninguém pudesse socorrê-lo –, não deixava de carregar em Ésquilo e outros ingredientes gregos (BROCA, 2005, p. 154).

Diante da afirmação de Brito Broca (2005), é possível perceber que a "Grécia de cartolina" designa o uso exacerbado de referências helênicas para moldar o estilo de escrita com contornos gregos, sem necessariamente ter o espírito helênico como substância na construção dessas obras ou como fator que se ligue coerentemente à narrativa construída. Nesse sentido, cabe observar que, como afirma o próprio crítico, não eram poucos os literatos que, ao produzirem seus textos, faziam uso de componentes da cultura helênica para dotar seus escritos de possíveis ornamentos grandiloquentes. Broca (2005) também evidencia a participação do literato maranhense Coelho Neto, sem dúvida um declarado amante dos mitos gregos, podendo ser visto como um dos maiores representantes da influência do helenismo nas letras brasileiras, ao lado de João do Rio e outros escritores.

A respeito de Coelho Neto, cabe ressaltar que a fortuna crítica do escritor teceu importantes considerações sobre os aspectos da cultura helênica presentes nos diversos textos do prosador. Representante de renome da literatura academicista da passagem do século XIX ao XX, o prosador maranhense utilizou em seus escritos referências do helenismo tanto em crônicas e ensaios quanto em obras literárias e, com isso, grande parte da crítica enxergava nessa característica dos textos de Coelho Neto uma exacerbação do uso do helenismo, o que tornou o prosador maranhense, tanto na crítica da época quanto a posterior a ela, uma espécie de símbolo do modo como a Grécia e seus mitos influenciavam a literatura academicista de então. José Veríssimo (1904), que à época era colega de academia do escritor de *Rei negro*, não deixou de observar essa característica

nos escritos coelhonetianos. Assim Veríssimo (1904, p. 6-7) enxergava o helenismo em Coelho Neto:

O sr. Coelho Neto não é, como erradamente se julga, nem um Heleno, nem um primitivo, e menos ainda primitivo como homem da natureza. O que no mundo helênico, na obra literária da Grécia o seduz, o que ele sobretudo estima e aprecia, são os seus lados românticos, as exterioridades espetaculosas, os aspectos trágicos, romanescos, e mais o brilho e o colorido. [...]. Mas na sua obra, de todas as excentricidades gregas, orientais, bíblicas e setentrionais, há somente a impressão dos aspectos exteriores, a decoração, o cenário, nomes, expressões técnicas, a própria alma das cousas, essa não há encontrá-la.

Como se observa, o que Veríssimo (1904) critica a respeito do helenismo em Coelho Neto é a utilização das exterioridades provenientes da literatura grega em detrimento do conteúdo reflexivo presente nas produções provenientes da Grécia. Com isso, ao invés de ser um aditivo que promovesse a qualidade literária de Coelho Neto, para José Veríssimo (1904) a referência aos aspectos helênicos apresentados nos textos do literato maranhense demonstrava apenas a admiração que Coelho Neto tinha em relação à Grécia. Apesar de tais críticas, e contrariando o movimento modernista que então surgia e que tem seu símbolo na Semana de Arte Moderna de 1922, Coelho Neto continuou a apresentar em suas produções prosaicas referências ao helenismo, atitude que o colocou em um lugar complexo, por assim dizer, na história da literatura brasileira.

Isso porque, como afirma Bosi (2006, p. 198), "a fortuna crítica de Coelho Neto conheceu os extremos do desprezo e da louvação", por conta de uma série de fatores, sendo o helenismo em suas obras um dos principais motivadores de críticas que representam o desprezo citado por Bosi (2006), como se pode observar nos comentários feitos por críticos como José Veríssimo (1904) e grande parte dos literatos e críticos adeptos ao modernismo de então. Literato modernista e contundente crítico de Coelho Neto, Lima Barreto teceu duras críticas aos escritos de Coelho Neto e, por vezes, referia-se ao próprio escritor, afirmando que Coelho Neto seria "o sujeito mais nefasto que tem aparecido em nosso meio intelectual" (BARRETO, 1918 apud BOSI, 2006). Tais críticas eram motivadas pelo fato de que, como favorável aos ideais modernistas, Lima Barreto entendia que a produção literária brasileira deveria ser pautada em características que fossem totalmente nacionais e que se relacionassem com classes sociais menos favorecidas.

Assim sendo, o helenismo de Coelho Neto, na visão de Lima Barreto, era nocivo ao ideal de literatura do modernismo, pois as obras coelhonetianas possuíam em sua composição aspectos de uma cultura passadista que não mais veiculava as ideias que na época influenciavam o pensamento de muitos intelectuais e de escritores que se dedicavam a fazer literatura e refletir sobre ela e seu papel nacional. Segundo Maurício Silva (2020, p. 80), "em Coelho Neto a devoção ao helenismo espalha-se por toda a sua obra, das crônicas aos contos, atingindo vários romances do autor, com pequenas ou grandes referências à realidade ática, dando sustentação às suas figuras, à sua linguagem, aos seus exemplos". Neste breve trecho do texto de Silva (2020) é possível perceber o quão significativos são, nas obras de Coelho Neto, os ideais helênicos.

É possível vislumbrar isso em uma obra literária do próprio escritor, intitulada *A conquista* (1899), na qual há um diálogo entre os personagens Ruy Vaz (representando Aluísio Azevedo) e Anselmo Ribas (persona literária de Coelho Neto), em que o personagem Anselmo afirma: "A Grécia com os seus deuses e com os seus heróis, A Índia com os seus mistérios... isso sim! Sinto-me arrastado para essas idades. Amo o antigo e esse entranhado amor faz com que eu acredite na metempsicose. Eu fui grego, pelejei nas Termópilas" (NETO, 1899, p. 17). Diante disso, não se pode negar que Coelho Neto se destaca como um dos principais escritores quando é abordada a presença do helenismo na literatura brasileira.

Ainda nesse contexto, tem-se a figura de Graça Aranha, literato academicista do vigésimo século, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e que também buscou inspiração nos traços culturais do helenismo. Porém, no decorrer do tempo, tornou-se um dos principais críticos de tal tendência. Por conta disso, Graça Aranha passou a produzir textos condenando a presença do helenismo nos escritos dos autores de então, além de proferir discursos nos quais também tecia duras críticas à prática de citar os gregos em textos literários da época, em ocasiões nas quais estavam tanto os representantes do modernismo quanto membros da Academia Brasileira de Letras, instituição essa que representava, no recém espírito moderno de Graça Aranha, a imagem de um passado que já não tinha lugar na produção literária que deveria existir no Brasil. O seguinte trecho do livro *Espírito moderno*, de Graça Aranha (1925, p. 37-38), sintetiza bem as ideias para as quais migrou a compreensão do escritor maranhense:

A fundação da Academia foi um equívoco e foi um erro. No sentido em que comumente se entende ser uma academia, é esta um corpo de

homens ilustres nas ciências, nas letras e nas artes, consagrados pelo talento e trabalhos, sumidades espirituais de uma cultura coletiva. As academias são destinadas a zelar tradições e supõem um povo culto, de que são expoentes. Diante desse conceito, a Academia Brasileira foi um equívoco. Somos um povo inculto, sem tradições literárias ou artísticas, ou pelo menos de tradições medíocres, que seria melhor se apagassem. O fato de haver raros escritores ou artistas de primeira ordem não forma uma tradição. E é ridículo supor que as tradições são criadas pelas academias. A tradição não é um artifício. Vem do inconsciente coletivo e, se tem força para impor-se no curso do tempo, viverá a despeito das academias. O equívoco permaneceu, porque geralmente se imagina que um país de Academias literárias alimenta-se de um vasto manancial de produção, que é preciso reger e disciplinar. No Brasil não existe tal produção. A Academia está no vácuo. Não tem função possível a exercer, segundo a tradição acadêmica. E se tem função de regulamentar a inteligência e criar o academismo, ela é funesta. Foi seu erro inicial.

Percebe-se, então, que Graça Aranha (1925) passa a enxergar a Academia por um prisma negativo, considerando que não havia no Brasil uma tradição literária condizente com a literatura academicista da época e que, em recorrentes vezes, citava os gregos e era dotada de um preciosismo estético malvisto pelo *boom* modernista. Apesar de haver a tentativa de manter um discurso harmonioso que prezava pela coexistência das diferentes correntes literárias, a modernista e a acadêmica, discursos com o mesmo tom forte do trecho citado culminaram no total rompimento de Graça Aranha com os outros fundadores da Academia. Nessa esteira, é interessante ressaltar um fato aludido subliminarmente na crítica de Veríssimo (1904) anteriormente citada, que é o de o próprio Coelho Neto intitular-se um heleno.

Esse comentário faz alusão ao conflito entre o também maranhense Graça Aranha e Coelho Neto. Flaviano Menezes da Costa (2018, p. 05), em estudo que aborda os dois escritores maranhenses, afirma que, em determinado discurso, Graça Aranha se torna ainda mais incisivo em seus comentários, "zombando das críticas lançadas contra os jovens artistas e alertando, aos literatos mais experientes, da tragédia que poderia ocorrer, caso estes não se libertassem da arte melancólica dos antepassados e não acolhessem a nova linguagem e a impetuosa arte que se fazia brotar". Em dado momento de seu discurso, Graça Aranha (1925) afirma que, "se a Academia se desvia desse movimento regenerador, se a Academia não se renova, morra a Academia". É nesse momento que surge da plateia a voz de Coelho Neto, que assistia à palestra, ocasião assim descrita:

– Meu ilustre e querido conterrâneo Graça Aranha! Moços do meu país! Por um momento, o tumulto recua, todos ouvem Coelho Neto. Mas quando estende-se em elogios à Grécia, o alarido começa. Graça o contesta, discutem acaloradamente. – **Eu sou o último heleno!** ouve-se Coelho Neto gritar, em meio ao bate-boca, e o público cai na gargalhada. O fim de seu discurso já não pode mais ser ouvido. Um repórter, enfim, a escuta afirmar que Graça Aranha cuspiu no prato que comeu; do público gritam: - Viva Graça Aranha! Morra a Academia (AZEVEDO, 2002, p. 336-337 apud COSTA, 2018, p. 7).

Tal acontecimento pode ser entendido como um marco na divisão entre as duas correntes literárias quanto aos temas que deveriam estar presentes na intensa produção literária que havia na época. Além disso, não deixa de ser notável que tanto Graça Aranha quanto Coelho Neto, após o término do evento, saíram do recinto recebendo gritos elogiosos por parte daqueles que, ante o conflito posto, se posicionaram a favor de um ou de outro escritor. Isso evidencia ainda mais o acirrado conflito dos modernistas com o helenismo presente na literatura academicista do vigésimo século e o fato de que a cultura helênica não ficaria ausente das obras literárias dos escritores pertencentes à instituição que Graça Aranha passou a criticar com veemência por diferentes motivos, tendo os aspectos gregos presentes nas obras como um dos principais problemas. Porém, Brito Broca (2005) lembra que, dentre os escritores academicistas da época, Graça Aranha se destacava como um dos que mais fazia referências à cultura grega, não apenas em obras literárias, mas também em outros textos de sua lavra.

Segundo Broca (2005, p. 157) "ninguém era mais ‘grego’, na verdade, do que Graça Aranha, que em 1924 acabou se insurgindo contra a Grécia". Para comprovar o que afirma, Brito Broca faz alusão a uma carta escrita por Graça Aranha para Rio Branco, na qual o literato, ao falar sobre uma festa oferecida a Guglielmo Ferrero ocorrida no Itamaraty, Graça Aranha faz diferentes alusões aos personagens da cultura grega, como Cícero, Péricles e Atenas. Em determinada parte da carta, o escritor afirma o seguinte: "Ferrero jamais esquecerá esse momento grego no Brasil, em que ele foi recebido por Péricles – Rio Branco conversou com Platão –, Machado de Assis, e foi iluminado pelo olhar e pela frente de Minerva..." (apud BROCA, 2005, p. 158).

Como é possível perceber, apesar de seu combate contra a presença da Grécia nas letras brasileiras, Graça Aranha, em tempos anteriores, nutria uma forte admiração pelos aspectos helenos, admiração esta que Brito Broca (2005, p. 158), após avaliá-la, indaga: "Depois disso, que dizer do Helenismo de Coelho Neto?". Tal indagação, apesar do tom retórico que possui, não deixa de ser pertinente, posto que, mesmo com um helenismo tão

evidente nos escritos de Graça Aranha, literários ou de outra ordem, era nas produções de Coelho Neto que geralmente muitos adeptos do modernismo apontavam um exagero no uso de aspectos culturais advindos da cultura greco-romana. A isso podem ser associados fatores distintos, como o de que Coelho Neto publicou um número muito maior de obras do que Graça Aranha e teve maior destaque no cenário literário nacional, até mesmo por conta das duras críticas a ele dirigidas, fazendo com que a influência helênica fosse percebida com maior nitidez.

Por outro lado, há de se considerar que, diferente de Coelho Neto, Graça Aranha manifestou-se contra a "mania da Grécia" condenada pelos modernistas. Assim, o recente discurso do autor de *Canaã* era exaltado em detrimento do helenismo que se fez presente em seus escritos, mas ignorado ao mesmo tempo em que Graça Aranha "se convertia" ao modernismo. A louvação a Graça Aranha e a crítica depreciativa a Coelho Neto, dois escritores originalmente academicistas, suscita a percepção de que, para além do aspecto literário, a questão do helenismo na literatura brasileira do vigésimo século também se relaciona com a fidelidade a um grupo e os ideais por ele pregados. Isso porque, mesmo com a mudança nas ideias de Graça Aranha, seus escritos anteriores permaneceram disponíveis para leitura e ignorados pelo novo grupo do qual o escritor passou a fazer parte.

O conflito aberto entre Graça Aranha e Coelho Neto representa, além da coexistência de duas estéticas com ideais assumidos a respeito da literatura, os pesos e contrapesos debatidos entre os literatos da época e os embates realizados tanto em eventos abertos ao público quanto em páginas de livros e de jornais. Diante dos entremeios de tais conflitos entre os literatos a respeito do helenismo, bem como a sua presença nas letras brasileiras mesmo após o surgimento da estética romântica no século XVIII, é possível afirmar que a influência do helenismo na literatura brasileira possui diferentes fatores que vão além do desejo de cultivar as características culturais de um povo e da admiração que é possível ter pelas contribuições do mundo grego para o Ocidente.

Tal fator não escapa aos sentidos de Brito Broca (2005), que, em seu ensaio, identifica dois fatores que motivariam a força do helenismo entre muitos literatos. O primeiro deles é o advento dos esportes no território brasileiro que, a partir de sua intensificação, "começaram logo a ser encarados pelos escritores mais apegados à Grécia pelo prisma helênico" (BROCA, 2005, p. 154). No decurso de seu texto, o crítico afirma que Olavo Bilac, antes mesmo da popularização do futebol, já aludia à Grécia e que intensificou tais alusões quando surgiu a notícia das olimpíadas de Montevideo. Apesar

de deter seu foco em Bilac, Brito Broca (2005) reitera que outros autores também citavam os elementos culturais do helenismo em suas crônicas, mas, além das práticas esportivas, Brito Broca (2005) entende que outro catalisador de tal influência poderia ser de caráter sociológico. O crítico diz o seguinte:

Mas a questão apresenta outra face, um aspecto sociológico digno de realce. Essa mania da Grécia, como também da latinidade que de há muito prevalecia entre nós, era um meio, por vezes inconsciente, de muitos intelectuais brasileiros reagirem contra a increpação da mestiçagem, escamoteando as verdadeiras origens raciais, num país em que o cativo estigmatizara a contribuição do sangue negro. O movimento científico da Escola de Recife, sob a influência germânica, em lugar de proclamar a legitimidade de nossa formação étnica, carregara ainda mais no preconceito, levando-nos a ver na mestiçagem um fator de decadência da nacionalidade (BROCA, 2005, p. 157).

Ao formular tal hipótese, Brito Broca baseia-se em afirmações de diferentes literatos e críticos a respeito, por exemplo, de Machado de Assis. O crítico lembra de uma carta de Joaquim Nabuco endereçada a José Veríssimo na qual, ao falar sobre Machado de Assis, afirma que "A palavra não é literária, é pejorativa, basta ver-lhe a etimologia. De mais, o ser mulato em nada afeta a sua caracterização caucásica. Eu pelo menos vi nele o grego" (apud BROCA, 2005, p. 158). Reside na afirmação de Joaquim Nabuco o cerne de um importante debate que, no decorrer do tempo, foi abordado significativamente pelo meio acadêmico, qual seja, a negritude de Machado de Assis, já estudada por pesquisadores não apenas da área de literatura, mas também de história e outras mais.

O que interessa aqui é o fato de que, mesmo com o nítido fenótipo de Machado de Assis, Joaquim Nabuco o identifica como caucasiano e que "enxerga nele o grego" ao invés do mestiço. Assim, o que foi aludido por Brito Broca (2005) ganha ainda mais consistência, pois a rejeição ao caráter mestiço do escritor de *Esau e Jacó* se faz presente em tal afirmação. Além disso, Broca (2005) cita outros fatores, como o de Monteiro Lobato comparar a Grécia ao Brasil e afirmar, em carta enviada a Godofredo Rangel, que na terra grega havia beleza e no Brasil a disformidade. Alude, ainda, a outra afirmação de Monteiro Lobato quando este, ao andar pelas ruas do Rio de Janeiro, diz que a cidade é uma "contra-Grécia" e que a vingança dos negros trazidos da África se deu através da miscigenação que os amulou "dando aquela coisa residual que vem dos subúrbios pela manhã e reflui para os subúrbios à tarde" (apud BROCA, 2005, p. 159).

Como se sabe, há até os dias atuais o debate sobre uma inclinação racista nas obras de Monteiro Lobato e que existem afirmações em textos da época que demonstram certo preconceito racial. Entretanto, no presente estudo, é importante ressaltar que, de fato, as referências à Grécia que Brito Broca (2005) rememora tornam mais pertinente sua perspectiva sociológica a respeito do helenismo entre os literatos, tendo em vista que o racismo se faz presente nas correspondências de formas diretas, no caso de Monteiro Lobato, ou indiretas, como se viu na carta de Joaquim Nabuco sobre Machado de Assis. O que se observa, diante das perspectivas apresentadas até aqui, é que o helenismo na literatura brasileira pode se fazer presente por conta de diferentes fatores, tendo em vista a dívida que muitos literatos entendiam ter com a Grécia, por considerarem o legado cultural grego principalmente em relação à literatura. É isso que se observa na afirmação de Mauricio Silva (2020, p. 84):

Essa dependência – levada a sério pelos academicistas a ponto de cultivarem-na como um bem sagrado, merecedor do culto literário – teria ficado como um lastro cultural permanente na civilização. Daí lançarem mão – quase que indiscriminadamente – de temas e motivos de extração clássica. Semelhante pendor não se verificava apenas tematicamente [...], mas também formalmente, por meio do emprego de um estilo descritivista e dramaticamente grandioso, marcando suas obras com pendores épicos, sempre com a mesma correção gramatical e perfeição linguísticas que caracterizaram a inclinação formalista dos acadêmicos. A vinculação, aliás, da ideia de *helenismo* à de perfeição linguística e gramatical já estava presente na antiguidade clássica [...].

Tem-se no que é afirmado por Silva (2020) outro ponto no qual a cultura helênica influencia a literatura academicista, pois dentre os fatores mais importantes da própria literatura grega, já abordada anteriormente, estava a escrita. Com isso, o que Silva (2020) aponta, então, é uma característica estilística na qual o escritor opta por um estilo de escrita bastante formal, com pendores épicos e, além disso, uma miríade de vocábulos que dotavam as obras literárias de descrições grandiloquentes, mesmo que se referissem a situações do cotidiano. Como lembra Silva (2020), é nos romances de Coelho Neto que podem ser vislumbradas tais características, pois uma das marcas do prosador maranhense é o seu estilo de escrita. Esse aspecto das obras coelhonetianas já era abordado por seus contemporâneos, não apenas através das duras críticas modernistas, mas também de academicistas como o já citado José Veríssimo (1904).

Dentre esses, Humberto de Campos, outro literato maranhense e pertencente à Academia, tece críticas a respeito da escrita de Coelho Neto, que resumem o que se

considerava do estilo de escrita coelhonetiano. Campos (1962, p. 286), sobre Coelho Neto, afirma que "a sua alma é grega, sem dúvida; anima-lhe a inteligência o sopro helênico e sente-se, nas suas criações, a mesma ânsia de beleza e perfeição". Esse pequeno trecho apresenta, entre outras coisas, a busca de Coelho Neto pela primazia linguística em seus escritos, fazendo o escritor utilizar termos que se qualificavam como arcaísmos já no vigésimo século e torneios frásicos que dotavam suas obras com características que tinham a intenção de se assemelhar à literatura do helenismo. Mas, como já abordado, era uma influência que surgia com diferentes características, a depender do escritor que se deixasse inspirar pela cultura helênica. Além disso, as contribuições de obras literárias gregas para o Ocidente, como foi visto na seção anterior, são significativas para se considerar a admiração de muitos autores pelo helenismo. Nesse sentido, é pertinente a afirmação de Agrippino Grieco (1931, p. 38 apud SILVA, 2020, p. 78) a respeito da influência grega entre esses literatos:

Pode mesmo dizer-se que cada um de nós tem uma Grécia para seu consumo pessoal, cada qual a vê com a cor de suas lunetas, cada qual a aumenta ou diminui ao sabor de sua literatura [...]. A maioria procura uma zona de museu e de arquivo, de teatro clássico, uma zona de universitários em férias, uma zona de estampas e sonetos, efeminada, pretenciosa, uma Grécia que é em Portugal a dos arcades e no Brasil a dos parnasianos.

Assim, faz-se pertinente considerar que, mesmo em escolas literárias, escritores e obras nas quais a crítica especializada não identificou um helenismo tão nítido quanto nas produções do Arcadismo e nos autores parnasianos, é possível que os traços helênicos estejam inseridos em outras obras e sejam citados pelos autores de outras escolas literárias e épocas, ou até mesmo se configurarem como pontos importantes de diferentes produções literárias além do Arcadismo e do Parnasianismo, de forma mais significativa do que se pensa. Há um número significativo de obras que, por não fazerem parte de um cânone literário historicamente estabelecido, não puderam ser apreciadas de maneira mais detida, impedindo a avaliação do helenismo nelas presente e de influências outras que poderiam diferir daquelas que inspiravam os espíritos da época.

O exercício de crítica literária feito no Brasil ao longo do tempo proporciona um olhar amplo, que direciona as interpretações para diferentes pontos a serem considerados e que auxiliaram na formação de um cânone da literatura nacional. Mas, exatamente por conta de tal formação, cabe indagar: em que medida o estabelecimento de um cânone fez

com que a crítica literária considerasse determinados autores em detrimento de outros que não faziam parte de tal cânone? Seria o cânone um reflexo fiel das características da literatura de determinadas épocas, ou um traço em meio a outros aspectos da literatura dos períodos? O modo de se fazer crítica literária no Brasil a partir da leitura de uma obra por vez abrangeu a copiosa produção literária brasileira em relação aos fatores helênicos que influenciavam tais textos? Estas e outras perguntas fazem-se pertinentes quando se observa obras e autores singularizados pela crítica literária como representantes de um período ou escola literária.

Além disso, os questionamentos, indiretamente, apontam para o fato de que um dos efeitos de um cânone estabelecido é o esquecimento de obras outras que, produzidas em uma quantidade significativa, por vezes ficaram fora do escopo de análises literárias que pretendiam dissertar sobre a literatura de determinados períodos. Além disso, outra resultante é a compreensão de que certos autores e períodos literários eram influenciados apenas por fatores que se sobressaíam em relação a outros que, em maior ou menor grau, permaneciam no bojo de inspirações literárias, tendo em vista que as transformações da literatura brasileira aconteceram a partir de processos complexos, com influências múltiplas, dentre elas o helenismo. Tendo isso em vista, é válido que essa produção literária seja analisada por esse prisma, considerando as formas pelas quais tal análise pode ser realizada.

Para que isso seja avaliado com mais pertinência, os apontamentos da crítica especializada são de suma importância, pois, como já afirmado, tais considerações aumentam o número de matizes pelas quais as obras e os autores podem ser analisados. Porém, com o advento das humanidades digitais e da utilização de ferramentas computacionais, surgem novos prismas pelos quais uma grande quantidade de obras pode ser analisada, como é o caso dos escritos que fazem referência e podem ser influenciados pelo helenismo. Tais possibilidades de análises já fazem parte de diferentes pesquisas que envolvem a linguística e a literatura em diversas instituições e, considerando que isso altera de maneira significativa as formas de se realizar pesquisas na área de literatura, é importante que sejam considerados os diferentes fatores envolvidos na mescla entre o estudo de literatura e as formas de uso das ferramentas e dos dados produzidos a partir das novas tecnologias.

2. ENTRE O LITERÁRIO E O TECNOLÓGICO

O advento das tecnologias, cada vez mais popularizadas no século XXI, resultou em mudanças significativas nas dinâmicas inerentes às relações interpessoais, na difusão de ideias e, também, nas formas pelas quais a literatura é produzida, veiculada e analisada. Dentre os aspectos a serem citados nesse processo, houve o surgimento de bibliotecas na rede mundial de computadores que disponibilizam diversos livros em ambientes digitais, a presença cada vez maior de autores nas redes sociais, alterando certos processos de divulgação de suas obras, bem como a criação de softwares, ferramentas computacionais e modos de uso de dados para a análise de uma ou mais obras literárias. Os três fatores citados apontam para diferentes âmbitos nos quais notam-se mudanças em relação à literatura enquanto campo de estudo.

Nesse sentido, ao passo em que a tecnologia se envolve com o literário surgem teorizações a respeito dos modos pelos quais pode ser estabelecida tal relação, sem o prejuízo do fator literário no processo, bem como maneiras de se utilizar os aparatos tecnológicos na criação de obras para serem lidas especificamente em aparelhos tecnológicos e de utilização de dados em análises de obras disponíveis no ciberespaço. É nesse contexto que Franco Moretti (2000, 2008) populariza o que por ele é denominado *Leitura Distante* (Distant Reading). A proposta de Moretti coloca em perspectiva a utilização de aparatos tecnológicos para estudos em literatura que possibilitem interpretações diferentes das possibilitadas pela *Leitura Próxima* (Close Reading). Diante disso, no presente capítulo serão abordadas as implicações das tecnologias para a literatura, especificamente em relação à sua produção e veiculação, e, posteriormente, considerações feitas sobre a *Leitura Distante*.

2.1 Literatura e tecnologia: diálogos

Em seu ensaio intitulado *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, Walter Benjamin (1987, p. 169. Grifo do autor) afirma: "*No interior de grandes períodos históricos, a forma de percepção das coletividades humanas se transforma ao mesmo tempo que seu modo de existência*". No contexto do ensaio de Benjamin (1987), a afirmação se relaciona à análise feita pelo autor sobre os resultados produzidos através da possibilidade de reprodução em larga escala das obras de arte, como já indica o título do

texto. A relação entre percepção e modo de existência colocada por Benjamin (1987) pode ser interpretada em uma chave analítica que vai além da questão da reprodutibilidade por ele analisada.

Isso porque a própria ideia de percepção pode se estender a vários âmbitos da vida em sociedade, como é o caso das ideologias políticas, das estruturas sociais e, como abordado por Walter Benjamin (1987), das artes. Nesse sentido, a percepção dos objetos de arte sempre manteve uma relação com as maneiras pelas quais são produzidos e reproduzidos, posto que a própria gênese dos termos *técnica* e *tecnologia* – sendo este último o termo que norteia as reflexões da presente seção – é pautada por uma ideia de alteração, como afirmam Veraszto, et al. (2009). De acordo com os autores "as palavras *técnica* e *tecnologia* têm origem comum na palavra grega *techné* que consistia muito mais em se alterar o mundo de forma prática do que compreendê-lo" (VERASZTO, Et. Al., 2009, p. 21 Grifo nosso).

No decurso de seu estudo, os autores salientam que o termo *tecnologia* nasce da junção dos vocábulos *techné*, que no grego é "saber fazer", e *logia*, originada de *logus* e que significa "razão" (VERASZTO, et al., 2009). Dessa forma, considerando a sua gênese, a palavra *tecnologia* se refere, de forma geral, a uma razão de saber fazer, ou estudo da técnica em si. Porém, compreender tal termo apenas pela sua etimologia se mostra bastante limitador, tendo em vista que técnica e tecnologia, enquanto conceitos historicamente construídos e analisados, modificam-se e muitas vezes se misturam na utilização dos termos para se referirem a mudanças ocasionadas pelo domínio de certas ferramentas. Em seu livro intitulado *Filosofia da tecnologia: um convite*, Alberto Capuni (2016) tece considerações que auxiliam no entendimento sobre o entrelace existente entre as ideias de técnica e de tecnologia. Segundo o autor:

Desde meados do século XIX, a compreensão teórica das estruturas, a constituição e os processos do mundo natural e social começou a ser aplicada, sistematicamente, à produção massiva de artefatos. Tanto pelo volume quanto pela originalidade e o alcance da produção técnica embasada na ciência, a tecno-logia (isto é, a racionalidade – *logos* – científica aplicada) parece constituir algo diferente da técnica tradicional. Essa diferença é enfatizada, [...], por alguns estudiosos enquanto expressiva de certa atitude humana: a vontade e o domínio da Natureza, não necessariamente presente em toda e qualquer atividade técnica. No entanto, na medida em que toda técnica supõe um saber que pode ser formulado ou articulado, outros autores veem uma continuidade entre a técnica antiga e a moderna, o que justifica falar-se genericamente em tecnologia, embora se admita que a tecnologia moderna não seja inteiramente redutível à tradicional (assim como a

ciência moderna não é idêntica à ciência antiga e medieval) (CAPUNI, 2016, p. 14-15).

Como é perceptível nas palavras de Capuni (2016), técnica e tecnologia mesclam-se enquanto conceitos fechados, mas se diferenciam em relação à formulação de um saber a respeito do que é realizado. Além disso, o autor salienta que a própria construção filosófica de tais entendimentos é povoada por ideias que consideram técnica e tecnologia como sinônimas, mas não deixam de ser notadas as mudanças ocorridas na própria dinâmica das ferramentas relacionadas ao debate em questão. Assim, é possível afirmar que uma compreensão a respeito da tecnologia, que abarque todas as nuances inerentes a ela, é tão complexa de ser alcançada quanto as suas resultantes nos diferentes âmbitos da vida. Isso porque tanto a tentativa de conceituação quanto a percepção dos seus efeitos lidam com diversos aspectos que se interligam entre si, podendo causar muitas interpretações a respeito das mudanças ocasionadas pela presença da tecnologia no campo das ciências naturais, humanas e das artes.

Em relação à literatura, também houve mudanças quanto a sua veiculação quando a técnica passou a ser utilizada, o que pode ser percebido na própria história da disseminação da literatura. Da oralidade a literatura passou a ser veiculada também pelos papiros achados em diferentes pesquisas arqueológicas, como afirmado por Pereira (2017). Após isso, em diferentes civilizações se iniciou o uso do pergaminho, por se mostrar feito de material mais durável que o papiro e, posteriormente, houve o início do uso do papel como suporte de escrita, prática que se tornou ainda mais popular com a invenção da imprensa, por Gutenberg. Mediante a facilidade da produção e da reprodutibilidade das obras literárias, o papel passou a ser utilizado com cada vez mais frequência e se mantém até hoje como um suporte eficiente para a veiculação da literatura.

É a partir de tal processo que obras literárias se fazem cada vez mais presentes em diferentes âmbitos das sociedades. Mas, além disso, percebe-se que tais alterações sempre estiveram ligadas à literatura, considerando que esta era produzida e reproduzida à medida em que aconteciam as alterações em relação aos materiais que lhe davam suporte e modificavam determinadas dinâmicas. O caso da utilização do papel é emblemático de tal fato, pois com a sua utilização ao longo dos séculos a própria ideia de texto literário passou a ser intimamente relacionada a ele quando a grande maioria dos indivíduos pensa em literatura. Alckmar Luiz dos Santos (2003, p. 21) entende que "o sucesso dessa base material – o livro – se explica por ela ter conseguido associar maneabilidade a permanência".

Nesse sentido, é possível compreender de maneira mais pertinente os motivos pelos quais foi fortalecida ao longo do tempo a relação estabelecida entre o suporte papel e a arte literária. Isso porque diante da necessidade e da vontade de reprodução da literatura, essa foi a técnica que se mostrou mais promissora entre as demais, por ser constituída de um material possível de ser levado para diferentes lugares e possibilitar o acesso ao seu conteúdo de maneira simples, posto que os muitos sentidos possíveis do texto literário permanecem nas palavras carregadas pelo livro. Porém, o que se percebe na contemporaneidade é que a literatura já desprende-se, não totalmente, do livro impresso e passa a ser produzida e veiculada através de outros meios.

Com a popularização dos computadores, a invenção e disseminação da internet e os processos de digitalização, obras literárias antes existentes apenas no livro físico são transpostas para o meio eletrônico. Isso faz com que passem a existir diferentes ambientes digitais que disponibilizam obras literárias de séculos passados, o que certamente produz efeitos em relação aos modos de acesso dos leitores a tais obras. Se antes havia uma tradição de crítica literária relativamente estabelecida, que considerava aspectos estilísticos, contextuais, entre outros, a transposição de obras literárias clássicas para o meio digital alterou, de certa forma, tal dinâmica, tendo em vista que se tornaram cada vez mais plurais os leitores que tiveram acesso a obras clássicas transpostas para o meio digital. É o que observa Edgar Roberto Kirchof (2013, p. 16) quando faz a seguinte afirmação:

É importante notar que, nesse processo de ampliação dos públicos, a cultura literária tradicional acaba sendo transformada de inúmeras maneiras, pois um público que, embora amplo e ávido por consumir obras consideradas literárias, desconhece procedimentos de análise estilística, ao mesmo tempo que é destituído de um repertório enciclopédico mínimo, (o contexto histórico, as motivações políticas ou filosóficas dos autores, seus programas poéticos, etc.) relativo às complexidades que envolvem obras como *Hamlet*, de Shakespeare, ou *Lolita*, de Nabokov – para citar apenas dois clássicos já muito popularizados nesse meio –, tende a orientar-se por diretrizes de interpretação formuladas não mais no bojo da comunidade acadêmica ou literária, e sim, nos espaços produzidos pela convergência das mídias, principalmente comunidades de fãs, clubes de leitores e programas de mídia voltados para literatura, os quais muitas vezes discutem indiscriminadamente questões literárias a partir de animações e adaptações filmicas e televisivas.

Como se observa, Kirchof (2013) apresenta alterações importantes quanto a apreciação da literatura, por assim dizer, a partir da ampliação do número de pessoas que

tomam conhecimento de obras consagradas na literatura. Não deixa de ser benéfico que tal quantidade seja maior do que era tempos atrás, porém, a observação do autor faz com que possam ser vislumbradas duas resultantes. Se por um lado há mais leitores das obras, por outro, a fragmentação das interpretações em meio a critérios pouco críticos e de rápida mudança pode fazer com que o entendimento das obras por parte desses leitores torne-se unilateral quando consideram apenas fatores de tendências midiáticas, fazendo com que a própria apreciação das produções literárias seja demasiado limitada.

Nesse contexto, os meios tecnológicos causam uma coexistência de critérios quanto à interpretação das obras literárias, posto que novos critérios de apreciação são gerados e alterados com significativa frequência nos novos ambientes digitais e, ao mesmo tempo, a academia continua fundamentando as análises das obras em normas que atentam de maneira mais significativa a questões como estilo, contexto e teorias que versam sobre a literatura. Mas isso não significa que a distância entre as análises acadêmicas e as realizadas nas mídias sejam totalmente separadas, pois a transposição da literatura para o ciberespaço e os seus efeitos também se tornam temas para ponderações acadêmicas mais precisas.

Nesse sentido, há uma dialética interessante a ser observada. Como já afirmado por Kirchof (2013), as transformações geradas pela presença das obras canônicas no ciberespaço resultam, entre outros fatores, em ideias e critérios de interpretação que se distanciam daqueles existentes na academia. Mas, ao diferirem, muitas vezes intencionalmente, dos critérios acadêmicos, tais preceitos acabam por se tornarem, eles mesmos, objetos de análise acadêmica, tendo em vista que nascem em um contexto específico e sintomáticos das transformações relacionadas à literatura no mundo digital, como é o caso do ambiente eletrônico enquanto suporte e meio de veiculação da literatura, além das resultantes do acesso por um público maior do que era antes do *boom* tecnológico.

Além disso, cabe ressaltar que tal dialética também reforça a pertinência dos estudos literários realizados na academia. Isso porque, mesmo com alterações contextuais, as teorias que versam sobre a literatura e são estudadas no meio acadêmico são bases muito sólidas para a compreensão de tal contexto, tendo em vista que, mesmo diante de alterações estruturais, muitas das obras que são inseridas no espaço cibernético possuem uma fortuna crítica de longa data e análises que reiteram uma importância que não se reduz a critérios de análise que, em determinadas vezes, são efêmeros em relação

à sua duração no decurso do tempo e formados a partir de ideias com pouca consistência crítica e teórica.

Importante evidenciar, também, que a presença das obras literárias no meio eletrônico se configura como uma grande vantagem para a pesquisa acadêmica, pois também facilita o acesso às obras por parte de acadêmicos envolvidos em pesquisas na área de literatura, tendo em vista a possibilidade de acesso ao conteúdo de um livro que pode encontrar-se em um precário estado de preservação. Com isso, a presença de tais obras na internet faz com que os pesquisadores tenham total acesso ao conteúdo das obras que são seus objetos de estudo e, ao mesmo tempo, contribui para a preservação do material físico que não precisará ser manuseado, deteriorando ainda mais o seu estado.

Apesar das dificuldades encontradas em relação ao financiamento de equipamentos para digitalização, entre outros infortúnios, há iniciativas importantes que disponibilizam as obras literárias já em domínio público e que partem da própria academia. No Brasil existem iniciativas nesse sentido, como é o caso, por exemplo, da biblioteca digital de países lusófonos (<http://literaturabrasileira.ufsc.br/>) realizada na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – ou a biblioteca digital de literatura maranhense (<https://www.literaturamaranhense.ufsc.br/>), iniciativa também ligada à UFSC e conta com a parceria da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA e do grupo de pesquisa em Literatura, Artes e outras Mídias – LAMID, que digitaliza obras de autores maranhenses presentes na Academia Caxiense de Letras, detendo seu foco em obras e autores do Maranhão. Nesses dois casos, além das obras digitalizadas integralmente, são disponibilizadas informações sobre os autores e, em muitas vezes, uma versão da obra com grafia atual, tendo em vista as alterações da língua portuguesa ao longo do tempo.

Além dessas, há também no Brasil sítios digitais criados a partir de iniciativas estatais, tendo como exemplo a Biblioteca Nacional Digital (<https://bndigital.bn.gov.br/>) e o projeto Portal Domínio Público (<http://portal.mec.gov.br/dominio-publico>) que colocam online obras literárias de autores brasileiros, bem como periódicos e jornais digitalizados. Obviamente, tais práticas não atingem o ideal necessário para que esse material esteja disponibilizado de modo a satisfazer plenamente todos que os acessam, mas não anulam o fato de que a própria existência desses sítios digitais é vantajosa para o acesso a essas obras.

Com isso, surge então outra forma pela qual a literatura se relaciona diretamente com as ferramentas eletrônicas, tendo em vista o estudo e a análise de literatura através

de ferramentas e de técnicas computadorizadas. É importante ressaltar aqui que já existe há certo tempo uma relação das pesquisas literárias e a tecnologia no sentido de divulgação, considerando os repositórios online das universidades e do grande número de artigos e ensaios publicados em revistas especializadas exclusivamente em ambiente digital.

Nesse caso, o que se tem, em suma, são estudos realizados a respeito da literatura, seja a impressa ou a digital, e disponibilizados em rede, o que configura as ferramentas tecnológicas utilizadas apenas como meio de divulgação e não de análises propriamente ditas. Tal motivo é utilizado por Michel Bernard (1991) para afirmar que é insensato falar em "novas tecnologias" atreladas ao estudo da literatura, tendo em vista a frequência com que são utilizados equipamentos informáticos e os meios digitais para consultas de bibliotecas online e repositórios institucionais, por exemplo, já há um considerável tempo. Mas, dadas as condições pelas quais a tecnologia se envolve com a literatura, a perspectiva abordada no presente texto é a análise de um ou mais textos literários feita *com base nos softwares e nos dados por eles disponibilizados*. Com isso, o que se tem é a adição de números, dados estatísticos e outros fatores que são utilizados com mais frequência nas ditas ciências duras do que nas pesquisas em literatura.

Segundo Saulo Cunha de Serpa Brandão (2017, p. 100) "a tentativa de aproximar o estudo da literatura aos preceitos adotados pelas ciências, ditas duras, vem de muito tempo. Já na virada do século XIX para o XX, teóricos russos defendiam a necessidade de afastar os estudos literários do subjetivismo que reinou durante boa parte século XX". A tentativa da qual fala Brandão (2017) foi realizada considerando elementos como ritmo, léxico e sonoridade. Apesar das críticas posteriores aos formalistas quanto à pertinência dos seus pressupostos, permanece a intenção, por parte de diversos estudiosos da literatura, de dotar os estudos literários com abordagens pragmáticas em relação às interpretações feitas, adicionando ao processo ferramentas computacionais. Brandão (2017), nesse sentido, fala do que é por ele denominado de crítica numérica. De acordo com o autor:

Na atualidade, os estudos da Crítica Numérica fazem suas pesquisas buscando os mesmos objetivos, mas com outro modo da ciência como padrão e fugindo da impossibilidade da fenomenologia. A busca deles é aplicar um procedimento caro às ciências duras, mas com comportamento um pouco simplista de considerar o texto literário como o fenômeno, evitando discussões filosóficas a respeito dessa abordagem, e buscar a descrição do fenômeno com dados matemáticos

e estatísticos. Alguns desses dados são de fácil lavra para obtenção, mas outros exigem cálculos muito complexos que dependem de manipulação por profissionais estatísticos e matemáticos. Isso deixa com o crítico numérico a competência para analisar os resultados. Mas, mesmo para essa análise, o crítico tem que entender a operação estatístico-matemática que foi empregada (BRANDÃO, 2017, p. 100).

Dada a afirmação de Brandão (2017), é possível perceber questões centrais a serem consideradas para que sejam melhor compreendidas as características do estudo da literatura feito com uso de softwares. Uma delas se faz presente no próprio termo que o autor emprega para se referir a esse tipo de análise, tendo em vista que, grosso modo, a base de pesquisa se dá em uma apreciação feita através de argumentos e percepções, crítica, portanto, da literatura, com base em números extraídos de determinados softwares que processam os textos literários neles inseridos. Resultam disso certas questões, algumas delas já citadas no trecho do texto de Brandão (2017), como é o caso do uso dos dados matemáticos atrelados à análise literária, os procedimentos envolvidos na obtenção desses números e, também, implicações nas interpretações realizadas pelos pesquisadores, tendo em vista a adição de um novo elemento – os números – atrelado à tradição crítico-teórica sempre presente no estudo de obras literárias.

Faz-se importante frisar a participação de uma fortuna crítica estabelecida historicamente para que não seja compreendido, de maneira errônea, que isso é ignorado. Mesmo que muitas vezes o pesquisador, porventura, não concorde totalmente com o que asseveram alguns críticos, não deixa de ser importante que seus comentários sejam trazidos à reflexão, até mesmo porque a própria ideia de trazer a tecnologia ao estudo literário advém exatamente de uma tradição crítica estabelecida ao longo do tempo. Dito de outro modo, a lida com textos literários obviamente sempre abordou, entre outros aspectos, a forma pela qual os literatos compunham suas produções, o que fez ser necessária uma atenção maior ao modo como a linguagem era utilizada por diferentes escritores e, com isso, o uso de softwares que tornem a percepção de certos fenômenos linguísticos e de ocorrências de determinadas palavras mais pertinentes, por conta da possibilidade de uma demonstração numérica disso.

É nessa perspectiva de compreensão que nasce e se mantém a relação entre a literatura e os métodos informáticos e, além disso, convém observar que estudos dessa natureza se encontram em uma via de mão dupla. Isso porque há a possibilidade tanto de reiterar o que já é consenso na tradição crítica da produção literária de algum país ou, por outro lado, pode também trazer à baila aspectos, fenômenos e detalhes não observados ou

pouco abordados por conta de uma tradição estabelecida de lida com os textos literários. Em estudo intitulado *Informática e literatura: revelando identidades textuais*, Tânia M. G. Shepherd (2004) realizou uma pesquisa que, em suma, descreve e reflete sobre diferentes análises de uma ou mais obras literárias feitas com o uso de ferramentas informáticas e, a respeito da intenção de perceber questões da linguagem nos textos, afirma:

Quanto aos estudos literários auxiliados por métodos computacionais, esses datam de pelo menos a década de quarenta. No princípio, o trabalho de compilação de concordâncias era feito manualmente. Subsequentemente era feito com perfuração de cartões para serem lidos por máquinas separadoras e, finalmente por computadores de grande porte (*mainframe*). O auxílio do computador nesses estudos foi uma tentativa, a princípio de substituir a abordagem pessoal do crítico pelo potencial dos resultados numéricos e estatísticos, abordagem esta cercada de objetividade nem sempre bem acolhida pelas pessoas da área. Finalmente, em 1986, entretanto, faz-se uma marca referencial nos estudos literários assistidos por computador. Nesse ano começa a ser editado o periódico *Literary and Linguistic Computing*, consagrando de vez por todas a interface dessas duas áreas (SHEPHERD, 2004, p. 21).

O que Shepherd (2004) informa faz perceber que não apenas evitar um subjetivismo exagerado na interpretação da literatura era algo já intencionado, como afirmou Brandão (2017), mas também que a própria introdução de aparatos informáticos nos estudos literários aconteceu antes do *boom* tecnológico ocorrido no século XXI. Apesar de rudimentares, se comparadas aos softwares utilizados na contemporaneidade, as ferramentas citadas representam a validade de números e estatísticas para uma apreciação mais pertinente dos mecanismos linguísticos utilizados nas produções literárias.

A autora, além da questão do tempo do diálogo estabelecido entre literatura e tecnologia, elenca pontos nos quais, geralmente, estão atreladas as pesquisas em literatura que envolvem a informática. São elas: estilos individuais de autores; estabelecimento de autoria; características de uma obra individual; características de um gênero específico; características de um período literário: estilística histórica (SHEPHERD, 2004). Diante disso, percebe-se, então, a tendência das ferramentas ao estudo do estilo, seja de um autor ou período literário. Nessa perspectiva, surge um ramo da pesquisa em estilo, baseada em ferramentas computacionais, denominada estilometria ou lexicometria que, segundo Ana Paula Nunes de Sousa e Emanuel Cesar Pires de Assis (2021, p. 130) "é uma

metodologia de pesquisa viabilizada por ferramentas digitais, caracterizada por facilitar o trabalho do pesquisador estilicista na busca de elementos estilísticos".

A descrição feita por Sousa e Assis (2021) indica a facilitação para a percepção de características específicas do estilo de determinado autor, ou de produções literárias de uma época, como uma das principais características desse tipo de abordagem. Porém, a "facilitação" citada diz respeito apenas à percepção das características estilísticas do conjunto de textos que o pesquisador insere em determinada ferramenta, mas a interpretação desses dados deve ser realizada pelo próprio pesquisador pois, caso isso não ocorra, o que deveria ser *análise* se torna mera amostragem quantitativa de fenômenos estilísticos. Nessa perspectiva, Camilo Cavalcanti (2013, p. 99) afirma:

A Estilometria Literária explicita o estilo no discurso a partir de sua especificidade frente ao uso padrão e imotivado da língua, à diferença da norma geral que define a expressão simplesmente informativa. O repertório – vocabulário e sintaxe – de cada obra ou movimento literário tem limites nos saberes elocucionais e idiomáticos do autor ou da plêiade, cariz específico que justifica o estilo individual ou, entre vários autores, o estilo literário de um grupo/movimento. Essa coleta de dados precisa estar direcionada ao estudo hermenêutico.

A qualificação que Cavalcanti (2013) dá à estilometria literária indica, entre outros fatores, a semelhança com a estilística enquanto área de estudo da literatura que não faz uso dos recursos tecnológicos para realizar suas análises, mas, em suma, o que se observa na estilometria é também o *desvio* em relação a outros autores ou movimentos literários, a depender do objeto de análise. A alteração se dá no modo de observação do desvio e, com isso, é possível que os resultados aos quais chega o pesquisador ganhem contornos outros, a depender, como já afirmado, da interpretação do estudioso. Para esse tipo de pesquisa surgem algumas ferramentas, como é o caso do software *Hyperbase*.

Criado por Etienne Brunet, o software *Hyperbase* se propõe a ser um auxiliador no estudo do estilo de autores e, além disso, também se mostra uma ferramenta interessante para a comprovação de autoria, temática recorrente em pesquisas que versam sobre o estilo. A ferramenta é brevemente descrita por Assis (2013, p. 24) da seguinte forma: "software de tratamento de textos que, através do reconhecimento das particularidades estruturais da língua, mapeia as categorias textuais e as transforma em dados estatísticos". A transformação da qual fala o autor requer que os textos a serem inseridos no software passem por revisões. Isso porque, em processos de digitalização e posterior transposição do material digitalizado para arquivos em .docx, por exemplo,

certas rasuras, manchas ou outros elementos da obra física são compreendidos por ferramentas de digitalização como caracteres próprios da obra.

Assim sendo, uma mancha que surgiu com o tempo, ou outro fator de desgaste do material impresso, poderia estar em sua versão digitalizada como uma vírgula, um ponto ou mesmo uma letra, o que comprometeria a leitura e posteriores análises das obras literárias em seu formato digital. Por conta disso, é necessário que seja revisto se o texto a ser colocado no *Hyperbase* possui algo que não faz parte da obra original e que pode afetar os dados gerados pelo software. Tal procedimento é comum até mesmo para a disponibilização de textos em ambiente digital com suas grafias atualizadas. Passados esses procedimentos, os textos são colocados no *Hyperbase* em formato .txt, pois é o único formato aceito pelo programa.

A partir desse processo, o software disponibiliza as frequências dos textos, indicando o número de vezes em que um mesmo termo é repetido, por exemplo, e compara-o com os demais, mostrando graficamente de quais mais se aproxima e de outros textos com os quais não demonstra semelhanças significativas. Por conta de tal característica, análises estilométricas como a que realiza o *Hyperbase* são frequentemente utilizadas em estudos que analisam a autoria de determinados textos a partir da comparação com produções que são, de fato, dos autores os quais se quer comprovar a autoria do texto analisado.

O trabalho dos já citados Sousa e Assis (2021), bem como o de Assis (2013), por exemplo, colocam em perspectiva a questão da autoria. Assis (2013) analisa a autoria de *Relação Abreviada*, considerando como possíveis autores o Marquês de Pombal e Basílio da Gama e, por conta disso, utiliza como comparativos os textos dos dois autores. Na pesquisa de Nunes de Assis (2021) é abordada a questão da autoria das obras psicografadas pelo médium Chico Xavier atribuídas ao escritor Humberto de Campos. Porém, a utilização do software não se limita à comprovação de autoria. Um exemplo que pode ser aqui citado é o trabalho realizada por Assis e Lopes (2019) a respeito do romance *Miragem*, de Coelho Neto, no qual os autores, também com o uso do programa *Hyperbase*, analisam o estilo de escrita do prosador maranhense, comparando-o ao estilo de escrita de outros literatos contemporâneos a ele, como Aluísio Azevedo e Machado de Assis.

Nessa perspectiva, Assis e Lopes (2019) dialogam com a fortuna crítica do autor que muito focou no estilo de escrita preciosista de Coelho Neto e, nesse sentido, a partir dos dados obtidos através do software, os autores identificam traços que condizem com

os comentários da crítica e outros que, em certa medida, podem ser questionados, em relação à riqueza lexical do escritor, considerando tanto a teoria do estilo quanto os dados obtidos. A partir disso, é possível afirmar que o uso das tecnologias no estudo e análise de literatura oferece pontos de observação diferentes, por assim dizer, em relação ao objeto em análise, seja ele uma obra apenas ou um conjunto de obras de um autor ou de determinada época. Dessa maneira, a percepção que surge de um ponto diferente possibilita aos estudiosos da área interpretações outras que diferem de outros métodos utilizados em tempos anteriores.

Nesse sentido, o Hyperbase faz com que as obras literárias antes apreciadas por um prisma crítico-teórico-analítico historicamente estabelecido sejam analisadas a partir de outras perspectivas possibilitadas pela "transformação" das características das obras em dados numéricos e/ou gráficos. Assim, mesclam-se as interpretações feitas ao longo do tempo pela fortuna crítica de autores estudados e os dados obtidos através do software ou, em outros termos, os modos de produção de conhecimento constituídos ao longo do tempo nos estudos literários unem-se a ferramentas que "leem" os textos literários de maneira automática e com uma lógica mecânica na qual a "interpretação" se resume a números e estatísticas em uma tela que se referem aos textos em prosa que configuram determinado objeto de pesquisa.

Porém, a análise literária que pode fazer uso das tecnologias contemporâneas não se limita apenas às produções em prosa. Há, também, ferramentas desenvolvidas para o estudo da poesia, como é o caso do software Aoidos. Criado por Adiel Mittmann (2016), e apresentada em sua tese de doutoramento em Ciência da Computação, o software se propõe a escandir versos tal qual poderia ser feito por alguém que compreenda metrificção de verso e fonologia da língua portuguesa. É válido ressaltar que este não é o primeiro e/ou único software que se proponha a escandir versos automaticamente pois, como é afirmado por Mittmann em seu trabalho, já existiam o SAEP (Sistema de Apoio à Escrita de Poemas) e o LuCAs (Luís de Camões).

O Aoidos pode ser acessado em sua versão online, disponível em <https://aoidos.ufsc.br/>. No acesso, o usuário pode digitar o poema que deseja ver sendo escandido ou anexar um arquivo em formato TEI (Text Encoding Initiative), escolher em que idioma o poema será escandido, o que altera as possíveis regras de escansão, e definir se o sistema deve detectar os metros automaticamente. O Aoidos, de acordo com Mittmann, Maia e Santos (2017), não tem como objetivo gerar escansões melhores do que os humanos, mas gera-las mais rápido. Neste trabalho os autores comparam a

escansão feita por Chociay da obra completa de Gregório de Matos e a realizada pelo Aoidos da mesma obra. Nesse sentido, apesar de algumas diferenças apresentadas, os autores concluem que "as interpretações e conclusões que se fazem com base nos números de Chociay são as mesmas que se fazem quando são tomados os números do sistema" (MITTMANN, MAIA E SANTOS, 2017, p. 177). Tal conclusão atesta, então, a precisão da ferramenta de Mittmann, tendo em vista a precisão similar a qual chegou o Aoidos em relação à escansão de Chociay.

Porém, cabe ressaltar que a introdução de ferramentas como o Aoidos nos estudos em literatura, em grande medida, suscita questões não apenas do uso do tempo para um trabalho manual a ser feito por um humano, mas também da própria influência disso na análise literária. É exatamente nesse sentido o ensaio de Vinícius Carvalho Pereira (2018). O autor aborda o Aoidos e suas implicações na análise literária, considerando a ferramenta como algo que altera a concepção teórico-metodológica estabelecida nos estudos em literatura, na qual todas as percepções, atividades e interpretações são realizadas por um ser humano e não por uma máquina. Nesse sentido, Pereira (2018, p. 90) afirma:

A seu turno, sistemas como o Aoidos, produzidos para apoiar atividades de análises de poemas, partem do pressuposto de que, pelo menos em parte, textos literários podem ser tratados por sistemas computacionais a fim de identificar importantes relações entre suas partes – função última da crítica. Sob tal perspectiva, o humano que lerá *a posteriori* os resultados da escansão do verso tornam-se mera contingência do processo de análise literária; afinal, esta começa antes de haver o analista, o qual só existirá como tal após ler a análise do metro e do ritmo feita pela máquina. Tal inversão na ordem de instanciação do analista, do analisado e da ação analítica replica a inversão proposta por Derrida no que tange à constituição do signo, não mais o significado para o significante; ou à constituição do texto, não mais da voz para a escritura. Voz, significado e humano, elementos capitais na concepção de poesia dominante na tradição ocidental, são tornados, então, acidentais no ciclo de funcionamento do *Aoidos*, encerrando na leitura e escritura de uma máquina – ela mesma texto, visto que escrita em linguagem de programação Python3.

Com isso, é colocada em perspectiva a própria interpretação da literatura feita por um ser humano e, no caso do *Aoidos*, tal discussão se torna ainda mais instigante, tendo em vista a própria ideia de poesia constituída no mundo ocidental e que advém das musas que inspiravam os poetas do mundo grego. Diferentemente da recitação que une significado e significante a partir de uma atividade sensorial humana, a escansão do

Aoidos funciona em uma lógica que prescinde a recitação e "lê" o poema como conjunto de dados e formula sua escansão a partir das possibilidades inseridas em seu sistema.

Assim, os versos são escandidos a partir de uma forma gráfica e não com o ritmo empregado pela voz do poeta que os declama e, com isso, o nome do programa *Aoidos*, inspirado no *aedo* grego, ao mesmo tempo em que se assemelha no nome, difere no modo de compreensão da poesia, uma vez que para o aedo a poesia era advinda da musa que o inspirava a enunciar musicalmente as palavras que eram tomadas como a verdade, e no *Aoidos* a ideia de verdade revelada ou questões semânticas não fazem parte da escansão, tendo em vista que o software "reconhece parte da dimensão significativa dos textos sobre que age, mas ignora tanto a articulação com elementos semânticos quanto a realização sonora efetiva das palavras" (PEREIRA, 2018, p. 83).

Por essa perspectiva, pode-se afirmar que, além da geração de escansões mais rápidas constatada por Mittmann, Maia e Santos (2017), a utilização do *Aoidos* em pesquisas literárias incide diretamente em paradigmas teórico-metodológicos quanto à análise e interpretação dos objetos literários. Certamente, a inserção dos softwares no processo de estudo e análise da literatura na academia suscita questões referentes à própria validade das interpretações a partir das ferramentas digitais. Isso porque os estudos em literatura pautam-se, de maneira geral, em bases que se solidificaram ao longo do tempo, quais sejam: a relação entre obras literárias e seus respectivos contextos, influências sobre o autor das obras, a questão crítica a elas relacionadas, entre outras e, nesse sentido, há ainda interessantes perspectivas a serem consideradas.

Isso porque os softwares brevemente citados – *Hyperbase* e *Aoidos* – em relação ao seu uso nos estudos em literatura, são recursos que lidam com a escrita das obras que podem ser convertidas em arquivos de diferentes formatos para, dessa maneira, serem vistos enquanto dados estatísticos nos quais os programas os transformam. Por essa perspectiva, é possível perceber que as ferramentas computacionais lidam com uma construção linguística baseada em dados e a semântica e os contextos de produção de determinados textos ficam a cargo do pesquisador para, assim, realizar as devidas correlações entre dados e outros prismas de determinado objeto a ser estudado.

Cabe observar que tal fato é um indicativo de que, diferente dos estudos literários, as pesquisas em linguística utilizam há mais tempo⁸ as ferramentas digitais em análises, ganhando até mesmo uma área específica de estudo, denominada de Linguística de

⁸ Um histórico da Linguística de Corpus e problematizações a esse respeito são apresentados em Sardinha (2000).

Corpus que, segundo Sardinha (2000, p. 352) "ocupa-se da coleta e exploração de corpora, ou conjunto de dados linguísticos textuais que foram coletados criteriosamente com o propósito de servirem com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística".

Importante lembrar que os *corpora* a qual se refere o autor pode ser entendido também como corpus e pode ser compreendido como um determinado conjunto de textos que mantenham semelhanças entre si. Nesse sentido, a utilização de um corpus não é exclusiva da Linguística de Corpus, tendo em vista que os estudos linguísticos trabalham com conjuntos de textos que podem também ser entendidos como corpus. Assim, a característica que salta aos olhos é que a Linguística de Corpus trabalha com corpus eletrônicos que, tal qual o *Hyperbase* e o *Aoidos*, geram dados numéricos sobre os textos.

Com base nisso, é possível perceber a semelhança entre o *Hyperbase*, o *Aoidos* e a Linguística de Corpus: a lida mais rápida com a percepção de fenômenos em uma grande quantidade de textos. Assim, é possível afirmar que, além das implicações teóricas, a questão da quantidade de textos com os quais é possível trabalhar com as ferramentas computacionais e, com isso, a própria lida com os textos pode ser, em alguma medida, alterada, tendo em vista as possibilidades de estudo a partir disso. Observar textos literários quantitativamente se torna, então, passível de se tornar uma proposta para que os modos pelos quais se estuda literatura possam ser repensados.

É nesse contexto que surge a ideia de Leitura Distante, popularizada principalmente por Franco Moretti (2000, 2008). Assim como a literatura digitalizada e o uso de softwares, a leitura distante também é objeto de reflexão nos estudos em literatura, devido ao fato de relacionar dados e outras formas de tecnologia à análise e ao estudo de literatura, incitando reflexões sobre a sua pertinência e a sua validade em meio a diferentes formas e teorias que auxiliam no estudo da literatura. Isto posto, cabe então dissertar sobre as possíveis implicações da Leitura Distante nos estudos literários.

2.2 Leitura Distante (Distant Reading): Entre a técnica e a teoria

A pesquisa e o estudo em literatura, como se sabe, contam com diferentes teorias que, no seu bojo de reflexões, contribuem para uma melhor problematização do objeto literário e com a pertinência das interpretações a respeito dos aspectos a ele relacionados, como questões intrínsecas ao texto e sua construção ou extraliterárias, quando se

considera o contexto da obra e as influências ideológicas nela presentes, por exemplo. Apesar de ser um truísmo, tal consideração serve para identificar as duas dimensões com as quais os estudos em literatura lidam para analisar as produções literárias e, além disso, reforça a percepção de um *modus operandi* há muito estabelecido nos estudos literários.

Porém, no ano de 2000, Franco Moretti (2000, 2008), professor e teórico literário italiano, publicou no *New Left Review* o seu artigo intitulado *Conjectures on World Literature*⁹ – Conjecturas sobre a Literatura Mundial –. Em seu texto, o autor propõe mudanças na forma de realização dos estudos literários, detendo seu foco no estudo da história literária. Após certo período o autor, no mesmo periódico, publicou outros três textos nos quais apresentou modelos relacionados à abordagem que propôs em seu artigo anterior. Os escritos foram posteriormente unidos em um livro que, no Brasil, foi publicado em 2008 sob o título *A literatura vista de longe*. Moretti (2008) sugere que o estudo da literatura mundial seja realizado considerando obras além de um cânone estabelecido, que por si só já é um número bastante significativo, baseando-se não na leitura cerrada de um texto por vez, a *close reading*, mas em um modo de análise em que, como afirma o autor, "a distância não é um obstáculo, mas sim *uma forma específica de conhecimento*" (MORETTI, 2008, p. 10. Grifo do autor).

As ideias propostas por Moretti geraram diferentes críticas quanto a sua pertinência para os estudos e pesquisas em literatura por conta da possibilidade de ser vista apenas como uma técnica que pouco contribuiria para o avanço das pesquisas que têm a literatura como objeto de estudo. Além disso, há também a relação das ideias de Moretti com os aparatos tecnológicos, fatos que geram debate sobre sua relevância frente à gama de teorias já consagradas no meio acadêmico, que versam sobre a literatura e são bases sólidas para o seu estudo. Tendo isso em vista, a presente seção abordará a *Distant Reading* de Moretti considerando diferentes críticas a ela dirigidas e modos de percebê-la enquanto prisma que se encontra em um entrelugar ladeado pela noção de técnica e pela consagração da(s) teoria(s) literária(s).

As ideias de Franco Moretti (2000, 2008) a respeito de literatura baseiam-se, primeiramente, na concepção apresentada por Goethe de uma *Weltliteratur*, considerando as produções literárias de diferentes países como parte de um conjunto maior e que forma a literatura mundial e, também, o que é afirmado por Marx e Engels no *Manifesto Comunista* sobre a literatura mundial surgir a partir das literaturas nacionais. Além disso,

⁹ A versão consultada para este trabalho é a tradução do artigo original, feita por José Marcos Macedo (2000)

é importante salientar que quando Moretti fala em literatura mundial tem em mente não apenas os cânones nacionais, que por si só já são compostos por um número significativo de obras, mas todas as produções literárias, incluindo obras não canônicas da literatura, tomando de empréstimo a expressão de Margareth Cohen, "o grande não-lido".

Cabe ressaltar, também, outros dois fatores que influenciam o autor a propor novos modos de se estudar literatura, uma de ordem prática e outra de ordem teórica e descritos brevemente no livro *A literatura vista de longe* (2008). Um deles é a percepção do autor ao afirmar que há "o fato, evidente e inevitável, de que o interesse pelo estudo da literatura está diminuindo a olhos vistos" (MORETTI, 2008, p.08). Nesse sentido, o desinteresse crescente, na concepção de Moretti (2008), se qualifica como um forte motivador para uma guinada metodológica, por assim dizer, tendo em vista que "uma disciplina que está perdendo seu fascínio pode tranquilamente arriscar tudo e procurar um novo modo, um novo método para tornar significativo o seu próprio trabalho" (MORETTI, 2008, p. 09).

Certamente, uma aparente queda de interesse não se configura como um motivo forte o suficiente para abandonar toda uma tradição construída a longos e duros esforços intelectuais, como é o caso das teorias e concepções que permeiam os estudos literários. Porém, não deixa de ser digna de nota essa observação do teórico italiano, – mesmo que pareça demonstrar o exagero de uma total mudança de paradigma – tendo em vista, por exemplo, números de pesquisas que mostram o desinteresse pela leitura em determinados lugares e que se relaciona com a prática da *close reading* que, como será visto no decorrer deste texto, é tema central das reflexões de Moretti.

Além disso, dada a sua vasta experiência no campo das letras, seria incoerente crer que uma queda de interesse seria única, ou principal, em uma proposta de Moretti e, com isso, chega-se ao segundo fator que aqui merece destaque. Também no livro citado, o autor faz referência à construção de conhecimento no campo da história e, com isso, recorre às ideias do historiador Fernand Braudel e ao seu conceito de *longue durée* para refletir sobre os estudos da história literária ao longo do tempo. Nesse sentido, Moretti toma de empréstimo as concepções que formam a tripartição das ideias de tempo atreladas a Braudel, quais sejam, de evento, ciclo e longa duração, que o historiador francês utiliza, para pensar o estudo da literatura e estabelece um paralelo, ao afirmar que:

A leitura textual tem, normalmente, muita facilidade para tratar com o evento, ou seja, com o texto que não se repete, raro. No extremo oposto,

a longa duração de estruturas quase imutáveis desenvolveu um papel importante em numerosos ensaios de teoria literária. Mas o tempo de meio, isto é, o tempo do ciclo, permaneceu, ao contrário, em boa medida inexplorado. E não é porque a crítica literária não tenha trabalhado muito neste nível, é que não se compreendeu ainda verdadeiramente toda sua especificidade: o fato de que os ciclos constituem *estruturas temporárias internas ao fluxo contínuo da história*. Aqui está, de resto, a lógica da tripartição de Braudel: o período breve é todo fluxo e nenhuma estrutura; a *longue durée* é toda estrutura e nenhum fluxo; e o ciclo é, por sua vez, inevitavelmente ancípite – a região de meio entre as outras duas. Estrutura, porque um ciclo comporta repetição e, portanto, regularidade, ordem, *forma* no decorrer da história. Temporária, porque o seu curso é breve (dez, 20, 50 anos, isto depende das várias teorias) (MORETTI, 2008, p. 31. Grifos do autor).

Dessa forma, Moretti (2008) reitera que a forma como a literatura é estudada ao longo do tempo lida com questões específicas, mesmo quando trata de uma história literária pois, para o autor, a problemática da *longue durée* dos estudos literários, por assim dizer, é considerar um cânone estabelecido historicamente e ignorar os já citados "não-lidos". Nesse sentido, Moretti (2008) entende que no interim da leitura que percebe o evento do texto raro e a construção da história baseada no cânone está a estrutura temporária representada pelo gênero literário, posto que "é também ele uma forma que dura no tempo – mas sempre só por *um certo tempo*" (MORETTI, 2008, p. 31. Grifo do autor). Dessa maneira, é na estrutura temporária que se configuram as percepções que Moretti (2008) aborda e, a título de exemplificação do seu empreendimento intelectual, o autor utiliza os estudos dos romances do Japão, da França, da Itália e da Dinamarca, para citar aqui alguns exemplos.

Assim, através de gráficos o autor demonstra continuidades e transformações em relação ao romance nos diferentes países e estabelece as semelhanças entre as mudanças ocorridas, indicando possíveis motivos para tanto. Porém, apesar de falar de uma literatura mundial, Moretti cita um sistema planetário, mas não igualitário, posto que se configura como um sistema "uno e desigual", tendo em vista que as características nacionais se presentificam e há, também, as influências de obras de um país sobre outras de países diferentes e, por conta disso, um sistema "uno e desigual". Assim considerada a literatura, Franco Moretti (2000, 2008) comenta que a *close reading* – leitura textual que lida bem com o evento, da citação anterior – não contempla as necessidades para que seja estudada a literatura com base em uma grande quantidade de textos.

Ao utilizar o cânone literário inglês do século XIX, Moretti (2008) explica brevemente o que entende como limitação da *close reading*. Isso porque o autor considera

um cânone de 200 a 300 romances que, apesar de ser uma quantidade relativamente grande de obras, contempla uma pífia parcela das obras escritas que, segundo o autor, eram entre 20 e 30 mil romances e "o *close reading* aqui não ajuda muito. Se você fosse ler um romance por dia, por todos os dias do ano, seria preciso pelo menos um século para ler todos..." (MORETTI, 2008, p. 14). Com isso, é possível delinear os dois problemas que são, implicitamente, presentes em tais asseverações, bem como nas reflexões de Moretti (2008), e que se interligam. A construção do cânone elege obras literárias específicas que são eleitas para tal a partir da leitura cerrada de cada uma delas por parte da crítica especializada e alcançam, assim, um patamar ainda maior a partir dos estudos dentro da academia. Por conta disso, o teórico italiano afirma que:

O problema da *close reading* (em todas as suas encarnações, do *new criticism* à desconstrução) é que ela necessariamente depende de um cânone extremamente reduzido. A essa altura isso já deve ter se tornado uma premissa inconsciente, invisível, e não obstante uma premissa férrea: investe-se tanto em textos individuais *somente se* se achar que muito poucos deles realmente contam. Do contrário, não faz sentido. E se quisermos olhar para além do cânone (e claro que a literatura mundial o fará: seria absurdo se não fizesse!), a *close reading* não dará conta do recado. Não é destinada a tanto, mas ao oposto. No fundo, trata-se de um exercício teológico – tratamento muito solene de muito poucos textos, tomados muito a sério –, enquanto o que necessitamos realmente é de um pequeno pacto com o diabo: sabemos como ler textos, agora vamos aprender como *não* os ler. *Distant reading*, leitura distante: em que a distância, permitam-me repetir *é uma condição do conhecimento*. Ela nos permite focalizar unidades muito menores ou muito maiores que o texto: expedientes, temas, tropos – ou gêneros e sistemas. E se entre o muito pequeno e o muito grande o próprio texto desaparece, bem, será um daqueles casos em que se pode justificadamente dizer: "Menos é mais" (MORETTI, 2000, p. 176. Grifos do autor).

Diante de tal explicação, é possível compreender que a ideia de Moretti (2000, 2008) não condena a *close reading* enquanto modo de estudar a literatura, a questão abordada leva em consideração essa maneira de estudo relacionada à uma pesquisa que tenha como objeto um número muito grande de obras que vão além do cânone e, no caso da proposta de Moretti, o objeto em si é ainda mais ambicioso – literatura mundial! – o que, certamente, requer a utilização de outros meios. É exatamente pensando nisso que o autor apresenta a sua ideia de *Distant Reading*, na qual, como já afirmado, observar a literatura de um ponto de vista distante se configura como um modo pelo qual a observação pode se tornar mais pertinente.

Assim, a atividade de ver e/ou ler a literatura de longe pode ser feita não apenas através da materialidade do texto, a partir da leitura de cada obra, mas, como afirma Pieri (2019, p. 155), "Moretti propõe que se analisem **os estudos** levados a cabo pelos especialistas de cada nação e, aí sim, comparando-os, abstrair e tentar perceber algo que eles mostram (ou podem mostrar) ter em comum [...]" (Grifo do autor). Assim, é possível afirmar que a crítica de Moretti dirigida à *close reading* se limita ao seu *modus operandi* e não aos seus resultados, tendo em vista a defesa que o autor faz do uso do material já existente sobre as literaturas nacionais, construído a partir da leitura cerrada da crítica e da academia. É a partir da soma de tais características que a literatura pode ser *vista de longe*, ao agregar tais compreensões e visualizá-las através dos três objetos sobre os quais Moretti (2008) reflete em seu livro: gráficos, mapas e árvores.

A respeito de tal modo de percepção o autor afirma que são "objetos diferentes, mas todos resultado de um processo de deliberada *redução e abstração*. Em suma, de um distanciamento em relação ao texto em sua concretude" (MORETTI, 2008, p. 07). Assim, a leitura distante é uma proposta de leitura que, paradoxalmente, não lê os textos, mas sim a macroestrutura que os forma, no sentido de sistema, e os temas recorrentes em um grande número de obras literárias e, com isso, "não ler" os textos se configura como uma maneira de fazer uma leitura mais detida, por mais paradoxal que pareça, sobre as obras enquanto conjuntos e dos temas nelas inseridos.

Nesse sentido, é observável uma aparente contradição em termos de base de estudos para a ideia proposta por Franco Moretti, uma vez que se fala em estudos de história já constituídos ao longo do tempo e o foco em características das obras literárias em si. Porém, o que se apresenta são duas formas de *distant reading*, o que é identificado também pelo já citado Pieri (2019, p. 158) nos textos de Moretti: "Enquanto que no primeiro a *distant reading* é feita a partir de outros estudos, no segundo recorre-se às próprias obras (embora de forma um pouco mais frouxa do que numa *close reading*) para fazer suas deduções".

A diferença indicada pode ser erroneamente compreendida no sentido de que o foco nas obras prescinde o estudo da história literária ou vice-versa. Porém, pensar em uma pesquisa em literatura que eleve as obras literárias em detrimento completo da crítica, ou o contrário, não se mostra promissor, tendo em vista a própria necessidade de uma base de comparação tanto de um polo quanto de outro. Exatamente por isso a ideia da *distant reading* mescla tanto as obras canônicas quanto a apreciação crítica feita a elas e, como já afirmado, incluindo as produções literárias fora do cânone estabelecido. Nesse

sentido, é interessante abordar a descrição feita por Amir Khadem (2012, Apud Pieri, 2019) sobre as formas de *distant reading* morettianas, que o autor separa entre anatômica e epistemológica:

Na primeira, o estudioso pretende ficar longe de um estudo analítico da obra como um todo a fim de, inicialmente, ganhar uma perspectiva definitiva sobre ela quando situada entre uma gama enorme de outras obras, e posteriormente, ser capaz de traçar um número limitado de elementos formais em toda a gama deles. **É anatomicamente distante, pois a ordem estrutural da obra é ignorada em favor de um simples procedimento ou característica genérica.** Mas, **na última**, o método consiste principalmente na **leitura de estudos independentes** e trata-los **como elementos mediadores** para uma pesquisa acadêmica. Nesse sentido, a leitura do estudioso é **epistemologicamente distante**, já que ele não é equipado com as requeridas ferramentas epistemológicas (a saber, a proficiência linguística e cultural) para cobrir um vasto *corpus* de obras. Neste caso, para descobrir os padrões gerais, o estudioso precisa colocar juntos trabalhos que são muito diversos, assim, ele se baseia em estudos de outros acadêmicos que, tendo tempo e conhecimento suficientes, fizeram suas próprias contribuições em um limitado número de obras. **O *distant reader* [leitor distanciado] coleta aquelas pesquisas separadas e tenta encontrar seu denominador comum** (KHADEM, 2012, p. 415; Apud PIERI, 2019, p. 159. Grifos do autor).

A diferenciação explícita, então, as duas perspectivas pelas quais pode-se compreender de maneira geral a leitura distante. Por uma delas, o *distant reader* não faz uso da leitura cerrada das obras que formam seu objeto de estudo para focalizar características gerais em todas elas, ou seja, a anatomia que forma cada obra em particular é mantida à distância. Na segunda forma de *distant reading* o que é utilizado como norteador de análise e interpretação é o conjunto de estudos acerca das obras literárias e, nesse sentido, quando se fala em literatura mundial, tal qual propõe Moretti (2000, 2008), fala-se sobre a fortuna crítica das obras nacionais, o que, certamente, também comporta uma significativa quantidade de leituras, mas, nesse caso, o leitor distante procura o elo em comum entre os estudos que consulta, ou seja, o guia interpretativo é a própria construção epistemológica a respeito de um dado conjunto de obras.

Uma proposta dessa magnitude, que envolve tanto a compreensão de um dado grupo de obras quanto o modo de estudá-las, certamente se tornaria alvo de críticas, tanto positivas quanto negativas, tal qual sempre acontece quando estudiosos encontram aspectos problemáticos em práticas que se repetem dentro dos estudos literários, e com Franco Moretti não foi diferente. O próprio Khadem (2012, Apud PIERI, 2019) aponta

certas incongruências por ele percebidas principalmente na *distant reading* epistemológica, como é o caso do uso feito dos diferentes estudos sobre o conjunto de obras que se deseja estudar que, para Khadem, se faz problemático por estes deixarem de ser fonte de influência ou reconhecimento para serem apenas dados que servem para a indução de raciocínio do próprio pesquisador (Apud PIERI, 2019).

Tal crítica não deixa de ser válida, uma vez que a redução de estudos e reflexões a dados que serviriam apenas para uma conclusão geral à guisa do pesquisador, de fato, é problemático, por conta da possibilidade de tal síntese ignorar pontos importantes dos estudos realizados. Porém, dadas as possibilidades de percepção e de reflexão para aproveitamento de estudos sobre literatura intencionando o encontro de um elo entre dado conjunto de obras, a transformação de estudos em meros dados não seria proveitosa nem mesmo para o próprio *distant reader*. Isso porque, como o próprio Moretti afirma, a *distant reading* se propõe a estudar não apenas as conjecturas de uma literatura mundial, mas também temas e outros aspectos em um conjunto de obras que, inclusive, podem até mesmo pertencer a um mesmo país.

Com isso, a fortuna crítica das obras literárias se torna a própria fonte de influência, uma vez que ela se apresenta como o conhecimento constituído sobre o tema ou aspecto literário com o qual se quer trabalhar. Assim, mais do que fornecer dados, o estudo constituído da literatura pode oferecer ao leitor distanciado as perspectivas das quais pode precisar até mesmo para identificar quais são os temas a serem estudados *à distância*, considerando que para chegar à própria noção de autores, obras, escolas literárias e tendências estilísticas, por exemplo, o estudioso que faz uso da leitura distante tem como norte, inevitavelmente, um cânone estabelecido pela crítica, bem como obras e autores através dos quais as próprias características de uma produção literária – nacional ou global – podem ser percebidas, mesmo que de maneira limitada, como entende Franco Moretti.

Além disso, cabe salientar a própria noção do objeto literário que, como se sabe, ainda é debatido no meio dos estudos de literatura, dada a gama de possibilidades proporcionada pelo fazer literário enquanto arte. Assim, a noção de literatura com a qual se trabalha em uma *distant reading* parte de um pressuposto estabelecido, qual seja, aquele apresentado por críticas e teorias já consagradas. Nesse sentido, a leitura distante, que nasce a partir dos estudos literários realizados através da *close reading*, não apenas reorienta os modos pelos quais a literatura pode ser estudada, questionando tanto as teorias quanto o cânone enquanto redução de uma rede maior de obras, mas também

reafirma a própria validade de tais estudos pois, mesmo que os questione, é deles que surgem tanto o cânone que norteia as noções gerais de literatura quanto as bases crítico-teóricas sobre as quais o próprio entendimento de literatura é feito, tendo como exemplo as relações entre as obras, contextos e características de gênero literário, que é o caso do romance, utilizado por Moretti para construir suas reflexões.

Em relação a isso, cabe aqui observar outra crítica dirigida à *distant reading*, realizada por Nabil Araújo (2016). Em seu texto intitulado *Vista de longe, a literatura é o que desaparece (acerca de um fracasso programático em Franco Moretti)*, o autor delinea brevemente a proposta morettiana e tece duras críticas a ela. O próprio título do ensaio – "um fracasso programático" – já é indício da visão negativa que Araújo (2016) possui em relação à leitura distante. A argumentação de Araújo (2016) baseia-se, de maneira geral, na noção de gênero empregada por Franco Moretti e as perdas geradas quando se vê a literatura de longe. A perspectiva que é apresentada aponta para o gênero como confirmação dos pressupostos morettianos, ou, como afirma o autor, "pela *genericidade* do gênero. Essa mira(gem) genérica acaba por cegá-lo para tudo aquilo que, no objeto contemplado, se encontra fora do comprimento de onda *genericamente visível*; cego para todo o espectro *infragenérico*, por assim dizer" (ARAÚJO, 2019, p. 265. Grifos do autor).

Dessa forma, a questão colocada em perspectiva é a especificidade dos gêneros romanescos dos quais Moretti (2008) faz uso em suas análises, apontando para a impossibilidade de características infragenéricas, para utilizar o termo de Araújo (2016), de um dado subgênero romanesco estarem à vista do estudioso que olha as obras literárias à distância. Assim, o gênero *romance* na lógica da leitura à distância acabaria por ser compreendido apenas em seus aspectos gerais e os subgêneros, ligados ao gênero por uma compreensão pré-estabelecida do objeto, não poderiam ser vislumbrados em uma leitura distante. É importante notar que, assim como descreve o autor, "o infragenérico – como aquilo que simplesmente não pode ser captado por uma visão genericamente orientada por estar *aquém* do comprimento da onda do gênero – não se confunde, aqui, com o 'subgenérico'" (ARAÚJO, 2016, p. 265).

O subgenérico, então, se configura como aquilo que, um grau abaixo do gênero ao qual está conectado, ganha em detalhe e perde em genericidade, ou, nas palavras de Araújo (2016, p. 265) "ganha em especificidade e detalhe o tanto que perde em genericidade, mas essa perda, (e o ganho a ela associado) está a serviço da própria genericidade do gênero, retroalimentando-a [...]". Dessa maneira, o gênero *romance* se

constrói a partir dos seus subgêneros e, com isso, o infragenérico que não poderia ser captado pela leitura distante incide diretamente na própria compreensão do conjunto de obras que formam o corpus com o qual Moretti (2008) trabalha. Assim, considerando a percepção de Araújo (2016), pode-se afirmar as características infragenéricas seriam então a literariedade do gênero e dos subgêneros, uma vez que a noção de literariedade se configura como o traço distintivo da literatura a ser percebido em um estudo da área.

Moretti (2008) tem plena consciência e afirma categoricamente que, na compreensão do sistema como um todo a partir da sua proposta, é inevitável que se perca alguma coisa, fato este também considerado por Araújo (2016), que aborda tal afirmativa e ainda faz alusão às perdas das quais fala Moretti para o conhecimento teórico a respeito da literatura, especificamente quando o autor italiano afirma, sobre as teorias através das quais se estuda a literatura, que estas "devem ser avaliadas não como fins em si mesmas, mas como *mudam materialmente o nosso modo de trabalhar* e como conseguem, não somente 'alargar' o campo literário, mas também emoldurá-lo diversamente [...]" (MORETTI, 2008, p. 152).

Diante disso, Araújo (2016) afirma que o próprio conhecimento teórico não se configura como valor absoluto, e sim relativo, baseando-se na própria afirmativa morettiana. Assim, tem-se a compreensão de que as "perdas" possíveis a partir de uma abordagem teórico-metodológica são inevitáveis, de fato, mas, para Araújo (2016, p. 268), "aquilatar as perdas exatas é tão ou mais importante, para se avaliar uma nova teoria, do que indicar o alegado ganho a que essas perdas estariam associadas". Reside em tal afirmativa a inerente perda de percepção teórica, por assim dizer, que deve ser considerada ao abordar uma ou mais obras literárias em determinados estudos, levando em consideração o foco para o qual a teoria pode guiar o estudioso e, também, a própria compreensão de literatura a priori, que também é abordada por Araújo (2016) para seguir com seus comentários a respeito da ideia de ler à distância.

Com isso, Araújo (2016) infere que Moretti se guia por uma compreensão do romance que o permite identificá-lo enquanto gênero que difere de outros, pois "não se pode reconhecer o romanesco como traço distintivo de um determinado gênero *literário*, sem que esteja orientado, de antemão, para o que delimitaria, no continuum discursivo, a especificidade do 'âmbito literário' (entre outros 'âmbitos do discurso')" (ARAÚJO, 2016, p. 270). Nesse sentido, determinar a especificidade da literatura em si é anterior à determinação do gênero que faz parte desse "âmbito discursivo", ou seja, a literariedade

vem antes do próprio gênero literário. Com base nisso, Nabil Araújo, ao final de seu ensaio, assevera:

Na medida, pois, em que a percepção de um determinado gênero como âmbito literário diferente de outros só pode se dar *já na literariedade*, a instauração discursiva desta não pode ser observada de dentro daquele, por se encontrar, também ela, claro está agora, *aquém* (e não *além*) do comprimento de onda genericamente visível – e é por isso que as microanálises estilísticas de Moretti, sempre completamente subordinadas ao escopo genérico, não podem "descer" até ela. Por mais que se possa cogitar um efeito presumido de literariedade que teria longa duração, isto é, que duraria *para além* do ciclo genérico, absorvendo-o – algo como "a instituição ocidental da literatura" –, a instauração discursiva da literariedade só é apreensível, em seu caráter de *evento*, num espectro *aquém* do gênero, infragenérico, simplesmente desaparecendo, portanto, na *distant reading* morettiana. E esse não seria um preço demasiado alto a se pagar pelo "conhecimento teórico" proporcionado pelos gráficos, mapas e árvores de Moretti? (ARAÚJO, 2016, p. 270-271. Grifos do autor).

O que afirma Nabil Araújo (2016) vai de encontro ao cerne de uma das questões mais importantes da *distant reading* morettiana: o que se perde ao ler, ou ver, a literatura à distância e, como bem observado, Araújo (2016) entende que se perde muito. Nessa perspectiva, é possível afirmar que perder o infragenérico, a literariedade que caracteriza a particularidade da literatura em meio aos diferentes âmbitos do discurso, na acepção de Araújo (2016), qualificaria a leitura distante como um prisma pelo qual se enxerga a literatura que, por haver uma perda que não compensa o ganho, estaria fadado a um "fracasso programático". Mas, a esse respeito, cabem algumas ponderações que, considerando as reflexões até aqui realizadas, traçam diferentes perspectivas a serem consideradas a respeito da leitura à distância.

Assim, é válido destacar a indagação feita por Araújo (2016) sobre a perda que "valeria a pena pelo conhecimento teórico a se ganhar" com o uso de gráficos, mapas e árvores através da *distant reading*. Nessa perspectiva, cabe considerar que perda e ganho, em um estudo literário baseado na proposta morettiana, pode estar atrelado, também, ao corpus com o qual se pode trabalhar. Isso porque, originalmente, a leitura à distância nasce, como já afirmado, a partir da ideia de Goethe, a *Weltliteratur*, que Moretti (2000, 2008) retoma e adiciona a isso os "não-lidos" que fazem parte do sistema. Porém, a questão da literatura mundial enquanto sistema surge como o problema dos estudos literários com o qual, segundo Moretti, a leitura distante seria a melhor maneira de lidar,

mas, focando especificamente na maneira de proceder, a *distant reading* não se limita apenas à questão de uma literatura mundial.

Isso porque a gênese da ideia é a análise de um grande número de obras que, como observado por Moretti, é o caso da literatura mundial, mas, como também ressalta o teórico italiano, um cânone nacional, por seu turno, comporta um número significativo de produções literárias. Assim sendo, pode-se afirmar que a leitura à distância de um cânone nacional também é possível, tendo em vista que nesse vasto número de obras literárias existem temas e tropos a serem percebidos e estudados, como não se furta, obviamente, a fortuna crítica que canoniza determinado conjunto de obras. Tem-se aí, então, um fator que incide diretamente na relação entre perda e ganho na abordagem da *distant reading* morettiana. Isso porque o cânone, exatamente por sê-lo, possui a sua literariedade já verificada, comprovada e aclamada, por assim dizer, considerando a importância dada e reafirmada ao longo do tempo para com tais obras.

Desse modo, as características infragenéricas das quais fala Araújo (2016), em obras já abordadas através de diferentes vieses pela crítica especializada e pela academia, passam a ser um elemento anterior à abordagem da leitura distante, para o caso de estas serem estudadas por tal prisma. Assim, tal qual a noção de gênero e as concepções pré-estabelecidas dos objetos literários com os quais pode vir a lidar, o leitor distante, ao abordar o cânone, tem de antemão a percepção da literariedade das obras que, embora não sejam feitas e reforçadas também por ele, possuem o respaldo de toda uma tradição crítico-teórica que realizou a apreciação das obras a partir da leitura cerrada de cada uma delas. Nessa esteira de pensamento, poderia ser afirmado, talvez apressadamente, que, se a literariedade não se perde apenas na leitura distante de um cânone previamente estabelecido, a ideia de ler à distância não seria válida para a abordagem de uma *Weltliteratur* ou a introdução dos "não-lidos" nesse grupo de obras.

A esse respeito, é interessante lembrar que, exatamente pela proporção que se tem ao adicionar os "não-lidos" a um dado estudo, a proposta de Moretti é aprender a *não ler* os textos, devido ao tempo que não estaria disponível em uma vida para tantas leituras e, também, para a visualização das relações entre as obras. Especificamente sobre esse aspecto da proposta morettiana, ressalta-se o que diz Luis Gonçales Bueno de Camargo (2016). Em uma breve, porém bastante pertinente, resenha do livro de Franco Moretti, Camargo (2016) aborda a proposta da leitura distante e diz que a maior inquietação do pensamento que conduz Moretti "é a de que a história literária opera sobre uma quantidade irrisória de obras, constituindo-se uma espécie de história das exceções, uma

'não-história'. Não há como discordar: trata-se de um problema fulcral para a história e para a crítica literária" (CAMARGO, 2016, s.n).

Como se percebe, em parte, Camargo (2016) compartilha da visão de Moretti quanto ao problema que norteia a proposta da *distant reading*, o que identifica, então, a validade da questão. Nesse percurso, Camargo indaga se a solução seria "ler tudo" e, logo, afirma ser impraticável, dando, mais uma vez, subsídio para a necessidade de uma abordagem para a qual se apresenta a leitura distante, posto que "isso não é praticável, e ele [Franco Moretti] tem razão ao afirmar que ninguém tem tempo de vida que baste para ler tudo o que se produziu num longo período, nem há método capaz de lidar com a enormidade dos dados que surgiria dessa leitura, mesmo que fosse possível realiza-la" (CAMARGO, 2016, s.n.). Assim, no decurso do texto o autor é categórico em afirmar o seguinte:

Então, diz ele, sejamos radicais e não leiamos nada. Olhemos a literatura de longe. Num trabalho conjunto, que Moretti uma vez chamou de "divisão cósmica do trabalho intelectual", muitos leriam, produzindo dados, e alguém, situado num ponto privilegiado, de longe, faria o genial trabalho de síntese que explicaria como as coisas são. O problema é que essa solução pode ser apenas aparente e não desloca a discussão com a radicalidade que a proposta – não ler – parece sugerir. Ora, ninguém deixa de ler o que já leu, e por isso Moretti não consegue se desvencilhar de Jane Austen, de Flaubert, de Balzac, de Dostoiévski, de Conan Doyle e de tantos outros autores canônicos. A decisão de não ler, portanto, não os pode atingir. Afeta apenas aqueles outros que, afinal, não seriam mesmo lidos. Não há confronto, e tudo corre o risco de ficar reduzido ao velho sistema centro-periferia, que se mantém intacto e até se reforça, já que estrutura o método. Talvez a solução seja outra: ler também o que está na periferia tanto do cânone literário como do crítico. Não ler tudo, nem mesmo ler mais, mas ler outras coisas e verificar que dinâmica produzem quando postas ao lado daquilo que todos lêem (sic) (CAMARGO, 2016, s.n.).

Tais afirmativas perpassam, brevemente, por alguns aspectos importantes da proposta de Franco Moretti, além da questão dos "não-lidos". O primeiro deles é o da sistematização de estudos feitos por um leitor distante que, nesse sentido, estaria em uma posição muito privilegiada e também incidiria no problema já indicado por Khadem (2012, Apud Pieri, 2019) da possibilidade dos estudos se resumirem a meros dados nas ponderações do leitor distante, como já abordado anteriormente, em uma leitura distante epistemológica. Assim, a questão principal levantada por Camargo (2016) é que a "não-leitura" pode ter o efeito inverso do que se pretende, uma vez que, como o próprio autor

afirma, desvencilhar-se do já lido é algo improvável, o que explica o uso que faz Moretti dos autores de das obras que formam o cânone.

Alia-se a isso a própria lógica interna na qual Franco Moretti se baseia – a literatura mundial é um sistema uno e desigual com um centro e uma periferia –. Nesse sentido, colocar em perspectiva os "não-lidos" em relação a um cânone já estabelecido apenas reforçaria os motivos pelos quais os "não-lidos" estão e permanecem em tal condição. Mas importa notar que a proposta de Camargo (2016), por mais que se queira distante da proposição morettiana, no sentido de método, em grande medida se aproxima da *distant reading*. Isso porque para ler outras obras e identificar dinâmicas, bem como a própria leitura de uma visão crítico-teórica estabelecida sobre elas, é necessário, antes, tomar conhecimento sobre tais produções, o que só é possível através de alguma atividade intelectual que jogue luz sobre tais produções.

Tendo isso em vista, a proposta de Moretti (2000, 2008) que também tem como objetivo lançar luz sobre os "não-lidos", pode, de fato, ter o efeito contrário do qual fala Camargo (2016), considerando a lógica que estrutura a relação entre as obras, mas, em contrapartida, é pertinente considerar que ao trazer as obras não-canônicas e considerá-las parte de um sistema, outros estudiosos tomem ciência de suas existências e, assim, abordem-nas através de formas baseadas na leitura cerrada. Em outras palavras, se não se deixa de ler aquilo que já foi lido, está anterior a isso o próprio conhecimento sobre as obras, o que significa dizer que não é possível ler o que não se conhece, e nisso reside, então, uma vantagem da leitura distante para com os "não-lidos", mencionada pelo próprio Moretti, fazendo com que as obras que formam esse grupo sejam consideradas enquanto objeto literário.

Além disso, é importante salientar que as obras que formam o cânone, para serem largamente conhecidas e dignas de tamanho prestígio, fizeram parte de um processo baseado em pressupostos crítico-teórico-metodológicos que atestaram sua validade frente a diferentes fatores – literariedade; temáticas, relação entre texto e contexto, entre outros – e, assim, passam a ser lidas em grande escala. Ora, se há um processo que trouxe as obras ao público e à crítica, bem como concepções que as tornaram canônicas – lembrese, por exemplo, das instâncias de consagração das quais fala Pierre Bourdieu (1974) – é sensato presumir que um processo que se baseie em diferentes abordagens – leia-se, a leitura distante em vez da leitura cerrada –, mesmo que confirme certas estruturas, possibilita que outras obras sejam consideradas, para utilizar os termos de Moretti, em

seu caráter de evento que a *close reading*, como é demonstrado na história da literatura, é excelente para tal verificação, por assim dizer.

Com isso, compreende-se que não se propõe, com a leitura distante, uma total invalidez da leitura cerrada e que seus dias estariam contados, pelo contrário, posto que a própria história da literatura e a formação do cânone é formada através dela. Dessa maneira, é estabelecida uma retroalimentação entre as duas abordagens, uma vez que a leitura distante se baseia em pressupostos construídos com base na leitura cerrada que, por seu turno, se faz ainda mais válida para a asseveração, ou não, da literariedade inerente a determinados textos que podem possuir certas qualidades que, por diferentes motivos, foram apagados de um circuito literário pré-estabelecido. Com isso, cabe então discutir de que maneira isso se vincula às humanidades digitais e à utilização de bancos de dados e técnicas computacionais.

Nesse sentido, a leitura distante proposta por Moretti difere da sistematização da produção de um grande número de obras já desejada em tempos anteriores¹⁰, por incluir as ferramentas digitais, bancos de dados de literatura e, também, a linguística de corpus, fatores estes que, obviamente, não se configuravam como estruturas instaladas no cotidiano das pessoas em tempos anteriores, tal qual se observa no mundo contemporâneo. Dessa maneira, a leitura distante a ser praticada passa também por uma compreensão sobre as humanidades digitais e a respeito de como a introdução de softwares incide sobre o trabalho intelectual com textos literários, aspecto este que está implicitamente presente na "não-leitura" de determinadas obras, uma vez que os dados a serem observados e analisados qualitativamente são gerados a partir do software usado.

Exatamente por isso a junção das obras literárias digitalizadas – estas transformadas em arquivos possíveis de serem inseridos em um banco de dados – e a linguística de corpus se faz presente em estudos que se debruçam sobre seus objetos a partir da *distant reading*, uma vez que os corpora formados pelas produções literárias possibilitam o mapeamento de fenômenos, como a recorrência de determinados substantivos, verbos ou adjetivos que, traduzidos para uma linguagem quantitativa, por assim dizer, incidem nas possíveis abordagens qualitativas a se fazer. Nessa esteira, Suemi Higuchi (2021, p. 04) afirma que "a combinação entre dados quantitativos para conclusões qualitativas e dados qualitativos para conclusões quantitativas pode ser de fato

¹⁰ Tal fato é abordado pelo já citado na introdução desta pesquisa Underwood (2017)

valiosa na análise de grandes volumes de texto, mas desde que o conhecimento linguístico e o conhecimento estatístico se façam presentes".

A afirmação da autora faz com que se perceba a confluência inerente ao uso de abordagens qualitativas e quantitativas que não se excluem, mas se retroalimentam para gerar uma análise mais consistente. Além disso, é interessante notar a ênfase na necessidade de conhecimento sobre os dois polos da abordagem. Certamente, o que é colocado por Higuchi (2021) sobre o conhecimento da linguagem se refere à linguística enquanto área do conhecimento, porém, na medida em que um corpus literário é o objeto de estudo com base da leitura distante, o "conhecimento linguístico" se configura como a compreensão do pesquisador a respeito do material com o qual trabalha, seja advindo da leitura cerrada da crítica sobre as obras ou a leitura das obras em si, uma vez que os dados são gerados a partir de dado fenômeno que se apresenta através da linguagem utilizada para a própria construção das obras em estudo e que deve ser compreendido pelo sistema a ser utilizado. Nessa esteira, cabe então outra afirmação de Higuchi (2021, p. 05):

Em geral, a primeira etapa de um trabalho de processamento de texto deve lidar com os seguintes aspectos: a formalização da tarefa de pesquisa, a adaptação da técnica computacional escolhida e a definição das variáveis em uma representação que os algoritmos possam entender. Outro momento consiste em abstrair conclusões úteis a partir das saídas geradas pelas análises. Embora um método computacional possa capturar relacionamentos adicionais no corpus, ainda será função do *expert* humano identificar os corretos e, em seguida, validá-los e interpretá-los, ou então coloca-los de lado. Nesta etapa, o especialista deve entender se há causalidade por trás das correlações ou decidir ajustar as *features* para executar novamente o modelo em busca de resultados melhores (HIGUCHI, 2021, p. 5).

O que é descrito pela autora faz com que se perceba a necessidade de os materiais serem "entendidos" tanto pelo estudioso, o que é truísmo afirmar, quanto pela máquina, em um processo, este do software utilizado, de decodificação que filtre os resultados para que sejam observados apenas os fenômenos que interessam à pesquisa realizada. Nesse sentido, há aqui uma questão hermenêutica em jogo, posto que o "entendimento" se configura de maneiras diferentes. Nesse sentido, a possibilidade do erro está na própria semântica que o grafema gera em determinado contexto, o que, por seu turno, cabe ao analista avaliar o que se apresenta como "erro" em relação à semântica empregada em sua análise, que não seria aproveitada, talvez sendo até mesmo prejudicial à pesquisa empreendida

Com isso, a lida com a materialidade do texto que compõe as obras literárias em determinado estudo ganha um "olhar" literalmente técnico, tendo em vista a interpretação gráfica e numérica que os softwares realizam com base na linguagem binária já citada. Tal fato se assemelha à própria intenção, esta também já de muito tempo, do trato com o texto literário em sua imanência, nascida no século XX em contraposição às concepções do século XIX – historicismo e positivismo – que compreendiam o fenômeno literário atrelado a elementos fora do texto, como o contexto representado nas obras ou uma explicação neutra de algum fato extraliterário. Assim, segundo Roberto Acízelo de Souza, (1990, p. 35), as concepções que se contrapõem a isso pretendiam "investigar não as causas exteriores supostamente determinantes do texto literário, mas o próprio texto, entendido como um arranjo especial da linguagem cujas articulações e organização podem ser descritas e explicadas na sua imanência [...]".

O que é explicado pelo autor faz com que se perceba a primazia da *close reading*, posto que as correntes que surgem em contraposição às concepções oitocentistas; quais sejam, estilística, formalismo russo, crítica anglo-americana e fenomenologia dos estratos (SOUZA, 1990); por se interessarem nas filigranas do texto, tinham como imprescindível a leitura cerrada das obras. Certamente, não é sensato compreender que as correntes anteriores prescindiam do texto, o que se coloca como ponto fulcral é a própria noção do que vem a ser o objeto literário, posto que se alarga o conceito por conta do que se considera como método de observação, estudo e conceituação do objeto, como é o caso do modelo filológico, de acordo com Souza (1990), que leva a crer ser a literatura um dado conjunto de textos escritos, considerando os mesmos critérios para, por exemplo, tratados sociológicos e poemas.

Assim, para realizar a diferenciação do texto literário de outras produções e, além disso, estabelecer o valor do texto literário em si e não em relação apenas ao contexto ou a outros elementos extratextuais, os métodos de apreciação também se alteraram. Dessa forma, "no moderno pensamento científico, se tem presente que o objeto de uma ciência não é *dado*, mas *construído* pela aplicação do método" (SOUZA, 1990, p. 38. Grifos do autor). Assim, o processo de ponderação sobre a literatura e as análises dos aspectos específicos observados nos textos constroem o objeto literário, por assim dizer. Ou seja, a construção de bases teórico-metodológicas específicas para análise dos textos literários torna possíveis tanto a problematização do objeto quanto uma observação mais apurada do constructo de um texto que pode ser descrito com o adjetivo "literário" e as possibilidades de interpretação destes.

Tais asseverações, no presente texto, são truísmos que se fazem necessários para enfatizar que a escolha e as formulações do prisma pelo qual os textos literários são analisados incide diretamente na interpretação que se faz deles, tornando necessário considerar o que está na base das formulações. Nos casos já citados, é a *close reading* que guia as asseverações possíveis, por permitir que os aspectos específicos do texto sejam endossados para que não se entenda a literatura como um conglomerado de vários gêneros textuais. Isso implica dizer que, por mais diferentes que sejam os enfoques que as diversas teorias literárias dão aos textos, a base, na grande maioria das vezes, é a leitura cerrada, já problematizada anteriormente.

Nesse sentido, se é a formulação do método que constrói o objeto e as possíveis interpretações a seu respeito e, no caso da literatura, a lida com as filigranas dos textos é uma atividade inerente aos estudos literários com base nos prismas de observação então estabelecidos, tanto a leitura distante quanto a leitura cerrada lidam com as especificidades dos textos literários, sendo a diferença entre uma e outra a abrangência que o método permite, posto que, nesse sentido, a *distant reading* se qualifica como uma "não-leitura" que abarca uma grande quantidade de textos e concede meios para uma interpretação a respeito de aspectos específicos de tais produções. Dessa forma, diferente de um método que pressupõe as formulações de dada teoria para a leitura de um texto, a questão aqui é a lida, além do conhecimento sobre os textos com os quais se trabalha, com a operacionalidade de sistemas computacionais, gráficos e uma visão quantitativa, de dado fenômeno que se faz presente em uma significativa quantidade de textos, como também abordado anteriormente.

Dessa maneira, as etapas das quais fala Higuchi (2021) se configuram como a construção do método que ao fazer uso de aparatos tecnológicos forma, também, o seu objeto de análise. Porém, tal constituição se diferencia daquelas já citadas, como o Formalismo Russo ou a Estilística, posto que estas tinham como problema central o conceito de literatura e as suas características próprias e a leitura distante constrói como objeto de estudo e problematização a própria percepção de um objeto já dado, qual seja, a própria literatura, bem como fenômenos ou temas a ela inerentes, mas que, por conta da limitação da *close reading*, seriam observáveis em um número bastante restrito, como observa Franco Moretti (2000, 2008).

Assim, a guinada epistemológica que está inserida na leitura distante pressupõe o foco em características específicas do texto literário, como o é na leitura cerrada, mas em uma quantidade de textos maior e com as possibilidades de resultados em menor tempo.

Nesse sentido, a *close reading* permite ao pesquisador uma abrangência muito significativa dos poucos textos com os quais lida e os fenômenos a serem observados, já a leitura distante, a seu turno, permite a percepção e análise de dado fenômeno em uma grande quantidade de texto, mas sem a leitura integral de todos eles, tratando-os a partir de elementos, grosso modo, semânticos e estatísticos que, por sua vez, fazem uso de ideias advindas da lexicologia e da lexicografia.

Segundo Carlos Alberto Antunes Maciel (2013, p. 202) tal conhecimento "se faz necessário e até mesmo indispensável para que possamos fazer um bom uso do método ou dos recursos propostos pela estatística". Assim, coadunam-se diferentes conhecimentos na construção do método e na percepção do objeto literário, uma vez que se mesclam semântica, estatística, o texto literário e as críticas a ele dirigidas, pois, como já afirmado, o conhecimento construído sobre a literatura e que se baseia na leitura cerrada também é importante para as reflexões sobre a leitura a partir de uma abordagem ao mesmo tempo quantitativa e qualitativa. Nesse sentido, considerando a abrangência possibilitada pela leitura distante em relação à quantidade de textos a serem estudados, cabe considerar as ponderações feitas por Paulo Silva Pereira (2015).

O autor considera a *distant reading* em suas reflexões sobre as humanidades digitais e a incidência da introdução da tecnologia em estudos de literatura, considerando diferentes fenômenos atrelados a isso, como a literatura eletrônica, os acervos em sítios digitais, o ensino de literatura e até mesmo o uso de redes sociais nesse processo. Em relação especificamente à leitura distante, Pereira (2015) pondera tanto a respeito do método em si quanto ao objeto de estudo pretendido, qual seja, uma grande quantidade de obras literárias. Nessa linha de raciocínio, o autor afirma que mesmo que se queira chegar a evidências ditas irrefutáveis, "o certo é que tudo decorre de uma série de suposições sobre a natureza da linguagem que condicionam o teor do resultado final, provando mais uma vez que até em casos de *distant reading* não se pode prescindir de uma dinâmica interpretativa" (PEREIRA, 2015, p. 127).

Aqui surge, novamente, a questão que envolve o trabalho intelectual a ser empreendido, mesmo que determinado estudo faça uso de tecnologias e dados estatísticos. Além disso, cabe ressaltar a possibilidade do surgimento de novas questões a partir de uma visão que sistematize convenções e outros fatores que catalisam a construção de um cânone, utilizando como exemplo o livro *Macroanalysis. Digital Methods and Literary History* (2013), de Matthew Jokers, que também vai na direção proposta por Franco Moretti em relação ao estudo de obras além do cânone dentro da

construção da história da literatura. Nessa linha de raciocínio, Paulo Silva Pereira (2015) aponta para outro aspecto da questão, quanto afirma o seguinte:

Por outro lado, é ilusório pensar que tenhamos alcançado já um nível satisfatório em termos de cobertura, pois uma parte significativa dos projetos mais recentes tem por base um *corpus* em língua inglesa, incidindo, sobretudo, sobre o século XIX e épocas posteriores, pelo que a escassez de dados abertos em determinados contextos do espaço transnacional de língua portuguesa continua a ser um entrave sério à expansão de certos métodos de trabalho (PEREIRA, 2015, p. 127).

Com base no que apresenta Pereira (2015) é percebido que a abrangência pretendida pela leitura distante, especificamente em relação à literatura escrita em língua portuguesa, esbarra no material que é transposto para o meio digital através dos processos de digitalização e demais trabalhos com os textos, para que estes possam ser disponibilizados em diferentes corpora. Porém, para além disso, é preciso ressaltar o trabalho colaborativo e interdisciplinar necessário para análises em corpora, posto que há a necessidade de trabalho em conjunto tanto dos estudiosos da literatura quanto dos profissionais especializados em ferramentas computacionais, o que indica uma das principais barreiras que impedem um número maior de obras em português disponíveis em corpora para estudos através da leitura distante.

Certamente, como bem afirma Pereira (2015), o entrave em relação a isso se faz bastante significativo, uma vez que a introdução de tais possibilidades de estudo exigem o trabalho colaborativo de preparação do material que pode, por vezes, ser um processo demorado. Porém, o preparo das obras se qualifica como um entrave apenas no sentido técnico, mas não em relação ao trabalho intelectual a ser empreendido sobre os possíveis resultados e, nesse sentido, a própria atividade do pensamento incide diretamente sobre o que poderia ser considerado "pouca coisa", tendo em vista que, para além de uma questão de quantidade, há a introdução dos elementos – números, tabelas e gráficos são exemplos disso – que alteram certas características de uma dinâmica interpretativa, alteração esta que, pensando no decurso do estudo da literatura, se configura como a adição de um elemento que ao serem consideradas as devidas proporções pode acrescentar perspectivas consistentes sobre o entendimento da literatura. Cabe agora, então, apresentar as análises realizadas através do prisma da leitura distante.

3. APRESENTAÇÃO DO OBRAS: POSSIBILIDADES DE PESQUISA

O OBRas é um corpus composto por obras da literatura brasileira que já se encontram em domínio público e que está dentro do projeto AC/DC (Acesso a corpos/ Disponibilização de corpos). O objetivo do corpus é disponibilizar, em um mesmo espaço online, textos que compõem a literatura brasileira, além de outras produções lusófonas, e contribuir com avanços em estudos linguísticos, literários e culturais que envolvam a língua portuguesa. Na página inicial do corpus OBRas, disponível no site da Linguateca (<https://linguateca.pt/>), é possível visualizar a caixa de procura e as opções de amostragem possibilitadas pelo corpus, como mostra a figura abaixo.

Figura 1 – página inicial do corpus OBRas

O corpo **OBRas** (Obras Brasileiras) é um corpo de textos brasileiros que já alcançaram o domínio público, criado numa colaboração entre a Linguateca, a Universidade de Oslo, a PUC-Rio, a Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e Anya Campos. Para mais informações veja-se a [página do projeto](#).

Procurar:

Resultado:

- Concordância
- Distribuição das formas (*word*)
- Distribuição dos lemas (*lema*)
- Distribuição da categoria gramatical (PoS) (*pos*)
- Distribuição do tempo verbal e/ou do caso pronominal (*temcagr*)
- Distribuição de pessoa e/ou número (*pecssnum*)
- Distribuição do género morfológico (*gen*)
- Distribuição da função sintáctica (*func*)
- Distribuição pelas obras (*obra*)
- Distribuição por autores (*autor*)
- Distribuição por género de texto (*classe*)
- Distribuição pela corrente literária (*escola*)
- Distribuição pelo sexo do entrevistado, do biografado ou do autor (*sexo*)
- Distribuição por texto original ou traduzido (*oritrad*)
- Distribuição por campo semântico (*sema*)
- Distribuição por grupo (de cor, roupa, etc.) (*grupo*)
- Distribuição das dependências (*dependencias*)

Opções

- Resultados por ordem alfabética (só distribuições)
- Resultados em formato separado por ponto e vírgula
- Ignorar maiúsculas/minúsculas (não admite parâmetros)

Fazer nuvem com limite de

Amostra aleatória de linhas.

Tipo	Literário
Variante(s)	BR
Tamanho (unidades)	14.6 milhões
Tamanho (palavras)	10.4 milhões

Caracteres úteis: | { } []

[Página principal](#)

Procure noutros corpos:

[AmostRA-NILC](#) [ANCIB](#) [Avante!](#) [Corpus Brasileiro](#) [CD](#) [HAREM](#) [CETEM](#) [Público](#) [CHAVE](#) [Ciência Viva](#) [Colonia](#) [CONDIV](#) [port](#) [CONDIV](#) [port?](#) [CoNE](#) [C-Oral-Brasil](#) [CORDIAL](#) [SIN](#) [CorTrad](#) [lado português](#) [DHBB](#) [DiaCLAV](#) [Diáspora](#) [TL-PT](#) [ECI](#) [EBR](#) [ECI-EE](#) [ENPCPUB](#) (parte em português) [Floresta](#) [FrasesPB](#) [FrasesPP](#) [Mariano Gago](#) [LeMe](#) [Literateca](#) [Marielle](#) [.presente!](#) [Moçambula](#) [Museu da Pessoa](#) [Natura](#) [Mínho](#) [NOBRE](#) [OBRas](#) [PANTERA](#) [lado português](#) [P'lo Norte](#) [Português Falado](#) [Documentos Autênticos](#) [ReLi](#) [NILC](#) [São Carlos](#) [todos juntos](#) [Tycho](#) [Brahe](#) [Vercial](#)

Fonte: Linguateca.

Com base na página inicial, percebe-se que é possível pesquisar um termo e filtrá-lo, fazendo com que apareçam, por exemplo, quais autores mais citam o termo pesquisado, em qual escola literária a palavra surge com mais frequência e, também, os trechos em que aparece, através da filtragem por concordância. Além disso, o corpus permite a criação de campos semânticos que são, resumidamente, grupos de palavras que se relacionam diretamente com determinado tema. No caso desta pesquisa, foram adicionados termos que fazem parte do universo helênico para que o estudo pudesse ser realizado. Nesse sentido, é válido destacar que as palavras presentes no sema muitas vezes compõem outros semas dentro do corpus e, também, que a análise leva em consideração a semântica das palavras no discurso devido à polissemia de muitas delas, como é o clássico caso da palavra "manga", que pode ser tanto a fruta quanto a parte da roupa, a

dependem do contexto. Descrições pormenorizadas a respeito do AC/DC¹¹ – Projeto do qual o OBRas faz parte –, bem como sobre a Linguatca e o próprio corpus OBRas são feitas por Santos, Freitas e Bick (2018); Santos e Bick (2000) e Santos (2014).

Além disso, é interessante ressaltar que os dados gerados no corpus só são possíveis por conta de uma ação conjunta, como descrito na página inicial mostrada na imagem anterior, entre diferentes instituições e de áreas distintas do conhecimento, haja vista a questão tecnológica envolvida e o processo pelo qual os textos devem passar antes de comporem o corpus. Tal colaboração permite, então, que as pesquisas em literatura sejam feitas fazendo uso de números e dados estatísticos, ampliando as possibilidades de pesquisa e construção do conhecimento na área à medida em que é adicionada outra perspectiva pela qual são observados e interpretados os fenômenos literários.

Dessa forma, a colaboração entre diferentes áreas do conhecimento se faz nítida no processo de pesquisa, pois, por mais que seja possível pesquisar apenas um termo e verificar qual autor mais o cita ou os trechos em que aparece, isso não é suficiente para uma observação mais detalhada de determinado fenômeno e, também, não explora as potencialidades do corpus. Além disso, a busca por autores se dá através de códigos que os identificam dentro do corpus, códigos estes que devem ser de conhecimento de quem realiza pesquisas dentro do corpus para que se tenha uma interpretação pertinente dos dados. Outro fator a ser considerado é o número de obras por autor.

Como não há no corpus todas as produções de todos os autores selecionados para a análise, há de se considerar que, pelo fato de ter mais obras no corpus, determinado autor pode surgir como aquele que mais usa um termo ou mais repete um padrão pesquisado, em números absolutos. Porém, a questão é que valores absolutos e valores relativos podem revelar aspectos diferentes de um mesmo fenômeno, pois, aprofundando o exemplo citado, se o autor X possui 50 obras no corpus e os autores Y e Z possuem 30, há grande possibilidade de os números absolutos mostrarem que o autor X usa com mais frequência dado termo ou padrão, mas se, mesmo assim, os números forem próximos, relativamente os autores Y e Z utilizam mais um termo ou repetem com mais frequência um dado padrão. Por isso devem ser considerados nesse tipo de pesquisa, além dos números absolutos, os números relativos, ou seja, resultados que consideram o valor dos números em relação àquilo que representam em um determinado contexto. A formação do campo semântico foi realizada através com base nos termos presentes no *Dicionário*

¹¹ Acesso a Corpus/Disponibilização de Corpus

mítico-etimológico escrito por Junito de Souza Brandão (2014), no qual são explicadas as origens de termos gregos, bem como em diferentes pesquisas tanto nos textos dos autores selecionados para análise quanto em outras produções acadêmicas. As palavras retiradas do dicionário de Brandão (2014) estão em anexo.

Com base nisso, serão analisados aqui os dados obtidos no OBRas em 10 autores que compõem o corpus, escolha que se justifica pelo fato de que os autores selecionados apresentam um número maior de termos helênicos nas obras disponíveis no corpus, o que permite uma análise mais pertinente de tal fenômeno nos textos, compreendendo os termos helênicos como dados que indicam certa característica em um conjunto de textos que compõem a literatura brasileira. Os autores são: Machado de Assis, Coelho Neto, José de Alencar, Humberto de Campos, Joaquim Manuel de Macedo, Aluísio Azevedo, Euclides da Cunha, Bernardo Guimarães, Lima Barreto e Visconde de Taunay.

3.1 O helenismo na literatura brasileira lido à distância: autores e números relativos

Cabe aqui lembrar, resumidamente, que ao estudar a crítica especializada é possível compreender no decurso da formação da literatura nacional que as produções árcades baseavam-se nos modelos clássicos advindos da cultura greco-romana, chegando até mesmo a imitar tais produções literárias. Os românticos rejeitavam o helenismo presente nas obras brasileiras baseados na necessidade de uma literatura que fosse, de fato, brasileira, com características próprias e sem ligações tão nítidas com as produções do colonizador, em um contexto de recém independência, o que culmina em um apagamento dos mitos gregos das letras brasileiras.

Porém, com o advento do realismo e, principalmente, do parnasianismo, os deuses voltam ao Olimpo munidos de mais poderes do que antes, poderes esses dados pelos literatos academicistas de então, com afirma Brito Broca (2005). Assim, o que se percebe é um processo de queda e de ascensão subsequentes do helenismo na literatura brasileira, considerando os apontamentos críticos que versam sobre o tema dentro das produções prosaicas brasileiras dos mais diferentes autores, o que instiga a análise de tal fenômeno por diferentes vieses, como é o caso da leitura distante, através da utilização de corpus disponíveis em rede, ferramentas computacionais e números, na qual se baseia presente estudo.

Dentro do corpus OBRas, como já afirmado, há a possibilidade de pesquisar não apenas um termo, mas diferentes combinações de resultados, através de códigos do próprio sistema que permitem tornar a busca mais significativa para o pesquisador. Com

isso, na barra de procura do OBRas foi realizada uma busca para identificar a quantidade de termos helênicos nos textos dos autores selecionados, dos gêneros conto, crônica, ensaio, novela e romance – tendo em vista os exemplos dados pela crítica especializada dos diferentes gêneros textuais para tecer comentários sobre a presença helênica nas letras brasileiras – utilizando a seguinte forma de pesquisa: "[sema="helenismo.*" & autor="MacAss|CoeNet|JosdAle|HumCam|JMdM|AluAze|EucCun|BerGui|LimBar|VisTau"]" e distribuição por autor, obtendo-se o resultado mostrado na imagem a seguir:

Figura 2 - Distribuição de helenismos por autor: números absolutos

Procura: [sema="helenismo.*" & autor="MacAss CoeNet JosdAle HumCam JMdM AluAze EucCun BerGui LimBar VisTau"]		
Distribuição de autor		
Corpo: OBRas v. 13.14		
544 casos.		
Distribuição		
Houve 10 valores diferentes de autor.		
CoeNet	197	1197277
MacAss	177	2208939
HumCam	55	386066
JosdAle	29	704480
JMdM	27	642008
AluAze	26	708340
EucCun	11	318066
LimBar	8	337929
BerGui	7	427166
VisTau	7	190531

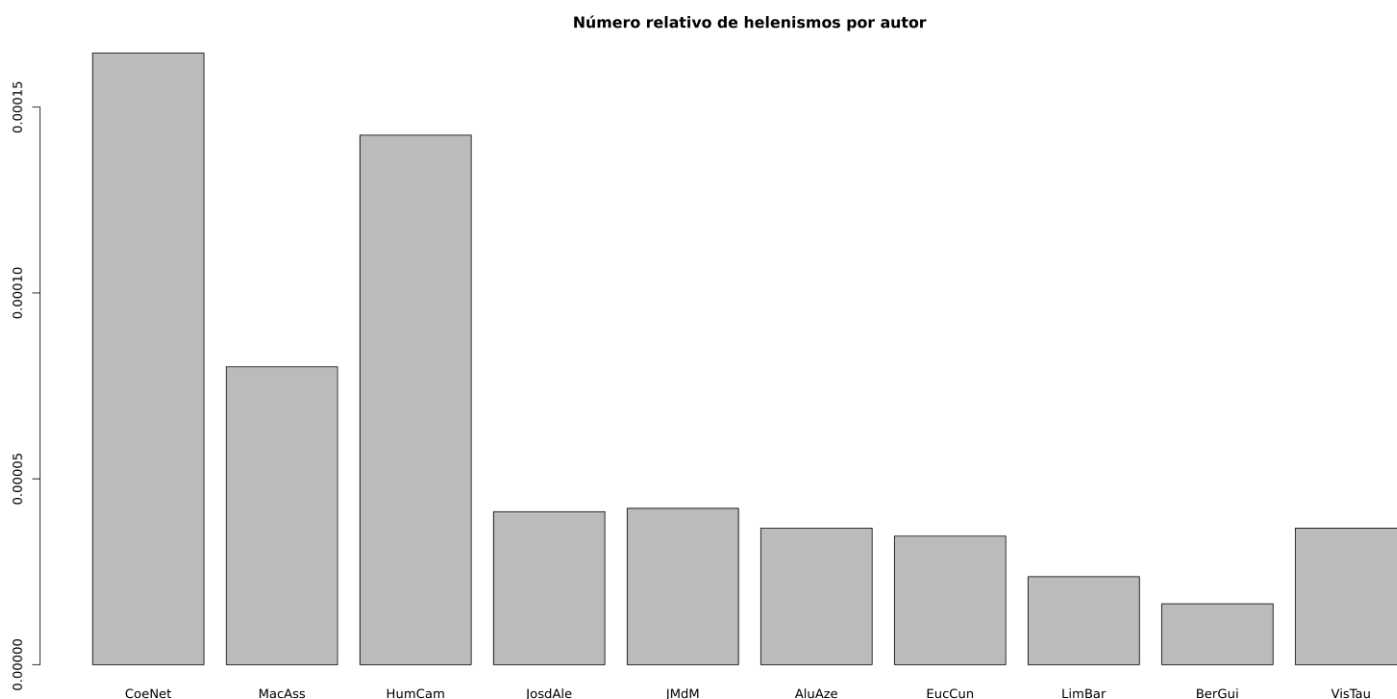
Fonte: OBRas (2023)

Os resultados obtidos nessa busca rápida e simples são os números absolutos com base nas obras que estão no corpus dos autores selecionados. Apesar de revelarem apenas isso, o que não diz muito sobre a questão do helenismo nos escritos presentes no corpus, é interessante notar que, mesmo com menos obras do que Machado de Assis, Coelho Neto surge como aquele que, em números absolutos, utiliza mais termos helênicos. Dessa forma, o dado absoluto reafirma o que já é conhecido na crítica especializada, de que o escritor maranhense dotava seus textos de vasta quantidade de referências helênicas. Do ponto de vista epistemológico, a construção de conhecimento sobre o assunto diverge da maneira utilizada pela crítica especializada, mas, como é percebido, ao interpretar brevemente os números absolutos chega-se à mesma conclusão de críticos como José Veríssimo (1904) e Brito Broca (2005) a respeito do prosador maranhense e a sua busca de inspiração no universo helênico.

Porém, o que vem além disso não se valida enquanto indício de episteme a respeito do helenismo na literatura brasileira pois, como já afirmado, os resultados ignoram a

relação entre a quantidade de textos de cada autor no corpus e a frequência dos termos e, nesse sentido, é importante considerar a própria complexidade inerente ao uso dos números em pesquisas, tendo em vista que a interpretação destes deve levar em conta o contexto do que é pesquisado, dentre outros fatores. Faz-se importante, então, visualizar os números relativos¹² no gráfico abaixo:

Gráfico 1 – Número relativo de helenismos por autor



Fonte: OBras (2023)

Como esperado, Coelho Neto surge como o autor a utilizar mais palavras que indicam a influência helênica. Porém, os números relativos mostram Humberto de Campos como o segundo autor a utilizar mais termos helênicos em seus escritos, diferente do que demonstram os números absolutos. Do ponto de vista formal, o que explica o resultado relativo é o fato de que os dois autores, Coelho Neto e Humberto de Campos, são de viés estético declaradamente acadêmico e, de acordo com o já citado Silva (2021), a literatura academicista do entresséculos tinha como traço marcante a utilização de personagens, mitos, fábulas e padrões estéticos advindos da cultura clássica. Além disso, é válido frisar que ao mesmo tempo em que figura em tal posição, Humberto de Campos faz críticas em diferentes produções, tendo em vista que em livros seus, como em *Crítica*:

¹² Os números relativos apresentados nesta pesquisa foram gerados através da linguagem de programação R e os comandos utilizados para chegar aos resultados estão disponíveis em anexo.

Iº Serie (1933), o literato tece comentários sobre a escrita utilizada por Coelho Neto, identificando nele uma influência helênica que, entre outros fatores, faz parte de seu espírito literário e que o faz errar, por exemplo, no trato com fatos do cotidiano, que não combinariam com a atmosfera helênica que dota a escrita do autor.

Mesmo que as críticas não tenham o tom fervoroso como era a crítica dos modernistas, ao relacioná-las com os dados relativos obtidos através do OBRAS é possível concluir que o helenismo academicista do entresséculos, representados pelas figuras de Coelho Neto e Humberto de Campos, não era homogêneo quanto à frequência de uso nas obras. Além disso, os dados relativos demonstram que, assim como Humberto de Campos, Machado de Assis também surge como um autor que cita em seus textos os termos helênicos com certa frequência, menos que Humberto de Campos e Coelho Neto, certamente.

Mas, ainda assim, não deixa de ser notável que os três autores que demonstram maior frequência relativa ao uso de termos helênicos são ligados à Academia e que, na compreensão de críticos como Brito Broca (2005) e José Veríssimo (1904), demonstram em seus respectivos textos um uso diferente dos referenciais helênicos, sendo Machado de Assis e Coelho Neto dois representantes de como a cultura helênica poderia influenciar os literatos brasileiros, com Machado de Assis sendo um arquétipo de sobriedade em relação ao uso da cultura helênica e Coelho Neto compreendido como um símbolo da maneira pela qual o referencial cultural helênico se configurou como um meio de ornamentar as obras de então, com a finalidade de dotá-las com pendores épicos e grandiloquência vernacular, além de um tom erudito, haja vista a compreensão de que citar mitos, personagens e fábulas de tal cultura era compreendido por muitos como indicativo de erudição, como afirma Brito Broca (2005).

A posição intermediária de Humberto de Campos, dentre aqueles com maior frequência relativa, também se explica se forem consideradas as críticas por ele feitas, mesmo que assumidamente academicista, ao padrão de escrita influenciado pelo referencial helênico, não apenas de Coelho Neto, mas ao próprio uso de tal referencial, como lembra Silva (2021) de uma fábula em que Humberto de Campos narra o diálogo entre um sabiá e um xexéu, no qual o xexéu entoia cantos desconhecidos, de uma terra distante e extinta, na qual figuravam Zeus e Minerva, por exemplo, ao que o sabiá, depois de tomar conhecimento disso, responde com o conselho de que o xexéu cante sem pedanterias e com inspirações próprias de sua terra.

Assim, há de se considerar uma semelhança entre Machado de Assis e Humberto de Campos quanto ao uso do referencial helênico e que, em certa medida, se relaciona com os números obtidos. Tanto Machado de Assis quanto Humberto de Campos em textos de diferentes gêneros teceram críticas a esse uso demasiado dos mitos gregos e, com isso, o próprio uso dos termos se faz menor, demonstrando a coerência entre os textos que podem ser de viés claramente críticos, como a crônica e o ensaio, e textos de cunho literário, como o conto e o romance. A coerência citada é vista, então, pelos dados que mostram os dois autores com uma frequência menor do que a de Coelho Neto que, através de seu *alter ego* de nome Anselmo Ribas, afirma que se sente arrastado para a Grécia, com seus heróis e deuses (NETO, 1899).

Assim, as formas de entendimento sobre o helenismo por parte dos três literatos em relação ao helenismo, bem como os comentários da crítica especializada, coadunam-se com os números relativos mostrados no gráfico. Com isso, do ponto de vista da percepção dos autores e suas relações com a cultura helênica, o que se percebe é, novamente, a correspondência com o que afirma a crítica, de maneira geral, e os dados relativos, pois corroboram que Coelho Neto surge como o mais helênico entre os autores, Humberto de Campos, enquanto literato academicista e crítico do exagero helenista, fica em segundo lugar na frequência relativa e Machado de Assis em terceiro, pois, apesar de também ligado à Academia, buscava a sobriedade no uso dos referenciais helênicos.

Além dos três literatos, o gráfico de frequência relativa mostra também outros autores e tais números podem sugerir diferentes interpretações. É truísmo afirmar que devido às influências de seus respectivos tempos, autores como Bernardo Guimarães, Visconde de Taunay e José de Alencar surgem com menor frequência. Além disso, de acordo com estudiosos como Alfredo Bosi (2006) os autores dotaram seus textos com ares regionalistas, na medida em que, como diz Nelson Werneck Sodré (Apud Bosi, 2006, p. 141) abordar a questão do sertanejo brasileiro tinha a finalidade de "substituir o indianismo, como aspecto formal e insistente na intenção de transfundir um sentido nacional à ficção romântica". Certamente, a frequência menor do uso de termos helênicos por parte dos autores remonta ao ideal romântico de fazer com que a literatura produzida em território brasileiro não fosse atravessada por influências do país lusitano colonizador ou de outras culturas, como é o caso da cultura helênica.

Assim, os dados relativos permitem afirmar que, mesmo com a rejeição aos personagens e mitos advindos do helenismo, os elementos advindos da cultura grega, enquanto referências para a construção de ideias e conceitos, permanecem, em menor

grau, em alguns textos do romantismo, como é o caso dos citados Bernardo Guimarães, Visconde de Taunay e José de Alencar. É válido ressaltar, a respeito do modo de análise, que, dada a frequência e as asseverações da fortuna crítica dos autores, não se trata, aqui, de qualificar os autores românticos como literatos que foram influenciados pelo helenismo tal qual um Coelho Neto ou um Humberto de Campos, mas de evidenciar que através de uma leitura distante, detendo o olhar apenas no fenômeno analisado nas obras em questão, é possível perceber que, independentemente das impressões dos diferentes leitores e da ideologia que influenciava a escola literária, é um fato que há o referencial helênico nos escritos de tais autores.

Em relação a Aluísio Azevedo, é importante fazer uma pequena digressão, o que ajudará, também, no entendimento sobre aspectos específicos da pesquisa. Os dados relativos referentes ao autor, se lidos sem considerar a semântica empregada nos trechos em que surgem, podem induzir a uma interpretação errônea sobre o uso de termos helênicos por parte do autor. Um exemplo disso é a sua obra póstuma *O touro negro* (1938), identificada como pertencente ao gênero crônica no corpus OBRas e que possui palavras que fazem parte do sema "helenismo", mas é interessante abordar brevemente os seguintes trechos de um dos textos que compõem o livro.

Tabela 2 - Trechos de O touro negro (1938)

<i>id="O_touro_negro Prosa: crônica AA 1938 realismo masc</i>	Me arranjes propício campo para o pedido do Ciro , e consigas tira-me desta argentina cruz, onde estou crucificado à minha própria custa, pois que o Governo nada me deu para a viagem, nem o pseudo-consulado me dá para viver.
<i>Id="O_touro_negro Prosa: crônica AA 1938 realismo masc "</i>	O contra-almirante Pinto da Luz fez-me o obséquio de escrever, enviando-me a própria carta com que o Olinto respondeu ao seu pedido a meu respeito.
<i>Id="O_touro_negro Prosa: crônica AA 1938 realismo masc</i>	Depois de ano e meio de curtir a convivência dos (com perdão da palavra) galegos, o general Dionísio , sucessor do Carvalho, resolveu, sem dúvida por lástima de me ver crivado de ferraduras e orelhas de burro, nomear-me Cônsul no Japão, desde que o Congresso criasse esse lugar.

Fonte: OBRas (2023)

Nos trechos, o autor escreve para seus amigos e, com isso, fala sobre questões governamentais e nomeações. Dentre os termos utilizados pelo literato estão, em destaque, *Ciro*, *Olinto* e *Dionísio*, que fazem parte do sema "helenismo", por serem nomes

de personagens que fazem parte do universo helênico. Porém, o texto deixa perceptível que Aluísio Azevedo não faz referência ao Ciro citado por Xenofonte, da cidade grega Olinto ou do deus Dionísio, pois o autor fala sobre algo "a pedido de Ciro", que "o Olinto respondeu ao seu pedido" e de um "general Dionísio". Ou seja, as palavras em questão indicam pessoas do convívio do autor, sobre as quais ele fala no texto, o que torna errado pensar que são referências à cultura grega.

Além disso, tal percepção demonstra que os dados, enquanto condição de entendimento sobre determinado fenômeno, carecem de verificação contextual devido ao que já foi dito anteriormente, que é a polissemia das palavras, como é o caso dos trechos selecionados do texto de Aluísio Azevedo, que indicam tanto um nome de determinado indivíduo quanto os termos advindos do helenismo. Por outro lado, não é sensato pensar que a frequência relativa contém um número significativo de erros por conta de uma questão semântica que o sistema não diferencia, tendo em vista a própria correspondência dos dados relativos com o que já é dito pela crítica especializada. Considerando isso, são notáveis os números relativos de alguns autores de diferentes escolas e de períodos literários.

Há de se ressaltar, nesse sentido, que Joaquim Manuel de Macedo, autor inserido na estética romântica brasileira, está, em números relativos quanto ao uso de termos helênicos, ligeiramente acima de José de Alencar, que apresenta características do realismo em suas obras, e acima, também, de Aluísio Azevedo, literato ligado ao realismo brasileiro. Embora as próprias definições – romantismo, realismo – sejam de difícil construção, dada a polissemia que as palavras carregam, é sensato afirmar que a frequência relativa de Joaquim Manuel de Macedo o coloca como um autor que destoa, mesmo que minimamente, das pretensões nacionalistas românticas quanto ao referencial utilizado nos textos de então.

De maneira semelhante, é válido destacar a aparição da pequena frequência relativa de Euclides da Cunha e Lima Barreto, pré-modernista e modernista, respectivamente. A cultura helênica não fazia parte do universo de ideias que influenciavam Lima Barreto, tendo em vista a sua crítica contundente aos acadêmicos que faziam do helenismo um bem a ser cultuado e, assim sendo, a pouca frequência relativa, em comparação aos outros literatos do gráfico, reforça a visão que se tem do autor e, também, torna coerentes as críticas por ele feitas aos literatos academicistas. Porém, sob um ponto de vista que considere a diversidade de tendências surgidas pelo espírito moderno de alguns literatos como Lima Barreto, é possível afirmar que a presença destes

poucos termos nos textos do autor sugere que, dentre a multifacetada produção modernista, a cultura helênica também se fez presente para compor o sentido construído nas obras.

Além disso, há um ponto pertinente que pode ser visto à distância na frequência relativa mostrada no gráfico. Bernardo Guimarães, autor romântico, tem uma frequência relativa menor do que Lima Barreto quanto ao uso de termos helênicos, o que sugere, então, a perduração da cultura helênica na literatura brasileira com o passar do tempo e das tendências literárias. Faz-se justificável que se pense dessa forma pelo fato de um tão contundente crítico da cultura helênica na literatura brasileira dotar seus escritos, mesmo que minimamente, com termos advindos dessa cultura. Outro ponto que reforça tal tese é a própria frequência relativa do pré-modernista Euclides da Cunha, representante de uma produção que tinha como finalidade, entre outros fatores, abordar a questão regionalista, posto que sua obra *Os Sertões* (1902) é um símbolo disso.

Assim, os dados relativos do gráfico permitem interpretações díspares, pois, ao mesmo tempo que confirmam o que já é dito pela crítica especializada, fazem com que sejam percebidas certas nuances que a história literária poderia ignorar, baseada no juízo crítico consagrado e construído com base na leitura cerrada das obras dos autores selecionados. Isso porque os números comprovam que, de fato, o referencial helênico é mais influente em Coelho Neto e em Humberto de Campos, autores academicistas, mas no caso de um Joaquim Manuel de Macedo, ou de Lima Barreto e Bernardo Guimarães, para ficar apenas nesses exemplos, a frequência relativa do uso de termos helênicos, apesar de baixa, permite ver uma parcela mínima de uso dos termos helênicos que, assim como nos autores academicistas, é realizado para a construção do sentido dos textos.

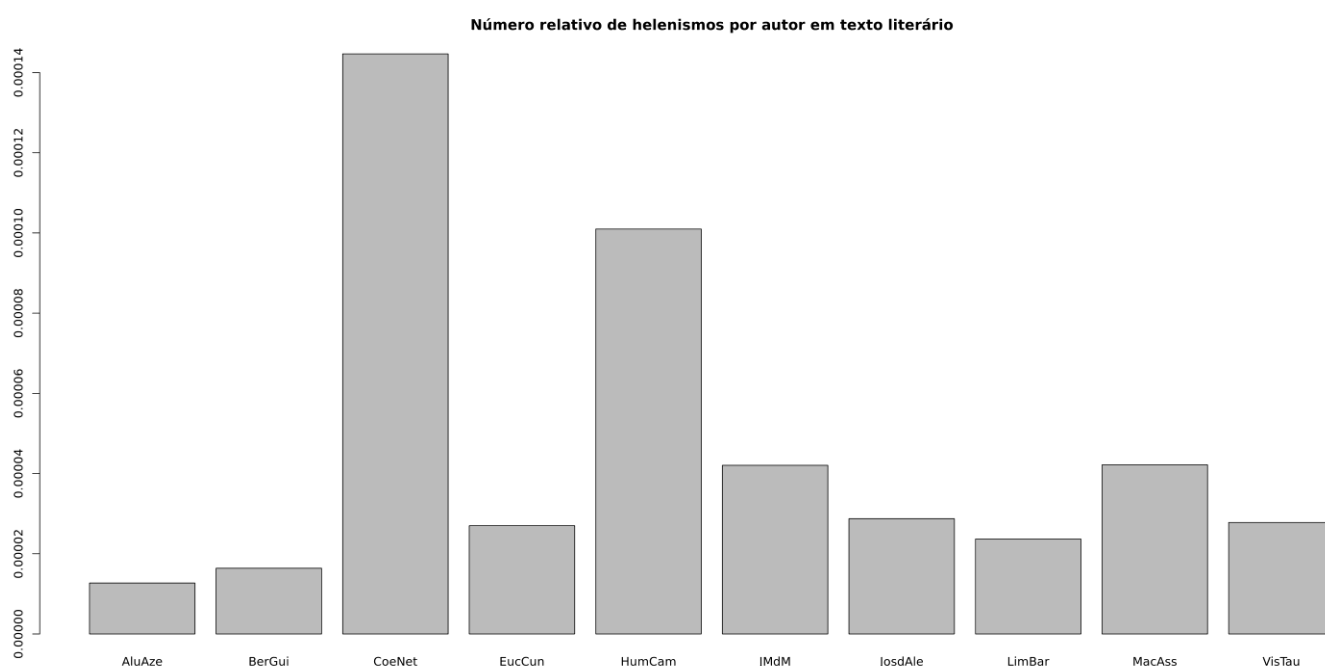
A diferença, então, se dá por duas vias, posto que, no caso dos escritores acadêmicos, o uso dos termos era mais frequente por conta da intenção de dotar os textos de uma estilização erudita, diferente do que se percebe nos escritores românticos e, principalmente, nos modernistas. Nesse sentido, os dados reforçam as ideias sobre quais eram os autores mais e menos helenistas, porém, demonstram que a maneira pela qual as referências helênicas aparecem na literatura brasileira não é tão uniforme e que não acompanha de maneira tão próxima os ideais das épocas.

Há de se destacar que a contagem relativa do gráfico considera, assim como a crítica especializada, ensaios e crônicas, por serem gêneros representativos do espírito de uma época, além de revelarem opiniões, estilos e preferências dos autores. Sendo assim, os dados relativos do gráfico anterior mostram como pode ser vislumbrado o helenismo

nos autores selecionados com base nos diferentes gêneros por eles produzidos, além das narrativas, posto que fazem parte da história da literatura brasileira. Certamente, é coerente que crônicas e contos, por exemplo, sejam analisados em suas especificidades, a depender da abordagem utilizada, mas, em um conjunto multiforme que compõe a literatura brasileira, os diferentes gêneros podem ser vistos como partes de um todo que, quando analisados por determinada perspectiva, demonstram um fenômeno que se dilui, por assim dizer, nos mais variados textos.

No caso do helenismo na literatura academicista, Brito Broca (2005) considera em seu ensaio tanto uma peça teatral de Machado de Assis, que corrobora o seu ponto de vista sobre o autor se diferenciar de seus colegas de Academia quanto ao uso da temática helênica, além de cartas de Monteiro Lobato e crônicas esportivas, o que permite compreender tal miscelânea de textos como indicativos de um fenômeno. Diante disso, é interessante visualizar os resultados considerando apenas os gêneros narrativos que comumente ganham o adjetivo literário presentes no corpus. Para atingir tal finalidade, a busca a ser realizada na barra de pesquisa para a obtenção dos números de termos helênicos nos textos literários no corpus OBras é a seguinte: "[sema="helenismo.*" & autor="MacAss|CoeNet|JosdAle|HumCam|JMdM|AluAze|EucCun|BerGui|LimBar|VisTau" & classe="Prosa:(conto|romance|novela).*"]" com distribuição por autor. Os dados relativos da busca estão disponíveis no seguinte gráfico:

Gráfico 2 – Número relativo de helenismos por autor em texto literário



Fonte: OBras (2023)

Novamente, pode ser visto que Coelho Neto, relativamente, é aquele que utiliza mais termos helênicos em textos literários, seguido por Humberto de Campos, reiterando o teor estilizante da literatura academicista por meio do emprego de personagens e outros elementos da cultura grega. Porém, diferente do gráfico anterior, Machado de Assis surge com uma frequência menor, tendo em vista os dados que consideram apenas romances, contos e novelas, indicando que as produções literárias do bruxo do Cosme Velho não eram dotadas, de maneira significativa, dos termos helênicos. Apesar de tal afirmação ser considerada um truísmo, posto que apenas reafirmam o que demonstra o gráfico, é válido salientar que, além disso, os dados podem indicar o teor dado ao componente helênico por parte de Machado de Assis.

Novamente, os dados relativos, ao mesmo tempo, corroboram uma das compreensões da crítica especializada e revelam traços notáveis sobre as nuances da presença do helenismo em produções literárias brasileiras. O que é corroborado, como já afirmado, é o fato de que Machado de Assis não fazia uso demasiado dos termos em suas produções prosaicas. No entanto, no gráfico que considera apenas textos literários, o romântico Joaquim Manuel de Macedo aparece ainda mais acima de autores como José de Alencar e Aluísio Azevedo, colocando-se em quase no mesmo nível de Machado de Assis. Nesse sentido, o que se percebe através dos números é que o material literário de Joaquim Manuel de Macedo disponível no corpus OBras tem, relativamente, uma quantidade significativa de termos advindos da cultura grega, percepção esta que se faz possível através da leitura distante de um fenômeno específico, no caso, os termos helênicos.

A bem da verdade, mesmo que os números sejam substanciais, não é sensato afirmar que o autor de *A Moreninha* é helênico por excelência ou que seja símbolo de um helenismo não reconhecido no romantismo historiografia literária brasileira. A questão é que a percepção tão bem apurada do espírito romântico feita pela crítica especializada pode, por vezes, fazer com que a própria interpretação dos textos reforce o aspecto romântico, ou, em outras palavras, o conhecimento construído sobre o romantismo pode levar a crer que todos os textos a ele relacionados possuem um caráter que tende ao universal, divergindo em aspectos como a temática (o índio e o sertanejo, para citar dois exemplos) a depender da geração romântica e das particularidades dos autores.

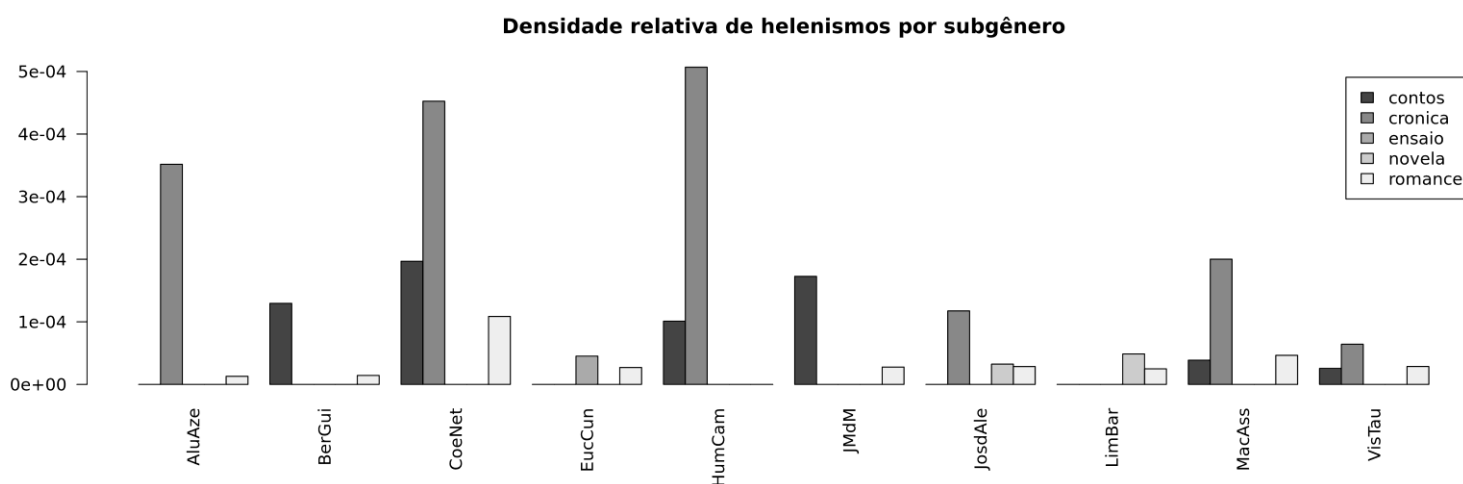
Nesse sentido, os números relativos da frequência de termos helênicos presentes em textos literários de um Joaquim Manuel de Macedo, ou de um Visconde de Taunay, jogam luz sobre uma tímida presença da cultura grega em produções de uma época pouco

afeita a tal referencial. Os números relativos em textos literários de Lima Barreto e Euclides da Cunha tornam perceptíveis que, assim como nos autores românticos, há o uso de termos helênicos, o que indica a permanência, de forma tímida, da influência helênica nos textos literários. Além disso, a ligeira diferença de dados relativos entre os gráficos permite afirmar que se faz pertinente considerar os autores e os gêneros nos quais produziram seus textos de maneira a vislumbrar o que pode ser interpretado dos dados obtidos a partir de tal perspectiva.

3.2 O helenismo na literatura brasileira: a crônica e o conto

A questão do gênero textual, na seção anterior, foi colocada em perspectiva apenas na contagem da frequência relativa mostrada nos gráficos, a respeito da quantidade de termos helênicos utilizada por cada autor. Dessa forma, na presente seção a questão dos gêneros no quais os autores apuraram suas penas ganha mais destaque. O gráfico a seguir mostra a frequência relativa do uso de termos do sema "helenismo" indicando o gênero textual e os autores.

Gráfico 3 - Densidade relativa de helenismos por subgênero



Fonte: OBras (2023)

Antes de iniciar as análises sobre os dados mostrados no gráfico, cabem algumas observações. Como é possível perceber, o gênero ensaio aparece apenas em Euclides da Cunha, mas isso se deve ao fato de que apenas ele, dentre os autores selecionados, possui texto desse gênero que cita algum termo que faz parte do sema "helenismo", o que poderia permitir algumas afirmações, como a de que, dentre os gêneros textuais selecionados, o ensaio é aquele no qual os autores menos utilizam os termos helênicos. Mas, nesse sentido, é importante dizer que dada a pouca quantidade de ensaios no corpus, seria um tanto quanto impreciso asseverar que o helenismo é menos utilizado em ensaios. Ao

contrário do ensaio, a crônica surge como o gênero em que os autores mais utilizam os termos helênicos. Dentre as possíveis formas de entender isso, uma delas é dada pela própria forma como a crônica era produzida e lida no Brasil. Como se sabe, a crônica narra fatos do cotidiano, mostrando os pontos de vista daqueles que a escrevem e, por conta disso, há um número significativo de crônicas produzidas por grande parte dos escritores brasileiros.

Sendo assim, a crônica também demonstra, além do cotidiano de uma época, o que reina no espírito literário de seu autor, tendo em vista ser inevitável que o conteúdo componente de tal gênero textual coincida com as referências que o autor já possui enraizadas no seu fazer literário. Como é possível perceber no gráfico, dentre os autores com maior frequência relativa no uso de termos helênicos na crônica, a maior delas é de Humberto de Campos, seguido por Coelho Neto, Aluísio Azevedo e, também, por Machado de Assis. No caso dos números de Aluísio Azevedo, como já afirmado anteriormente, a semântica empregada pelas palavras indica que a presença dos termos não é relacionada à cultura helênica, no caso da crônica.

Vale ressaltar, também, que a presença de termos do sema "helenismo" que não indicam exatamente algo advindo da cultura helênica não é exclusividade de Aluísio Azevedo, pois isso ocorre com os demais autores, mas não significa dizer que por conta disso os números estão em total desacordo com o que pode ser percebido nos textos em si, haja vista os dados que corroboram o que é dito pela crítica especializada. Dito isso, é notável que a maior frequência relativa na crônica é a de Humberto de Campos, o que indica o gênero enquanto fator determinante para a percepção dos modos de presença do helenismo nas letras brasileiras. Isso porque, como mostra o gráfico, em comparação a Coelho Neto, o símbolo do triunfo grego nas letras brasileiras, Humberto de Campos se sobressai, o que significa dizer que a partir do gênero textual observado é possível fazer inferências que podem diferir daquilo preconizado por boa parte da crítica literária.

Sendo assim, novamente os números relativos reforçam algo já dado pela crítica literária e jogam luz em perspectivas diferentes, pois independente do gênero, como é possível observar, aqueles que apresentam maior frequência relativa (Humberto de Campos e Coelho Neto) são academicistas do entresséculos que tinham significativa devoção aos elementos culturais gregos. Além disso, cabe ressaltar que as crônicas de Humberto de Campos, publicadas em diferentes jornais do Rio de Janeiro muitas vezes sob o pseudônimo "Conselheiro XX", deram ao literato certo prestígio entre seus pares e o tornaram conhecido no cenário nacional.

Tal fato também é mais um indicativo do que motiva a forte presença helênica nas crônicas de Humberto de Campos, pois grande parte de toda a obra do literato é composta por esse gênero textual. Após Humberto de Campos, é possível observar que na frequência relativa no gênero crônica os autores que se destacam são, por ordem decrescente, Coelho Neto, Aluísio Azevedo, Machado de Assis e José de Alencar e Visconde de Taunay. Tal ordem indica que, do ponto de vista histórico, há coerência entre os números e os autores, tendo em vista a predileção de Coelho Neto pela Grécia que, como se vê, reverbera nos gêneros textuais que o literato produziu, o que difere de Machado de Assis, para quem a Grécia não deveria ser vista como um bem sagrado, mas considerada no seu conteúdo que reflete sobre as complexidades inerentes à vida.

Já em José de Alencar, o que se nota é uma frequência relativa já não muito significativa, assim como em Visconde de Taunay, o que mantém coerência com as estéticas influentes nos escritos desses autores, posto que parte de suas obras são situadas na passagem do romantismo para o realismo. Assim, os números referentes às crônicas refletem as asseverações sobre a influência que a cultura helênica tem sobre os autores. Nesse sentido, observa-se os termos em textos do gênero crônica dos autores que tiveram maior frequência relativa, neste caso, Humberto de Campos, Coelho Neto e Machado de Assis, considerando os termos do sema "helenismo" que, no contexto em que se inserem, fazem referência à cultura helênica.

Assim, a busca realizada para a obtenção de trechos de crônicas que apresentem palavras do sema "helenismo" no OBRAS foi a seguinte: [sema="helenismo.*" & autor="HumCam|CoeNet|MacAss|JosdAle" & classe="Prosa:(cronica)"], em uma pesquisa por concordância, resultando em um total de 174 ocorrências. Tal busca filtra os resultados para que estes apresentem apenas textos de crônicas dos autores selecionados e, no sistema, identificados pelos códigos de letras iniciais de seus nomes. Os trechos selecionados para análise podem ser visualizados na tabela abaixo:

Tabela 3 - Trechos selecionados de crônicas

Dados do autor	Trecho selecionado
<i>id="Últimas_crônicas_Prosa:cronica HdC 1936 neoparnasianismo masc</i>	Um cidadão de Atenas ou de Corinto chegou, um dia, a Esparta , e desejou provar o caldo negro, que era, aí, o prato nacional.
<i>id="Às_quintas Prosa:cronica CN 1924 masc</i>	Licurgo , para acabar com a avareza em Esparta , instituiu a moeda de ferro que, pelos modos, era uma espiga, porque, segundo Plutarco , «era tão grande e tão

	pesada que, para guardar a soma de dez minas, era necessário um quarto e, para transportá-la... um carro de bois».
<i>id="A_semana Prosa:cronica Mda 1892 masc "</i> :	Quanto à Pítia , avó de todas elas, os presentes que iam ter ao templo de Delfos , eram custosos, ouro para cima.
<i>id="Ao_correr_da_pena Prosa:cronica Jda 1854 masc "</i> :	Hoje mesmo, apesar do rifão antigo, todo o mundo entende que o hábito faz o monge; e se não vista alguém uma calça velha e uma casaca de cotovelos roídos, embora seja o homem mais relacionado do Rio de Janeiro, passará por toda a cidade incógnito e invisível, como se tivesse no dedo o anel de Giges .

Fonte: OBras (2023)

Humberto de Campos, na crônica da qual o trecho foi retirado, tece comentários sobre um filme a que assistiu, a inauguração de um cinema e as reflexões que lhe são inspiradas pelo filme. A produção cinematográfica narra a vida de uma mulher que passa por diferentes infortúnios, pois é desprezada pelo homem que ama e com o qual tem um filho, mas, mesmo assim, continua o amando. Após certo tempo, acontece o reencontro e o homem não se lembra mais dela, porém, o amor da mulher perdura. O filme incita Humberto de Campos a tecer comentários sobre as vantagens do cinema e, também, a respeito das mulheres. A questão colocada pelo autor é sobre a felicidade das mulheres e se há delas que sejam boas e más, chegando a diferentes respostas a partir da produção fílmica, dos comentários de amigos e de textos que leu.

O trecho selecionado para a análise aqui empreendida é o início da crônica de Humberto de Campos e, com isso, é interessante perceber a relação estabelecida entre a referência helênica utilizada pelo autor e a questão de que trata em sua crônica. No início, o cidadão em questão, que fez uma careta, não gostou da comida, ao que responderam-lhe: "Mas, para sentir-lhe o gosto, é preciso ter nascido em Esparta" (CAMPOS, 1936, p. 189). Partindo disso, o autor estabelece uma relação com a questão das mulheres, pois afirma que "apenas, para compreender que elas são boas é preciso ter passado dos cinquenta anos!" (CAMPOS, 1936, p. 190). Assim, o referencial helênico no texto de Humberto de Campos é utilizado para fazer, em primeira análise, uma analogia com o principal assunto de sua crônica. Mas, enquanto analogia, o trecho revela a preferência do autor pelo universo helênico para dar coerência às suas ideias.

Isso porque, como se percebe, o assunto ao qual liga-se o trecho selecionado pode ser interpretado a partir de diferentes perspectivas – idade, experiências passadas, entre

outras – mas, mesmo assim, para corroborar a premissa que defende, Humberto de Campos busca em uma lógica estabelecida em Esparta e descrita por Plutarco, historiador grego, uma linha de pensamento que descreve fatos da vida espartana. Além disso, não deixa de ser notável no trecho que tanto o lugar de onde vem e o local para o qual vai o viajante são oriundos do universo helênico – Esparta, Corinto e Atenas – o que denota, por parte do autor, a extensa dimensão de riquezas culturais que, para serem reconhecidas, exigiriam certo repertório já constituído.

Com isso, Humberto de Campos equipara a complexidade feminina ao que é descrito por Plutarco sobre dado modo de apreciação entre os homens de diferentes territórios do universo grego. Assim, ao utilizar tal exemplo para iniciar um texto e dar base para as reflexões seguintes, Humberto de Campos demonstra a utilização dos elementos gregos para tratar dos mais variados assuntos, característica já apontada pela crítica especializada sobre boa parte da literatura academicista do entresséculos, o que torna tais referências, nas produções de alguns dos autores em questão, não apenas como ornamento, mas configurando-se como base para compreender os mais diversos temas, como o faz, também, Coelho Neto, no trecho selecionado de sua crônica.

Em seu texto, o escritor caxiense aborda um tema distinto daquele sobre o qual reflete Humberto de Campos, pois na crônica da qual o trecho foi retirado é abordado um assunto de cunho político e econômico, pois fala sobre a (des)valorização da moeda da época. O autor inicia o texto mencionando que ocorre um fato curioso, com o qual deveriam aprender os administradores da fortuna pública, em determinada avenida do Rio de Janeiro, em que feirantes "apregoam fortunas a dez réis de mel coado, não em bilhetes de loteria, mas em cédulas que representam coroas da Áustria, marcos da Alemanha e rublos bolchevistas" (NETO, 1924, p. 264). É nesse contexto que o autor escreve o trecho selecionado para análise, colocando em perspectiva o que fez Licurgo em Esparta.

A relação estabelecida entre o trecho e o tema abordado na crônica se faz em duas vias, tendo em vista que o exemplo dado por Coelho Neto fala tanto do contexto espartano quanto do brasileiro, pois no decorrer do texto o literato maranhense afirma que a ideia da moeda de ferro não tinha o intuito exato de conter a avareza em Esparta, mas sim disfarçar a miséria presente na cidade após a guerra, considerando que, assim como as cédulas vendidas pelos feirantes, as moedas de Esparta tinham a característica de disfarçar o seu parco valor com uma aparência que lhe era concedida. Dessa forma, os traços da cultura helênica dos quais o escritor caxiense faz uso indicam tanto a percepção de Licurgo quanto o que se escondia por trás de tal atitude, colocando o fato descrito como

um bom exemplo de entendimento da complexa realidade sobre a moeda nacional da época.

Dessa maneira, assim como Humberto de Campos, Coelho Neto parte do pressuposto de que o quadro de referências advindas da cultura grega torna a realidade sobre a qual fala em seu texto não apenas inteligível por parte do leitor, mas também coerente com a interpretação construída, porque há no referencial helênico uma situação que, na crônica, fazem-se semelhantes. Com isso, é possível afirmar que, entre os dois casos, há uma diferença, pois Humberto de Campos inicia seu texto com a citação de Esparta e daí partem suas reflexões, enquanto Coelho Neto faz uso do referencial helênico para dar validade a um fato por ele abordado. Além disso, no decorrer de seu texto, Coelho Neto utiliza outras referências helênicas, como quando afirma que, dada a situação dos feirantes, "pode qualquer pé rapado ficar com o bolso mais cheio do que a cornucópia da Fortuna" (NETO, 1924, p. 265), fazendo referência ao vaso em forma de chifre que representa abundância na cultura greco-romana.

Diante disso, e considerando os números relativos, é interessante notar que a devoção ao helenismo não significa, necessariamente, maior quantidade de citações e referências a tais termos, pois de um ponto de vista que considera apenas a crônica, como é o caso desta parte da análise, é em Humberto de Campos que surge uma frequência relativa maior. Dessa forma, a introdução da leitura distante, enquanto prisma que permite observar os termos helênicos por meio de uma frequência relativa de citações, permite inferir que a devoção de Coelho Neto pela cultura grega não se traduziria, necessariamente, em um número maior de citações aos elementos helênicos, mas à própria forma de utilizá-los, tendo em vista que o número de textos publicados e o gênero textual, como se percebe no gráfico, corroboram interpretações feitas somente a partir da leitura cerrada dos textos em questão.

Certamente, o fator "quantidade versus forma de uso" não passa despercebida pelo sentido acurado de críticos da alçada de Brito Broca (2005) ou de José Veríssimo (1904), mas a questão é que pode haver o entendimento de que a forma de uso dos termos helênicos incidirá diretamente na quantidade de termos presentes nos mais variados textos, o que pode ser, à primeira vista, coerente, mas não é o que mostram os números relativos e a comparação entre os gêneros textuais. Mesmo que Coelho Neto seja um símbolo da influência helênica nas letras brasileiras, a segmentação dos gêneros e os números relativos mostrados por ela demonstra que, sob determinadas perspectivas,

Coelho Neto perde tal posto e, também, que a crônica se mostra como o gênero textual no qual os autores selecionados mais utilizam os termos helênicos.

Isso se mostra tanto nos de verve acadêmica, que aqui há como exemplo Coelho Neto e Humberto de Campos, quanto naqueles que, segundo grande parte da crítica, souberam subtrair-se a essa "moda", mesmo que ligados à Academia, como Machado de Assis e, também, autores de períodos em que os deuses gregos ainda não haviam retornado ao Olimpo, parafraseando Brito Broca (2005), como o romântico-realista José de Alencar. Dessa forma, faz-se profícua a análise dos trechos selecionados de crônicas desses dois literatos para, assim, verificar como as referências do campo semântico "helenismo" são utilizadas pelos escritores nos trechos selecionados e quais as possíveis interpretações a serem feitas a partir disso.

Na crônica de Machado de Assis, da qual o trecho foi retirado, o autor inicia falando sobre o próprio começo de seu texto, contando a seus leitores que, nesse momento, ouvia a voz de um espectro que gritava "S. João! sortes de S. João!" enquanto possíveis assuntos para a crônica pululavam em sua mente e, após sair e avistar quem estava entoando as palavras, voltou ao cômodo onde se encontrava e os pensamentos o levaram às épocas passadas de S. João e, com isso, cita *O Oráculo das senhoras*, livro da época que falava sobre previsões do futuro, ao que Machado de Assis faz comparação com as cartomantes, ressaltando os preços de um e da outra, mencionando que cartomantes cobram mais caro, a depender das posses do freguês.

É nesse contexto que o trecho selecionado é escrito pelo bruxo do Cosme Velho, pois Machado faz uso da lenda de Pítia para reiterar a questão dos altos valores, posto que a sacerdotisa Pítia, diz a lenda, esperava no oráculo de Delfos os seus consulentes que deveriam pagar um valor, que não era igual para todos, e deveriam, também, se purificar com água da fonte de Castália e oferecer como sacrifício a imolação de um bode ou uma cabra. Além disso, Machado de Assis reitera, em tom jocoso, a falta de clareza das previsões de Pítia, contrárias às certezas dadas pelas previsões do livro em questão. Quanto ao uso de termos advindos do helenismo, o que se observa no trecho é que Machado de Assis emprega as palavras para explorar o seu sentido primeiro e estabelece uma ligação direta com o tema sobre o qual fala, tendo em vista a característica comum tanto às cartomantes e aos livros quanto à Pítia de Delfos.

Nesse sentido, Machado de Assis constrói a ideia que seu texto repassa também com base no referencial helênico, mas, à diferença de Humberto de Campos e de Coelho Neto, o que se percebe na crônica do autor de *Dom Casmurro* é que a lenda de Pítia

estabelece uma relação de proximidade com as reflexões sobre as cartomantes e *O Oráculo das senhoras*, e não uma base de entendimento para o tema abordado no texto. Com isso, o modo como Machado de Assis utiliza os termos helênicos confere ao texto uma comparação indireta que reitera a questão dos valores para vislumbrar o futuro e, dessa forma, a lenda de Pítia não se sobrepõe ao que o autor fala a respeito dos temas, mas junta-se a eles para reforçar o assunto em si, sem a preponderância do referencial helenista sobre o assunto.

Tal forma de uso reflete bem o que já é conhecido pela crítica especializada e mantém coerência com o que o próprio Machado de Assis defendia sobre a inspiração em mitos e outros aspectos gregos. Considerando o trecho e relacionando-o com os números relativos em crônicas machadianas, é possível afirmar, também, que a sua posição em relação a Coelho Neto e Humberto de Campos é sintomática do próprio modo pelo qual o autor utilizava os termos helênicos e, nesse sentido, é coerente compreender que Machado de Assis furtou-se não do uso do referencial helênico em seus textos, mas sim do suposto eruditismo que tais termos poderiam empregar às suas produções e do pretensão estilizante sobre o qual boa parte da crítica faz asseverações condenatórias, a exemplo de José Veríssimo (1904) quando disserta a respeito dos escritos de Coelho Neto.

Semelhante a Machado de Assis, é possível observar, no trecho retirado de uma crônica de José de Alencar, moderação quanto ao modo como são colocados os termos helênicos. Alencar em seu texto fala sobre uma visita que fez a uma fábrica de coser e, antes de descrever a visita, justifica o conteúdo da crônica fazendo uma breve recapitulação da importância da roupa no decurso da história e, por conta disso, faz citações a personagens do universo helênico que serão abordadas mais à frente. É depois dessa contextualização histórica que José de Alencar escreve o trecho retirado para análise, utilizando a lenda do anel de Giges para tornar ainda mais compreensível a invisibilidade do homem descrito na crônica. Assim, o elemento da cultura helênica surge para que o conteúdo da crônica seja compreendido da melhor maneira.

Com isso, o helenismo empregado por Alencar guarda coerência com a sua verve romântico-realista que preza por uma escrita afeita aos elementos nacionais e, no trecho, Giges se configura como o elemento comparativo que reforça a mensagem que o autor intenciona passar ao leitor. Ainda na mesma crônica, Alencar cita que há uma importância histórica que se comprova através da conservação dos nomes daqueles que, segundo o literato, são inventores da arte de vestir os homens, e afirma que "entre os gregos foi *Minerva*, entre os Lídios *Aracne*, no Egito Isis, e no Peru Manacella, mulher de Manco-

Capa" (ALENCAR, 1855, p. 56. Grifo nosso). Como é possível perceber, o literato ainda cita Minerva e Aracne, palavras que compõem o campo semântico "helenismo" no corpus OBRAS, e, assim, os termos são exemplos que dão coerência à construção de pensamento feita pelo autor. Dessa forma, assim como o anel de Giges, o que se percebe na crônica alencariana é o uso do referencial helênico para fins de reiteração do que é explicado.

Sendo assim, os trechos das crônicas e as interpretações realizadas permitem um vislumbre do modo como se presentifica o referencial helênico nos escritos dos autores e, além disso, corroboram, em parte, o que já é asseverado pela crítica sobre o louvor de Coelho Neto ao helenismo, um pendor semelhante em Humberto de Campos, o uso moderado feito por Machado de Assis e as referências utilizadas por Alencar apenas para reiterar suas linhas de raciocínio. Do ponto de vista numérico, e considerando a crônica, como se viu, é em Humberto de Campos que se observa uma frequência relativa maior, mas, para além disso, cabe salientar, novamente a natureza da crônica. Além disso, cabe ressaltar que, do gênero crônica, está no corpus apenas a obra *Últimas crônicas* (1936) de Humberto de Campos, o que já indica o teor helênico do autor na crônica considerando que, em termos relativos, Humberto de Campos ultrapassa Machado de Assis e Coelho Neto no uso de termos helênicos. Tratando-se da crônica enquanto gênero veiculado em páginas efêmeras de jornais e que trata de temas do cotidiano, é nela que se reconhece em grande medida o que inspira as reflexões de certos autores, mas, para além disso, o gráfico também mostra números do gênero conto.

Diferente da crônica, o conto tem aspectos específicos enquanto gênero literário, tendo em vista as narrativas feitas pelos literatos, as temáticas abordadas e as formas de realizar tal feito. Nesse gênero, como se percebe no gráfico, é em Coelho Neto que há a frequência relativa maior, permitindo a percepção de que em suas narrativas o autor tende a fazer mais uso do referencial helênico do que quando trata dos assuntos do cotidiano em crônicas. Além disso, Humberto de Campos, no gênero conto, cabe ressaltar, tem frequência bem menor do que outros literatos selecionados para análise e, com isso, reitera-se a questão da importância do gênero observado para fazer inferências sobre a presença helênica nas obras de diferentes escritores brasileiros. Nesse sentido, se é na crônica que Humberto de Campos utiliza mais os termos helênicos, é válido compreender que no cômputo geral da influência helênica nas letras brasileiras o escritor faz uso das palavras advindas do helenismo para tecer observações sobre o que é interessante a ele e à nação e, em menor grau, para compor suas narrativas. Tal afirmativa encontra coerência na própria crítica por ele feita em um de seus contos, este já citado anteriormente.

Diferente dele, Coelho Neto, como já afirmado, tem maior frequência relativa, o que é coerente com o sopro helênico que inspira sua criatividade narrativa. Cumpre salientar que o número relativo de termos helênicos em Coelho Neto deve-se, também, ao fato de que em algumas de suas produções em contos o autor narra histórias que têm como personagens os próprios personagens do universo helênico, fazendo com que a cultura grega seja não apenas influência, mas também temática das narrativas. Dessa maneira, a frequência relativa de termos helênicos em Coelho Neto indica o próprio modo literário de expressão, por assim dizer, do autor, tendo em vista que também na crônica, mesmo que não se apresente como aquele com maior frequência relativa, o escritor maranhense se destaca no uso relativo desses termos.

Mas, além disso, salta aos olhos que, relativamente, o romântico Joaquim Manuel de Macedo aparece próximo a Coelho Neto no uso de termos helênicos no gênero conto. Antes de analisar tais dados, é necessária uma pequena digressão. O fato é que, de Joaquim Manuel de Macedo no gênero conto, há no corpus apenas a obra *Os romances da semana* (1855), na qual o autor utiliza termos inseridos no sema "helenismo" em suas narrativas. Alguns deles, assim como em Aluísio Azevedo, são nomes de personagens específicos das narrativas e não referências ao universo helênico, mas, ainda assim, é notável que, em termos relativos, Macedo se aproxime de Coelho Neto e ultrapasse Humberto de Campos em relação à frequência de termos helênicos tendo apenas uma obra do gênero conto no corpus OBRAS. Nesse sentido, diferente de Aluísio Azevedo, os personagens de Macedo são fictícios, ou seja, os nomes são escolhas do autor, fazendo com que se perceba uma possível influência helênica nisso. Dessa maneira, os números sugerem que, mesmo ligado ao romantismo brasileiro, Macedo tinha certa inclinação ao helenismo.

Além disso, Machado de Assis surge com frequência bastante baixa no que diz respeito aos termos do campo semântico "helenismo", o que indica, também, o pouco uso que o autor faz de termos helênicos em suas narrativas curtas. No cômputo geral dos números relativos de palavras helênicas do gênero conto, entre os autores selecionados, há ainda Visconde de Taunay e Bernardo Guimarães com uma frequência considerável, mas, no gênero conto, as obras dos dois autores disponíveis no corpus são, respectivamente, *Ao entardecer* (1901) e *A dança dos ossos* (1871) e, em cada uma delas, há apenas um termo do campo semântico "helenismo". Sendo assim, mesmo que em números relativos haja um valor considerável, não seria coerente afirmar que a frequência

relativa indica forte teor helenista nos contos de Visconde de Taunay e de Bernardo Guimarães.

Do ponto de vista do estudo da literatura feito através de uma leitura distante, tal fato indica que a coerência a ser atingida pelas interpretações realizadas requer que se considere também os textos, o que corrobora a tese de que não se pode ignorar as obras literárias e enxergar apenas os números gerados a partir delas. Isso encontra fundamentos no próprio fato de que há um conhecimento já estabelecido pela crítica, feito através de uma leitura cerrada e que, em certa medida, se reflete também nos números, como é o caso das crônicas e também dos contos. Sendo assim, cabe agora tecer considerações sobre os trechos selecionados de contos dos autores com frequência relativa maior e que fazem referência ao universo helênico. Os trechos são apresentados na tabela a seguir:

Tabela 4 – Trechos selecionados de contos

Dados do autor	Trechos selecionado
<i>id="Água_de_Juventa Prosa:contos CN 1905 realismo masc ":</i>	Mas eu sou dos que preferem à fecunda Cibele , de entranhas possantes, a Vênus estéril que atravessa a vida irradiando beleza e graça.
<i>id="Os_romances_da_semana Prosa:contos JMdM 1855 romantismo masc ":</i>	Aquiles mergulhado na lagoa Estige ficou vulnerável pelo calcanhar, porque o calcanhar escapou ao banho; os calculistas nem pelo calcanhar podem ser feridos, porque sabem viver perpétua e incessantemente mergulhados, totalmente mergulhados no golfão da cobiça, e de um interesse que muitas vezes é sórdido.
<i>id="Vale_de_Josafá Prosa:contos HumCam 1918 neoparnasianismo masc ":</i>	O que eu censuro é o exagero, é a essência de cinquenta mil réis a gota, o extrato de duzentos mil réis o vidro, é, enfim, o perfume exótico, daqueles que Júlio Cesar e Licínio Crasso proibiram em Roma depois da derrota de Antíoco , em 565, A. C. Foi o perfume, mais do que a mulher, o vício que amoleceu o persa, que foi, aliás, o povo que levou ao romano, com os seus cativos, esse pérfido veneno das sociedades apuradas.
<i>id="Elogio_da_vaidade Prosa:conto Mda 1878 masc ":</i>	Digo a todos, porque a todos cobiço, ou sejais formosos como Páris , ou feios como Tersites , gordos como Pança, magros como Quixote, varões e mulheres, grandes e pequenos, verdes e maduros, todos os que compondes este mundo, e haveis de compor o outro; a todos falo,

	como a galinha fala aos seus pintinhos, quando os convoca à refeição, a saber, com interesse, com graça, com amor.
--	--

Fonte: OBRas (2023)

O conto do qual é retirado o primeiro trecho, de autoria de Coelho Neto e intitulado *A Nevoa* (1905), narra dois amigos a espera de um bonde que, dada a demora e a visão turvada pela névoa, iniciam um diálogo sobre Silvia, antiga conhecida dos dois e que um deles avistou em uma janela, ao que o outro amigo responde que também a viu há certo tempo. No diálogo, os dois tecem considerações sobre as mulheres, a moralidade e os maus julgamentos que eram feitos sobre as mulheres. É nesse contexto que é inserido o trecho selecionado, o qual é uma fala de um dos rapazes que, após fazer elogios à Silvia, afirma que lhe apeteçam mulheres diferentes dela, explicando isso ao amigo através de Cibele mãe dos deuses e símbolo da fertilidade na natureza no universo helênico.

O conto é composto quase totalmente pelo diálogo dos dois amigos, mas, ainda assim, não deixa de ser notável que o referencial helênico no conto de Coelho Neto surja através da fala de um personagem e que haja em tal diálogo um teor culto e intelectual quanto às reflexões feitas pelos personagens, tendo em vista que para expressarem suas impressões haja o uso de referências mitológicas. Além disso, sobre a semântica que o termo imprime à narrativa, é perceptível a tentativa de explicação sobre o ideal de mulher através da simbologia representada por Cibele – *fecunda Cibele* – o que denota a construção do sentido da narrativa baseada nos significados atribuídos à deusa pelos helênicos.

Cabe salientar, também, que este não é o único trecho em que ponderações sobre as mulheres são realizadas com uso do referencial helênico, pois em dado momento um dos dois amigos fala brevemente de uma visita que fez à casa de um colega e quando surgiu uma dama no recinto a impressão do rapaz foi descrita utilizando termos como "Partenon" e "Minerva de Fídias", reforçando a significância dos elementos gregos para construir o sentido da narrativa. Além da questão do sentido, é possível perceber, no trecho selecionado, o tom que se quer atribuir à descrição feita com o uso da simbologia de Cibele através das "entranhas possantes" que denotam grandeza e valor à característica evocada no trecho. Tal modo de colocar o elemento helênico na expressão denota a grandiloquência característica do prosador maranhense em seus textos, aspecto esse que, como se sabe, é um dos motivos pelos quais o autor foi criticado negativamente.

Considerando não a questão semântica, mas o modo dos prosadores do entresséculos de utilizarem os termos helênicos, segundo Brito Broca (2005) quando fala

sobre a "Grécia de Cartolina", é possível compreender o trecho como um bom exemplo do caráter estetizante que o referencial helênico dá à literatura de Coelho Neto, tendo em vista que o diálogo em questão ocorre em um momento de pressa dos envolvidos, em um ambiente com pouca luminosidade e, assim, pouco convidativo às reflexões grandiosas pregadas pelos academicistas de então. Dessa maneira, é possível afirmar que, esteticamente, citar a deusa Cibele embeleza o conto na medida em que dota-o de um eruditismo que tenta dar assertividade ao que afirma através de um referencial cultural que, em tese, não deveria ser contestado, posto que era um bem a ser venerado pelos escritores da época.

Se no conto de Coelho Neto o termo helênico surge como sinal de eruditismo e, na construção narrativa, sirva para embelezar o que é escrito, e considerando isso característico da literatura academicista que primava pelo efeito estilístico, é curioso notar que no trecho selecionado de um dos contos de Joaquim Manuel de Macedo há semelhantes contornos quanto ao uso do termo advindo do helenismo. O conto de Macedo narra uma noite de baile em que há três pretendentes para a jovem D. Clemência, os quais o narrador chama de "calculistas" pelo fato de os rapazes, apesar de diferirem em algum aspecto, procuram o casamento para fins financeiros. Assim, os "calculistas" namoram moças belas, mas o namoro em si não significa compromisso, tendo em vista o seu objetivo de casamento por conta de dinheiro e, desse modo, não há fraqueza que possa os atingir.

É exatamente por isso que, no trecho, Macedo utiliza a famosa história do "calcanhar de Aquiles", quando este é mergulhado por Tétis nas águas do rio Estige, mas segurado pelo calcanhar, o que lhe confere a fraqueza que gera sua morte na guerra de Tróia. No conto, a comparação feita serve, como se vê, para dar ênfase na determinação dos rapazes em relação aos lucros com o casamento, demonstrando a própria falta de escrúpulos dos jovens que possuem um "interesse que muitas vezes é sórdido" (MACEDO, 1855, p. 106). O elemento helênico na narrativa de Joaquim Manuel de Macedo surge então como reforço a certos tipos que pululam os escritos do autor, permitindo afirmar que a referência da qual Macedo faz uso serve para estabelecer uma comparação que reforça uma tese já dada.

Nesse sentido, há na fortuna crítica de Joaquim Manuel de Macedo certos comentários que apontam para aquilo que se repete em suas produções. José Veríssimo (1916), por exemplo, entende a filosofia de Macedo como trivial e otimista e que, além disso, as situações e os tipos de personagens eram pouco variados. A crítica de Veríssimo

(1916) dirigida às produções de Macedo indicam que estas eram destinadas à distração de certas partes da sociedade da época, o que estabelece relação com o helenismo presente em obras da passagem do século XIX ao XX que Silva (2020, p. 78) descreve como "uma literatura de entretenimento, sem compromissos nem mesmo com a verossimilhança dos acontecimentos e das personagens, [...]".

Certamente, a questão da verossimilhança não é o tema aqui abordado, mas, em relação às narrativas em si, e as maneiras de torná-las belas para o público que as lê, os termos helênicos agem de maneira semelhante em Macedo, tendo em vista que Aquiles e Estige não acrescentam à narrativa uma questão filosófica, mas sim uma ênfase para reiterar algo já descrito e, ao mesmo tempo, fazê-lo com base em um referencial consagrado historicamente. Dessa maneira, reforça-se o olhar de José Veríssimo (1916) a respeito das obras macedianas e, também, a visão de que, mesmo que esteja inserido no romantismo brasileiro, Macedo imprime termos helênicos aos seus escritos em uma frequência relativa considerável e, como se percebe no trecho, tais palavras são utilizadas para dar aos textos o reforço da ideia e o embelezamento através de uma referência clássica.

Além de Macedo, outro autor que também apresenta frequência relativa considerável é, novamente, Humberto de Campos. Como se vê no gráfico, a frequência relativa de uso dos termos helênicos em contos por parte de Humberto de Campos é menor que a do romântico Macedo, mas, ainda assim, merece atenção, tendo em vista a já citada inclinação acadêmica do autor. No breve conto do qual o trecho foi retirado, intitulado *As discípulas de Plínio*, é narrada a visita a uma perfumaria que desperta o interesse do narrador-personagem, o que leva o seu amigo, Mário de Alencar, a afirmar que a paixão pelos perfumes é um vício demasiado perigoso. É interessante ressaltar que o próprio título do conto já indica a presença do helenismo, tendo em vista que o título é uma referência a Plínio o antigo, naturalista romano, fato que é revelado na própria narrativa, quando Mário de Alencar pergunta a seu amigo se este conhecia Plínio.

Nesse contexto, o trecho selecionado é uma fala de Mário de Alencar ao amigo, que serve de exemplo do perigo do vício em perfume, além do preço exorbitante enfatizado no trecho. Nesse sentido, além de Antíoco, são citados Júlio Cesar e Licínio Crasso, para corroborar a noção de perigo do vício em perfumes, tendo em vista a proibição por parte de dois deles e a derrocada de um dos imperadores, no caso, Antíoco, que, segundo o personagem, é descrita em um livro de Plínio, o antigo. Também não

deixa de ser notável que, no trecho, há um detalhamento sobre os nomes dos imperadores e até mesmo datas, além da citação histórica sobre os persas.

Em relação à narrativa em si, o exagero de Mário de Alencar serve, também, para empregar o humor da narrativa, que se percebe ao final quando, por conta da chuva, muitas moças entravam na loja de perfumes. Dessa forma, o helenismo na narrativa de Humberto de Campos, como já se postulava anteriormente, não possui fins exatamente estilizantes ou a finalidade de dotar as narrativas com um eruditismo precioso, embora possa o fazer em algum grau, tendo em vista a própria frequência com que utiliza o referencial helênico em suas narrativas, como já apontado no gráfico. Corroborar tal afirmação o próprio tom humorístico que Humberto de Campos empregava em muitos de seus textos, tanto em crônicas quanto em contos, o que também pode ser visto como motivo para não utilizar especificamente nas narrativas muitos termos advindos da cultura helênica.

É diferente disso o que se percebe em Machado de Assis. O trecho escolhido é retirado do conto *Elogio da vaidade*, no qual o autor utiliza a personificação para construir sua narrativa. No texto machadiano, a Vaidade ganha a habilidade humana de discursar e, logo após a Modéstia, ironicamente, inicia seu discurso, afirmando, por exemplo, que é uma compreensão errônea entendê-la como vício, posto que ela mesma se qualifica como a primeira das virtudes. No decorrer de tal discurso, a Vaidade profere as palavras que compõem o trecho selecionado, no qual faz uso do referencial helênico para transmitir suas mensagens. Destaca-se do trecho que, através da prosopopeia utilizada para construir sua "personagem", Machado de Assis destaca das duas personalidades helênicas exatamente a questão da aparência, tendo em vista que Páris, filho do rei Príamo, era belo, enquanto Tersites era o mais feio dentre os helenos que lutaram na guerra de Tróia, sendo ele coxo, corcunda, calvo e de pernas tortas.

Nota-se, então, que no texto machadiano a Vaidade personificada escolhe, do referencial helênico, exatamente dois extremos quanto à beleza, característica comumente associada ao termo. Além disso, no conto, para que se demonstre o alcance deste pecado capital, os dois polos do referencial de beleza retirados da cultura helênica são cobiçados de igual maneira, o que dá à construção textual uma semântica na qual o elemento que se configura como o tema central – a Vaidade e seus desdobramentos – é reforçado através das diferentes referências utilizadas na construção do conto. A esse respeito, convém também salientar que, no mesmo trecho em que há os termos helênicos, Machado de Assis coloca, também como modo de explicação do alcance da Vaidade, a galinha quando

chama seus filhotes para fazerem a refeição. Sendo assim, colocar em uma mesma fala de sua personagem o referencial helênico e um fato banal como este indica que, no texto machadiano, importa menos o referencial utilizado do que a carga semântica que este dará para a narrativa.

Com isso, assim como na crônica anteriormente analisada, no conto, Machado de Assis também faz uso dos termos helênicos considerando o conteúdo neles presente e o que pode expressar no texto. Do ponto de vista dos números relativos, como se observa, a frequência com que Machado de Assis utiliza os termos helênicos é bem menor do que a de outros autores e, também, menor do que a que o próprio autor utiliza na crônica. Nesse sentido, é coerente afirmar que os números relativos dos termos presentes no sema "helenismo" por parte dos autores selecionados corroboram interpretações já cristalizadas na crítica especializada, como a frequência relativa de Coelho Neto, bem como o teor que os termos helênicos possuem em seus escritos, além do fato de que, em Machado de Assis, há um uso do helenismo que explora a semântica dos termos e não o pretense eruditismo que estes podem emprestar aos textos.

Entretanto, há também nos números relativos indícios e filtragens que coerentemente destoam de uma visão já estabelecida a respeito da influência helênica nas letras brasileiras. É o caso, por exemplo, de Humberto de Campos apresentar frequência relativa maior nas crônicas, sugerindo que, a depender do gênero, não é apenas em Coelho Neto que se observa o uso do helenismo em larga escala. Além disso, os números revelam um Joaquim Manuel de Macedo afeito, em grande medida, ao referencial helenista para compor suas narrativas no gênero conto, o que contradiz a sua ligação a um romantismo então nascente e que julgava necessário dotar os textos literários do Brasil com elementos culturais especificamente brasileiros.

Sendo assim, no plano do referencial helênico "lido" através das palavras presentes no sema "helenismo" do corpus OBras, a leitura distante feita com base no corpus, ao mesmo tempo, corrobora o que já é dado pela crítica e lança luz a certos aspectos e autores, tendo em vista que a frequência relativa, que não é atravessada por impressões e julgamentos díspares dos críticos, revela que um olhar que considere a amplitude de um mesmo fenômeno e utilize ferramentas digitais pode incidir diretamente na interpretação dessa mesma temática. Diante disso, é preciso destacar que a influência helênica não se dá apenas através do uso de termos que fazem parte da cultura grega. Além do uso, por vezes indiscriminado, de tais termos, há também a linguagem empregada pelos autores, aspecto que também não é ignorado pela crítica especializada e

que, a seguir, será apreciado nos autores selecionados por um ponto de vista que parte tanto do que já afirma a própria crítica quanto das obras e dos recursos presentes no OBRAS.

3.3 A linguagem e o helenismo: a leitura distante das obras

Como visto anteriormente, o uso das palavras advindas do helenismo por parte dos autores selecionados empresta às obras diferentes tons e sentidos, desde um reforço a uma ideia já estabelecida, passando pela descrição de alguma perspectiva ou personagem através de determinados termos que compõem o sema "helenismo" até uma decoração grandiosa em torno das palavras, por assim dizer, como o faz Coelho Neto em diferentes escritos de sua lavra. A esse respeito, é importante ressaltar que, no estudo da influência helênica nas letras brasileiras, geralmente é em Coelho Neto que se encontram os traços linguísticos característicos disso, como o seu preciosismo vocabular, as descrições grandiloquentes e o tom estetizante com o qual o autor dota suas obras literárias. Nesse sentido, é válido afirmar que se encontram, sempre de acordo com a crítica especializada, marcas textuais do helenismo enquanto influenciador do fazer literário, principalmente quando são abordados os autores academicistas do entresséculos.

Dessa forma, a questão não é a citação dos termos helênicos, mas o próprio fazer literário que busca o ideal estilizante e que, aos textos, dá um tom artificial, como que forjado na própria grandeza atribuída pelos autores ao helenismo do qual faziam uso, até mesmo ignorando certos fatores como a verossimilhança, aspecto este evidenciado por Silva (2020). É também no texto de Silva (2020) que é possível encontrar ponderações sobre os traços linguísticos de tal influência na literatura brasileira, quando o autor utiliza trechos de romances de Coelho Neto para corroborar sua tese, ratificando, novamente, o traço distintivo do prosador maranhense no cômputo geral da presença do helenismo na literatura brasileira.

Em seu estudo, Silva (2020) ressalta, nos trechos, a grandiloquência vernacular marcada por verbos "particularmente expressivos", de acordo com o autor, retiradas de descrições das obras. Ora, do ponto de vista linguístico, dado que uma das marcas da influência helênica é exatamente tal força expressiva, os números de verbos com tal característica são sintomáticos disso. Dessa maneira, há coerência nas ponderações de Silva (2020) e, tendo em vista que estas são marcas linguísticas de influência helênica, é feito na presente seção uma análise sobre o que mostram as frequências relativas de alguns dos verbos indicados por Silva (2020) em outros autores.

Tais escolhas justificam-se pelo fato de que, do ponto de vista da linguagem, Silva (2020) apresenta traços linguísticos específicos compreendidos como marcas helênicas, dada a ligação das noções de helenismo à perfeição linguística e gramatical, além da coerência construída no estudo em questão. Como já observado anteriormente, há diferenças tanto em números relativos quanto em modos de uso dos termos helênicos entre os dois autores, permitindo inferências sobre a forma como isso se dá, por exemplo, nas produções coelhonetianas e machadianas. Além disso, como observou-se nos gráficos e nas análises realizadas, dentre os outros autores selecionados, Joaquim Manuel de Macedo e Humberto de Campos também tiveram destaque, considerando o foco em gênero textual, no caso de Campos, e o lugar no qual se insere dentro da historiografia literária brasileira, como foi com Macedo. Assim, por conta da frequência relativa de termos helênicos nos escritos desses quatro autores, justifica-se a análise de como é possível perceber se há a presença do helenismo na linguagem por eles empregada e a frequência disso nas obras em questão.

3.4 Verbos expressivos enquanto marca helênica

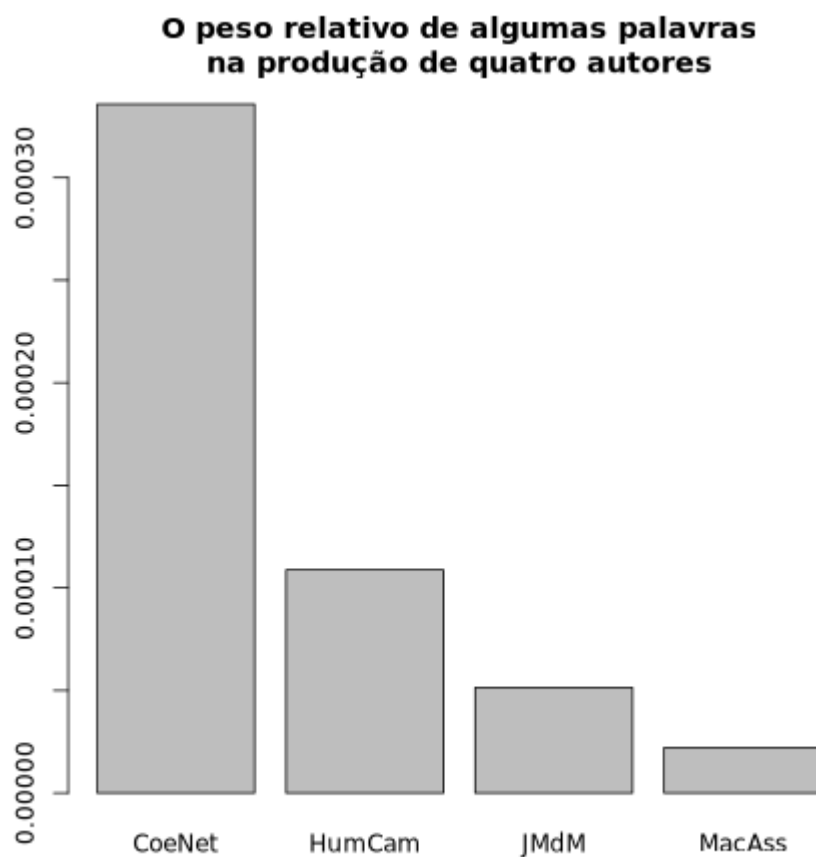
Em seu trabalho, Silva (2020) aborda a presença do helenismo na literatura brasileira especificamente na passagem do século XIX ao XX, identificando diferentes traços disso nos autores academicistas de então, como Coelho Neto e Humberto de Campos. Nesse viés, o autor fala sobre diferentes textos nos quais a presença helênica é percebida e, também, ressalta que tal pendor não se faz presente apenas na citação aos termos gregos, mas no próprio modo de uso da linguagem e, com isso, utiliza como exemplo trechos de duas obras de Coelho Neto, *O morto* (1924) e *Miragem* (1921), identificando, dentre outros aspectos, certos verbos que dão aos trechos bastante expressividade e grandiloquência.

Com isso, dentre os verbos destacados por Silva (2020) foram escolhidos os seguintes: *estortegar*; *fulgurar*; *retalhar*; *rebotar*; *vergar*; *retorcer*; *atroar*, tendo em vista a força de expressão que empregam às construções sintáticas das quais podem fazer parte. Em relação aos autores, foram selecionados para esta parte da análise aqueles que, no conto e na crônica, apresentaram maior frequência relativa no uso de termos helênicos e se destacaram quanto à análise dos trechos e, dessa forma, os autores são: Machado de Assis, Coelho Neto, Humberto de Campos e Joaquim Manuel de Macedo. Na barra de pesquisa do corpus OBRas, para a obtenção dos números absolutos e a contagem das formas em que os verbos surgem nas produções dos autores selecionados, foi feita a busca

da seguinte forma: "[lema="estortegar|fulgurar|retalhar|rebentar|vergar|retorcer|latroar"> & autor="MacAss|CoeNet|HumCam|JMdM"]" e a distribuição por autores.

Cabe ressaltar que se faz necessário o termo "lema" na barra de pesquisa pois este indica as formas pelas quais os termos pesquisados aparecem nas obras que compõem o corpus. Após os dados absolutos serem transformados em dados relativos, através do R., obteve-se o seguinte gráfico:

Gráfico 4 - O peso relativo de algumas palavras na produção de quatro autores



Fonte: OBras (2023)

Como se percebe no gráfico, em termos relativos Coelho Neto ficam muito acima dos outros três autores, o que não surpreende, tendo em vista que a questão vernacular é marca registrada do autor. Além disso, após o prosador caxiense está Humberto de Campos, literato também influenciado pelo helenismo, como já visto anteriormente, o que se reflete no uso de tais verbos. A diferença entre os dois literatos maranhenses quanto ao uso de tais verbos mantém coerência com a própria aceção que os escritores têm da

influência helênica em suas produções, tendo em vista que, do ponto de vista linguístico, observa-se em Humberto de Campos um rebuscamento menor do que em Coelho Neto, mas, sendo os dois acadêmicos afeitos aos preceitos helenísticos, os lugares que ocupam e a diferença entre os dois na frequência relativa faz jus ao que move os espíritos literários dos dois, por assim dizer.

Além disso, percebe-se que dos outros dois autores, Joaquim Manuel de Macedo e Machado de Assis, é em Macedo que se verifica maior frequência relativa dos verbos selecionados, o que, novamente, faz perceber em Macedo o viés helênico. Assim, não é apenas no uso de termos que se pode perceber o pendor helênico em Macedo, pois, considerando a expressividade grandiosa como marca da influência helênica, novamente os escritos macedianos apresentam aspectos que sugerem características encontradas, geralmente, nos autores do entresséculos devido ao que influenciava o seu fazer literário. Isso se faz ainda mais interessante considerando que, abaixo dele, está um autor situado no realismo brasileiro, no caso, Machado de Assis, tornando ainda maior o contraste entre o romantismo enquanto movimento e os números relativos a respeito da linguagem empregada por Joaquim Manuel de Macedo.

O caso de Machado de Assis em relação à frequência relativa de uso dos verbos selecionados mantém coerência com o que já é afirmado pela sua grande fortuna crítica, indicando a ausência de preciosismo em seus escritos. No quadro geral do que é mostrado no gráfico, é possível compreender que os dados, novamente, reiteram o que já é dado pela crítica e, ao mesmo tempo, permitem um vislumbre comparativo, baseado em um mesmo critério, que revelam ares helênicos em um romântico. Além disso, o modo pelo qual a linguagem é empregada, considerando a frequência relativa dos verbos nas obras dos autores, é definido pelo grau em que o fenômeno surge nos textos. Nesse caso, é exatamente por isso que algumas interpretações, baseadas apenas na leitura cerrada, podem indicar, por exemplo, a desvinculação total de Machado de Assis do helenismo no fator linguístico e, além disso, escapa aos olhos o que é semelhante nos textos de Joaquim Manuel de Macedo.

Certamente, e é sempre interessante reiterar, não é interessante compreender que seja sensato colocar a leitura cerrada como ultrapassada ou incapaz de se configurar como modo de análise da literatura, posto que a própria fruição do texto se dá através dela e, em relação aos estudos literários, há teorias literárias muito bem fundamentadas – como a teoria do efeito de Iser (1996, 1999) , por exemplo – que baseiam todas as suas postulações em um ato de leitura, para que sejam percebidos determinados aspectos dos

textos literários. Assim sendo, como há a importância de se verificar as postulações feitas nos próprios textos, bem como a possibilidade de percepções outras, a tabela a seguir apresenta os trechos selecionados para análise.

Tabela 5 – Trechos selecionados para análise da linguagem

Dados do autor	Trecho selecionado
<i>id="Água_de_Juventa Prosa:contos CN 1905 realismo masc ":</i>	E nas salas imensas, abobadadas, com panos e armas pelas paredes fortes, ao jorrar dos vinhos e ao som das músicas dos menestréis, desorevias trebelhos alegres de hístriões e de moças, ao calor das chamas de carvalhos inteiros, arrancados com as raízes, que ardiam no fogão colossal, com um fulgurar de incêndio que acendia esbraseadamente os vidrais, dando razão às lendas medrosas dos vilões -- «que eras o próprio demônio e o teu castelo uma das entradas do inferno».
<i>id="O_monstro_e_outros_contos Prosa:contos HC 1932 masc ":</i>	E, em breve, após um curto combate à arma branca, em que homens da mesma pátria se retalhavam , se dilaceravam, se estraçalhavam com fúria sanguinária, tomavam os legalistas posse do reduto, onde o sangue coagulado se misturava, repugnante, entre zumbidos de moscas, com dejeções humanas e com a lama da chuva da véspera.
<i>id="A_luneta_mágica Prosa:romance JMdM 1869 romantismo masc ":</i>	A porta do gabinete magico abriu-se em par a um simples aceno da mão direita do armênio O interior do gabinete estava resplendente de luz, e todo ornado das mesmas figuras e símbolos da cabala, que na primeira operação magica se observaram; as cores porém eram outras e diferentes; as paredes estavam pintadas de vermelho vivo, tendo em cor de ouro as vinte e duas chaves do Tarot, e os sinais dos sete planetas; o teto era azul como o céu no dia mais sereno, tendo no centro a figura do pentagrama fulgurando , como se fosse fogo, como se tivera tomado de empréstimo o brilho do sol mais ardente .
<i>id="Iaiá_Garcia Prosa:romance MdA 1878 romantismo masc ":</i>	Quando soou o instante definitivo da separação rebentaram dos olhos as lágrimas, não tumultuosas, cortadas de vozes e gemidos, mas dessas outras que retalham silenciosamente as faces, resto

	de uma dignidade que cede a custo à lei da natureza.
--	--

Fonte: OBRas (2023).

Antes das ponderações sobre os trechos, é necessário enfatizar que a análise recai sobre o uso da linguagem em si e não apenas do verbo em destaque, tendo em vista que, diferente dos termos que compõem o sema "helenismo", os verbos indicam o teor da linguagem do trecho como um todo e, assim, é o constructo linguístico que interessa enquanto categoria de análise, ou, dito de outra forma, é a relação entre sintagma e semântica na construção de sentido e no pretense efeito que o autor quis empregar à sua escrita. Dessa forma, o primeiro trecho é de Coelho Neto, retirado de um dos contos de seu *Água de Juventa* (1905), no qual se percebe, além do verbo em destaque, a grandiloquência que o autor imprime ao seu texto, na medida em que utiliza expressões como "salas imensas", "paredes fortes" e "jorrar dos vinhos" dando suntuosidade àquilo que descreve no trecho.

Além disso, tanto a grandiosidade vernacular quanto o torneio frasal de efeito sonoro são percebidos no uso de um dos verbos selecionados, posto que a construção na qual ele se encontra expressa com maior ênfase e sonoridade aquilo que pretende, como em "calor das chamas de carvalhos inteiros", no qual as palavras em sequência iniciam com a letra "c", o "fogão colossal" denotando a grandeza do objeto e, novamente, o efeito sonoro em "um **fulgurar** de incêndio que acendia esbraseadamente os vidrais", realizando outro efeito sonoro com o uso do "c", mas que, semanticamente, pode ser entendido como clichê, característica inclusive apontada por críticos a respeito das descrições coelhonetianas, e a força de expressão dada por "fulgurar" na construção do texto. Sendo assim, o trecho selecionado reitera o que há de helênico, no sentido linguístico, nas obras de Coelho Neto e, além disso, demonstra como a força da expressão dos verbos (fulgurar, ardiam, jorrar) é utilizada pelo escritor para dotar de pendores épicos as suas obras.

À diferença de Coelho Neto, seu companheiro de Academia Humberto de Campos, no trecho escolhido em que faz uso de um dos verbos selecionados, não demonstra tamanha grandiloquência vernacular. Ainda que a cena por ele descrita seja composta de teor bélico, o caráter grandioso não se espalha por todo o trecho, limitando-se ao próprio combate, no qual se insere o verbo "retalhar" no pretérito imperfeito, junto a outros escritos na mesma pessoa do discurso e empregando à descrição igual expressividade – dilaceravam , estraçalhavam – somados à "fúria sanguinária" que

complementa tal expressão. Sendo assim, no caso de Humberto de Campos o cenário que descreve estabelece conexão direta com o teor grandioso que emprega apenas nessa parte do trecho selecionado, posto que após isso, o autor maranhense descreve o cenário de maneira concisa e sem o teor grandiloquente que marca a influência helenística na linguagem.

Dessa maneira, em Humberto de Campos se percebe a coerência entre o que é descrito e o que é produzido a partir dos sintagmas utilizados e da semântica a eles atribuída. Do ponto de vista formal da língua, tanto Coelho Neto quanto Humberto de Campos, nos trechos selecionados, deixam nítidas certas estratégias estilísticas, como o hipérbato em " tomavam os legalistas posse do reduto", no qual Humberto de Campos altera a ordem direta da construção sintática e, no caso de Coelho Neto, há, de maneira semelhante, a marca estilística compreendida na aliteração já descrita que o autor faz ao empregar a repetição dos fonemas através das palavras que utilizam a letra "c". Porém, mesmo que haja tais traços nos trechos selecionados, a diferença entre os literatos quanto à grandiloquência vernacular e correção gramatical é nítida, posto que isso se sobressai em Coelho Neto mesmo na descrição de um pensamento nostálgico, como é o caso do trecho retirado de um de seus contos.

Além disso, como se viu, os dados mostram que, após Coelho Neto e Humberto de Campos, é Joaquim Manuel de Macedo que surge com uma razoável frequência relativa no uso dos verbos selecionados. Isso sugere que, pelos critérios estabelecidos quanto à força de expressão dos verbos, em Macedo também se faz presente um traço helênico quanto ao uso da linguagem. Além da frequência relativa dos verbos, o trecho selecionado de *A luneta mágica* (1869), de Macedo, também apresenta em considerável tom grandioso ao que narra, tendo em vista, por exemplo, o gabinete "resplendente de luz" e, no decorrer do trecho, a grandiosidade do que é descrito aumenta, fazendo com que o autor de *A moreninha* empregue um dos verbos selecionados, a citar a figura do pentagrama que *fulgura* e, como se não bastasse, o autor ainda compara o quadro por ele descrito com o próprio fogo e "como se tivera tomado de empréstimo o brilho do sol mais ardente".

Como se percebe, é gradualmente que surge, no trecho selecionado do romance macediano, os vultos grandiosos daquilo que compõe a sua narrativa. Sendo assim, é possível afirmar que, assim como no uso de termos helênicos, o uso da linguagem feito pelo romancista denota certo grau de pendor épico, mesmo que em menor grau do que os autores mais afeitos a tais modos de escrita. Além disso, é interessante ressaltar que o

trecho é retirado de um romance cômico da lavra de Macedo, o que contrastaria significativamente com a tentativa de dotar partes da construção de um romance do gênero com pendores grandiosos como o que se vê no trecho.

Desse modo, é possível afirmar que a frequência relativa de Joaquim Manuel de Macedo quanto ao uso dos verbos expressivos escolhidos é condizente com o uso que o autor faz da linguagem, tendo em vista que tanto o uso de termos helênicos quanto a força expressiva presente nos escritos do autor surgem em menor grau do que em outros autores declaradamente atrelados ao helenismo mas, ainda assim, são significativos, considerando a verve romântica de Macedo e, como já afirmado, o fato de suas produções tratarem de personagens e tipos que se repetem ao longo do que o autor escreve. Mas, se é no constructo linguístico e na semântica empregada pela organização dos sintagmas que os verbos em questão exprimem certa grandiloquência, é coerente pensar que o próprio modo de uso da linguagem pode dar aos verbos certa serenidade quanto ao forte valor expressivo que carregam. É o que se percebe em Machado de Assis.

No trecho retirado do romance *Iaiá Garcia* (1878), o autor carioca, como se percebe, utiliza dois dos verbos colocados na filtragem da pesquisa, mas, ainda assim, a organização da linguagem no trecho se difere daquela vista nos demais autores. Isso porque a força expressiva dos verbos é amainada logo em seguida no decurso da narração. No caso de *rebentaram* o autor indica que as lágrimas, sintaticamente sujeitos ligados ao verbo em questão, não são tumultuosas e sim "cortadas por gemidos" e o verbo rebentar tem seu forte sentido também alterado pelo advérbio "silenciosamente". Dessa maneira, o que faz Machado de Assis é expressar a força do sentimento de sua personagem ao mesmo tempo em que atenua a potência semântica dos verbos que utiliza, fazendo com que o próprio sentimento seja o grande destaque do trecho.

Com isso, é possível afirmar que a grandiosidade da força expressiva dos verbos, que caracterizam a linguagem influenciada pelos pendores épicos do helenismo – segundo a tese de Silva (2020), vale ressaltar – em Machado de Assis são alteradas quanto ao grau de intensidade que dão às construções dos textos, pois, como se nota, as ações indicadas pelos verbos alicerçam-se para que o sentimento presente na narrativa seja literariamente expressado. Nesse sentido, convém ressaltar que *Iaiá Garcia* faz parte da fase romântica de Machado, considerado em muitas ocasiões como o último romance de tal período do conjunto de obras do autor e, assim sendo, é interessante notar que já aí o modo de uso machadiano da linguagem é composto por uma sobriedade estilística que

prescinde de uma grandiloquência ou de certo preciosismo para disponibilizar ao leitor o potencial de sentido de seus escritos.

Diante disso, considerando a frequência relativa dos verbos escolhidos e as ponderações sobre os trechos selecionados, é coerente afirmar que o pendor helênico na linguagem é maior entre os acadêmicos do entresséculos – Coelho Neto e Humberto de Campos – e que são notáveis os números relativos de Joaquim Manuel de Macedo, bem como o uso expressivo que o autor romântico faz de um dos verbos selecionados que, como foi possível perceber, se assemelha àqueles que inspiraram-se em um universo cultural negado pelo romantismo do qual Macedo é um dos iniciadores. Além disso, corrobora-se também a percepção de um Machado de Assis afeito a um uso sóbrio dos verbos com força de expressão, fazendo com que a linguagem que poderia ganhar pendor grandiloquentes se organize de modo que a semântica expressa se atenha ao sentido e não a um possível contorno épico da expressão.

Mas, no que se refere aos critérios pelos quais se avalia o pendor helênico nos autores selecionados, há uma perspectiva de observação pertinente que incide diretamente na concepção e na percepção do que seriam os indícios helênicos presentes na linguagem utilizada por diferentes autores ao longo da literatura brasileira. Os "verbos particularmente expressivos" retirados da pesquisa de Silva (2020) são selecionados de romances de Coelho Neto, fazendo com que o ponto de partida para estabelecer critérios linguísticos que denotem influência helênica sejam característicos do escritor. Tal fato não ocorre somente no presente estudo, mas é possível afirmar que, ao abordar a influência helênica na literatura brasileira, é nas obras do prosador caxiense que geralmente são buscados os aspectos mais proeminentes disso, como o faz Silva (2020) e outros críticos importantes na fortuna crítica de Coelho Neto, como Brito Broca (2005) e José Veríssimo (1904).

É importante ressaltar que considerar tal perspectiva não nega o fato de que a linguagem utilizada pelo autor possui um pendor épico ou um preciosismo quanto às palavras que o autor utilizava, muitas delas já arcaicas para a época, como não deixa de notar o sentido apurado de José Veríssimo (1904). Não há nisso um raciocínio que, considerando uma perspectiva, renegue a outra, mas uma percepção de que se o ponto de partida é, na imensa maioria das vezes, balizado pelas características das obras de Coelho Neto, no caso da influência helênica, as interpretações a que se chega certamente reafirmarão o que já se sabe a respeito dos pormenores linguísticos do príncipe dos prosadores, influenciados pela devoção do literato à cultura helênica. Tal perspectiva

ganha certa coerência quando se considera que os termos escolhidos são utilizados com maior frequência pelo próprio Coelho Neto, como é o caso dos verbos em questão.

Como se sabe, o autor utilizava em seus escritos uma considerável quantidade de termos que eram mais presentes no dialeto dos portugueses e menos no dos brasileiros, como é o caso do verbo "rebentar", o que lhes dava, ao mesmo tempo, preciosismo e força de expressão. Sendo assim, as marcas estilísticas que denotam um preciosismo que, por sua vez, pode ser considerado uma marca helênica, tendo em vista a correção gramatical e a grandiloquência que podem empregar às obras literárias, são próprias do autor e, mesmo que haja ali o pendor épico, o fato de ser ele o ponto de partida e um dos maiores símbolos da influência do helenismo nas letras brasileiras gera compreensões que se reafirmam entre si.

Além disso, do ponto de vista da leitura distante, ao configurar os modos de pesquisa com base nos preceitos da crítica, certos elementos podem ser vislumbrados a partir de diferentes pontos de observação. Um deles é a frequência relativa dos termos, o que faz com que todos os autores selecionados para o estudo sejam considerados por um mesmo critério, tornando os próprios números aspectos relevantes de pesquisa, pois, dessa forma, as frequências relativas dos autores, comparadas, permitem o vislumbre de um dado fenômeno em grande escala, através de gráficos, como é o caso desta pesquisa. Dessa maneira, os termos que identificam marcas estilísticas, bem como de épocas e influências culturais, como é o caso do helenismo, podem ser percebidos a partir de um prisma que apresenta diversos autores e o fenômeno específico traduzido em números graficamente visualizáveis.

Assim, o conhecimento construído pela crítica a respeito das obras literárias de determinado país ou período servem de base para percepções de padrões parecidos em autores ou obras que, em tese, não são verificados. Mas, exatamente por conta disso, o estudo baseado em leitura distante pode ser atravessado em demasia por tais preceitos e, dessa forma, há a possibilidade de que interpretações feitas a partir do prisma da leitura distante se assemelhem àquelas já canonizadas não exatamente pelas características dos fenômenos analisados, mas pelo próprio ponto de partida que, ao ser determinado, pode limitar seus fins.

No caso do fenômeno aqui analisado, o helenismo na literatura brasileira, há os dois fatores ora descritos, posto que Coelho Neto permanece como símbolo do triunfo helênico nas letras brasileiras, mas, ainda assim, a filtragem por gênero textual e os trechos selecionados a partir da frequência relativa apresentada nos gráficos sugerem que

no cômputo geral do que se compreende como "o helenismo na literatura brasileira", representado por pendores épicos e o uso de referências advindas de tal cultura, há autores que se destacam tanto quanto o próprio Coelho Neto, considerando os próprios critérios críticos. Seria então possível que o prisma da leitura distante incidisse diretamente na interpretação que se tem sobre o helenismo na literatura brasileira a ponto de, considerando a crítica e outros fatores linguísticos próprios dos autores, jogar luz sobre o que não seria percebido sem o seu uso? As possíveis respostas à indagação podem ser positivas ou negativas, certamente, mas a coerência que deve vir junto a elas precisa considerar tanto o ponto de partida – a crítica, os autores e os critérios – quanto as interpretações que destoem, ou não, de uma visão já estabelecida ao longo do tempo sobre a presença e a influência do helenismo na literatura brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visto na pesquisa, o helenismo se configura como um complexo constructo cultural que influenciou o Ocidente de diferentes maneiras e em contextos distintos, considerando que tanto a sua gênese quanto o próprio "milagre grego" são temas problematizados em estudos de diversas áreas do conhecimento, reconhecendo que outras culturas também o influenciaram e, historicamente, movimentos intelectuais e filosóficos como o iluminismo foram importantes catalisadores do helenismo no Ocidente. Nesse sentido, as conjecturas e ponderações que existem sobre o tema, ao problematizá-lo, jogam luz sobre as concepções existentes a seu respeito e, também, fazem com que seja melhor compreendido tanto o processo quanto a presença e a influência do helenismo nos diferentes lugares e manifestações filosóficas e artísticas, como é o caso da literatura brasileira.

Dessa forma, dado o processo histórico e a formação da literatura feita no Brasil, há semelhanças entre tais produções e outras obras de diferentes nações quanto à presença helênica, posto que havia, de certa maneira, um ideal a ser seguido que tinha como representante maior os textos e as ideias advindas da Grécia antiga. Tal concepção perde força com o surgimento do movimento romântico, principalmente por conta do seu caráter nacionalista que inspirou muitos literatos de então a abandonarem referenciais culturais advindos de outras nações e dotar a literatura produzida no país de elementos nacionais, encontrando isso nas figuras do indígena e na vegetação brasileira, por exemplo. Por conta disso, há nesse período um apagamento do helenismo nas letras brasileiras e que, no decorrer do tempo e com o advento do parnasianismo, ganha força novamente entre alguns dos literatos do país.

A esse respeito, críticos como Brito Broca (2005) e José Veríssimo (1904), por exemplo, farão críticas bastante pertinentes, considerando o surgimento da Academia Brasileira de Letras, instituição na qual grande parte dos literatos se inspirava na cultura helênica, bem como questões de cunho racial e social. Nesse sentido, havia, de maneira concomitante, o surgimento e a proliferação do ideal modernista, que tem como símbolo a Semana de 22, e que, semelhante ao romantismo, defendia o uso de elementos nacionais nas artes produzidas no país, grupo no qual estava incluída a literatura. Tal concomitância gerou diferentes conflitos a respeito da compreensão sobre a literatura e como ela deveria ser produzida, colocando de um lado os modernistas e de outro os academicistas, configurando um cenário no qual o helenismo não seria plenamente aceito como influente na literatura do país.

Diante de tais contextos historicamente estabelecidos e alterados, é possível afirmar que o helenismo se fez presente nas letras brasileiras em diferentes graus, a depender do momento histórico que passava o país e as ideias que exerciam influência nos literatos. A historiografia literária coloca, então, o Arcadismo como influenciado por tal cultura, o Romantismo como símbolo de sua negação e o Parnasianismo como, nas palavras de Brito Broca (2005), "a volta dos deuses ao Olimpo" nas letras brasileiras. Com isso, ainda segundo Broca (2005), autores como Coelho Neto seriam símbolos do que foi a presença do helenismo nesse contexto e Machado de Assis um exemplo de autor que se subtraiu a tal influência, para citar apenas dois exemplos. Porém, tais asseverações baseiam-se em uma historiografia construída com base em autores que gozam de larga fortuna crítica e fazem parte do cânone da literatura brasileira e, além disso, vale ressaltar a própria construção do cânone baseada na leitura cerrada das obras ao longo do tempo e na construção das críticas a respeito delas e dos autores.

Como visto na pesquisa, o helenismo se configura como um complexo constructo cultural que influenciou o Ocidente de diferentes maneiras e em contextos distintos, considerando que tanto a sua gênese quanto o próprio "milagre grego" são temas problematizados em estudos de diversas áreas do conhecimento, reconhecendo que outras culturas também o influenciaram e, historicamente, movimentos intelectuais e filosóficos como o iluminismo foram importantes catalisadores do helenismo no Ocidente. Nesse sentido, as conjecturas e ponderações que existem sobre o tema, ao problematizá-lo, jogam luz sobre as concepções existentes a seu respeito e, também, fazem com que seja melhor compreendido tanto o processo quanto a presença e a influência do helenismo nos diferentes lugares e manifestações filosóficas e artísticas, como é o caso da literatura brasileira.

Dessa forma, dado o processo histórico e a formação da literatura feita no Brasil, há semelhanças entre tais produções e outras obras de diferentes nações quanto à presença helênica, posto que havia, de certa maneira, um ideal a ser seguido que tinha como representante maior os textos e as ideias advindas da Grécia antiga. Tal concepção perde força com o surgimento do movimento romântico, principalmente por conta do seu caráter nacionalista que inspirou muitos literatos de então a abandonarem referenciais culturais advindos de outras nações e dotar a literatura produzida no país de elementos nacionais, encontrando isso nas figuras do indígena e na vegetação brasileira, por exemplo. Por conta disso, há nesse período um apagamento do helenismo nas letras brasileiras e que, no

decorrer do tempo e com o advento do parnasianismo, ganha força novamente entre alguns dos literatos do país.

A esse respeito, críticos como Brito Broca (2005) e José Veríssimo (1904), por exemplo, farão críticas bastante pertinentes, considerando o surgimento da Academia Brasileira de Letras, instituição na qual grande parte dos literatos se inspirava na cultura helênica, bem como questões de cunho racial e social. Nesse sentido, havia, de maneira concomitante, o surgimento e a proliferação do ideal modernista, que tem como símbolo a Semana de 22, e que, semelhante ao romantismo, defendia o uso de elementos nacionais nas artes produzidas no país, grupo no qual estava incluída a literatura. Tal concomitância gerou diferentes conflitos a respeito da compreensão sobre a literatura e como ela deveria ser produzida, colocando de um lado os modernistas e de outro os academicistas, configurando um cenário no qual o helenismo não seria plenamente aceito como influente na literatura do país.

Diante de tais contextos historicamente estabelecidos e alterados, é possível afirmar que o helenismo se fez presente nas letras brasileiras em diferentes graus, a depender do momento histórico que passava o país e as ideias que exerciam influência nos literatos. A historiografia literária coloca, então, o Arcadismo como influenciado por tal cultura, o Romantismo como símbolo de sua negação e o Parnasianismo como, nas palavras de Brito Broca (2005), "a volta dos deuses ao Olimpo" nas letras brasileiras. Com isso, ainda segundo Broca (2005), autores como Coelho Neto seriam símbolos do que foi a presença do helenismo nesse contexto e Machado de Assis um exemplo de autor que se subtraiu a tal influência. Tais fatores, como se sabe, são baseados em uma percepção feita através leitura cerrada dos textos por parte dos críticos.

Nesse sentido, as interpretações aqui realizadas, ainda que dialoguem com tais ponderações críticas, têm como base uma leitura distante de tal fenômeno, observando dos textos presentes no corpus OBRas os termos que fazem parte do universo helênico e considerando, além da citação em si, o número de vezes em que são citadas e a comparação entre os números relativos apresentados pelos autores. Com isso, foi possível perceber que o vislumbre dos textos literários dos autores por essa perspectiva dá margem para impressões condizentes com o que é afirmado pela crítica e, também, permite que interpretações outras sejam feitas. Exemplo disso é o caso de Joaquim Manuel de Macedo que, como se percebeu, aproxima-se de outros autores quanto ao número relativo de termos helênicos, a filtragem por gênero textual que tira de Coelho Neto o posto de representante do helenismo nas letras brasileiras e, quanto aos aspectos linguísticos, a

percepção de que, mesmo ligado ao romantismo, Joaquim Manuel de Macedo exhibe traços de preciosismo e grandiloquência descritivista, tal qual os autores parnasianos.

Certamente, as possibilidades de trabalho com a literatura brasileira baseadas no corpus OBRas, referentes ao helenismo, não se encerram no presente estudo, tendo em vista a gama de opções e de perspectivas de pesquisa existentes. Exemplo disso é a possível análise com base em uma separação dos termos do sema “helenismo”, dividindo subcategorias como “deuses” e “cidades”, por exemplos, identificando quais seriam mais presentes nas obras analisadas. Além disso, pode-se fazer uma análise do helenismo especificamente em Machado de Assis, uma vez que, de acordo com Brandão (2001), o autor realista utiliza nomes latinos ao invés de seus correspondentes gregos e, como o corpus do presente estudo é de termos gregos, faz-se interessante a construção de um sema também composto pelos correspondentes latinos dos termos helênicos para ter uma percepção mais apurada deste fenômeno nos escritos machadianos. Do ponto de vista quantitativo, há a possibilidade de inserção de mais textos dos autores selecionados para que, com o aumento do material disponível, fossem vislumbrados textos outros que poderiam indicar maior ou menor presença do helenismo na literatura brasileira.

Ainda com base na perspectiva do helenismo no corpus OBRas, é possível, do ponto de vista técnico, a criação de metodologias de pesquisa e de criação de informações no corpus que, no momento da pesquisa, desconsiderem os casos em que o contexto indica apenas um termo do campo semântico que não faz referência à cultura helênica, aumentando a precisão do que é visualizado nos gráficos. É necessário enfatizar, também, que as pesquisas no OBRas não se limitam à temática do helenismo, tendo em vista diferentes semas já presentes no corpus, como os semas “cor”, “roupa”, “emoções” “família” e os subtipos a eles associados.

Tem-se nestes semas bases para pesquisas de temáticas relacionadas a cada um deles, como a representação das cores em literatura brasileira ou em autores e obras específicos, bem como períodos literários específicos, a depender da filtragem do pesquisador. Portanto, o estudo aqui realizado contribui para diferentes aspectos da presença do helenismo na literatura brasileira que, em grande medida, são perceptíveis através de uma leitura distante, como a descreve Franco Moretti (2000, 2008), com base em gráficos e interpretações quanti-qualitativas que são introduzidas no estudo da literatura não para contradizer conhecimentos já construídos, mas apontar possíveis caminhos nos estudos literários que façam uso dos aparatos tecnológicos.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Graça. **Espírito moderno**. São Paulo – SP: Cia Gráfica Editora Monteiro Lobato, 1925.

ARAÚJO, Nabil. **Vista de longe, a literatura é o que desaparece... (acerca de um fracasso programático em Franco Moretti)**. In: WERKEMA, Andréia Sirihal; SOARES, Marcus Vinicius Nogueira; ARAÚJO, Nabil (org.). **Variações sobre o romance**. Rio de Janeiro – RJ, Edições Makunaima, 2016.

ARISTÓTELES. **Poética**. 3º Ed. Trad. de Ana Maria Valente. Lisboa – Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

ASSIS, Emanuel Cesar Pires de. **ATRIBUIÇÃO DE AUTORIA UTILIZANDO ANÁLISES ESTATÍSTICAS: UMA EXPERIÊNCIA COM A RELAÇÃO ABREVIADA**. In: **Revista Texto Digital**, v. 9, n. 1, p. 24-53, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2013v9n1p24/25122>>. Acesso em: 16 já. 2023.

ASSIS, Emanuel Cesar Pires de; LOPES, Daniel. **A estatística textual computadorizada e a literatura brasileira: uma análise do romance *Miragem*, de Coelho Neto**. In: **Revista Studia Iberystyczne**, v. 18, n. 01, p. 259-270, 2019. Disponível em: <<https://journals.akademicka.pl/si/article/view/1047/1020>>. Acesso em: 18 jan. 2023.

BARRETO, Lima. **Histórias e Sonhos**. Rio de Janeiro – RJ: Livraria Editora de Gianlorenzo Schettino, 1920.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Trad. de Sergio Paulo Rouanet. 3º Ed. São Paulo – SP: Brasiliense, 1987.

BERNAL, Martin. **Black Athena: The Afroasiatic Roots Of Classical Civilization**. Vol. 1. New Jersey. New Brunswick, 1987.

BERNARD, Michel. **Introduction aux études littéraires assistées par ordinateur**. Paris: PUF, 1999.

BOSI, Alfredo. **HISTÓRIA CONCISA DA LITERATURA BRASILEIRA**. 43º Ed. São Paulo – SP. Editora Cultrix, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. **A Grécia de Machado de Assis**. In: **O novo milênio: interfaces linguísticas e literárias**. MENDES, Eliana Amarante de Mendonça; OLIVEIRA, Paulo Motta; BENN-IBLER, Veronika. Belo Horizonte – MG. UFMG/FALE, 2001.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário mítico-etimológico**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2014.

BRANDÃO, Saulo Cunha de Serpa. **Aspectos introdutórios para uma crítica numérica da literatura**. In: **Revista FronteiraZ**, n. 18. V. 01, p. 98-111, 2017. Disponível

em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/32277>>. Acesso em: 21.set.2022.

BRAZ, Carolina da Silva Macedo. **Constituição de um *corpus* literário luso-brasileiro: Uma proposta para o ensino de PLNM**. Dissertação (Mestrado em Português Língua Não-Materna – Língua Estrangeira (PLE) – e Língua Segunda (L2)). Universidade do Minho – Braga – Portugal, 2021.

BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil – 1900**. 5ª Edição. Rio de Janeiro – RJ. José Olympio: Academia Brasileira de Letras, 2005.

CAMARGO, Luis Gonçales Bueno de. **A decisão de não ler. Jornal de Resenhas**, 2016. Disponível em: <<http://jornalderesenas.com.br/resenha/a-decisao-de-nao-ler/>> Acesso em: 30 jan. 2023.

CAMPOS, Humberto de. **Crítica: primeira série**. 1ª Edição. São Paulo: SP. Editora Mérito S.A, 1962.

CAMPOS, Humberto de. **Crítica: Quarta série**. Rio de Janeiro, RJ: Livraria José Olympio Editora, 1936.

CAPUNI, Alberto. **Filosofia da tecnologia: um convite**. 3º Ed. Florianópolis – SC: Editora da UFSC, 2016.

CARRATORE, E. D. **Plauto e a helenização de Roma: alguns aspectos**. ALFA: Revista de Linguística, São Paulo, v. 22, 2001. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3584>>. Acesso em: 25.mai.2022.

CAVALCANTI, Camilo. **DA CRÍTICA ESTILÍSTICA À ESTILOMETRIA LITERÁRIA**. In: **Revista Matraca**, v. 20, n. 32, p. 90-103, 2013. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraca/article/view/19843/14275>>. Acesso em: 16 jan. 2023.

COSTA, Flaviano Menezes da. **TINTAS E PODER: dois maranhenses na Academia Brasileira de Letras**. In: Revista Cadernos Zygmunt Bauman, v. 8, n. 16, 2018. Disponível em: <<https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/8543>>. Acesso em: 08. ago. 2022.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões: Campanha de Canudos**. Rio de Janeiro, RJ: Tipografia Universal de Laemmert, 1902.

DELUMEAU, Jean. **A CIVILIZAÇÃO DO RENASCIMENTO: Vol. 1**. Lisboa. Editora Estampa, 1994.

DENIS, Ferdinand. **Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du résumé de l'histoire littéraire du Brésil**. Par Ferdinand Denis. Paris, Lecointe et Durey, 1826. Paris, França: Lecointe et Durey, Libraires, 1826.

DROYSEN, Johann Gustav. **Alexandre o Grande**. Rio de Janeiro – RJ: Contraponto, 2010.

FERNANDES, Thais. **A LITERATURA LATINA NO BRASIL: UMA HISTÓRIA DE TRADUÇÕES**. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC: Florianópolis – SC, 2017.

HESÍODO. **Teogonia – A origem dos Deuses**. Trad. e Estudo de Jaa Torrano. 3. Edição. São Paulo – SP: Editora Iluminuras, 1995.

HIGUCHI, Suemi. **Do texto ao dado: debates sobre leitura distante nas humanidades**. In: **Revista humanidades digitais**, v. 03, n. 02, p. 1-16, 2021. Disponível em: <<https://revistas.uminho.pt/index.php/h2d/article/view/3569/4028>>. Acesso em: 18 fev. 2023.

KIRCHOF, Edgar Roberto. **Ensino de Literatura na Era da Cultura Digital: obras digitalizadas e digitais**. In: SANTOS, Alckmar Luiz dos; SANTA, Everton Vinícius de. (Org.). **Literatura, arte e tecnologia**. 1º Ed. Tubarão – SC: Copiart, 2013.

MACÁRIO, Paulo Gomes. **Neo-gregos da Belle Époque brasileira**. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária). Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Campinas – SP, 2005.

MACEDO, Joaquim Manuel de. **Os romances da semana**. Rio de Janeiro, RJ: In: **A Semana: Jornal Literário, Científico e Noticioso, Rio de Janeiro**. RJ: Jornal do Comércio, 1855.

MACIEL, Carlos Alberto Antunes. **Tratamento estatístico de textos**. In: SANTOS, Alckmar Luiz dos; SANTA, Everton Vinicius de (org.). **Literatura, Arte e Tecnologia**. Tubarão – Ed. Copiart, 2013, p. 201-208.

MAGALHÃES, Gonçalves de. **Ensaio sobre a história da literatura do Brasil**. In: **Nitheroy, Revista Brasiliense**. Paris – França, n. 01, 1836.

MARTINS, Ricardo André Ferreira. **ATENIENSES E FLUMINENSES: A invenção do cânone nacional**. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Campinas – SP, 2009.

MITTMANN, Adiel, MAIA, Samanta Rosa; SANTOS, Alckmar Luiz dos. **Análise comparativa entre as escansões manual e automática dos versos de Gregório de Matos**. In: **Revista Texto Digital**, v. 13, n. 1, p. 157-179, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2016v13n1p157/34580>>. Acesso em: 19 jan. 2023.

MOMIGLIANO, Arnaldo. **Os limites da Helenização: a interação cultural das civilizações grega, romana, céltica, judaica e persa**. Rio de Janeiro – RJ. Jorge Zahar Editor, 1991.

MORETTI, Franco. **A literatura vista de longe**. Trad. Anselmo Pessoa Neto. Porto Alegre – Arquipélago Editorial, 2008.

MORETTI, Franco. **Conjecturas sobre a literatura mundial**. Trad. José Marcos Macedo. In: **New Left Review**, v. 3, p. 65-76, 2000.

NETO, Coelho. **A conquista**. Rio de Janeiro – RJ: Tipografia Universal Laemmert, 1899.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O Nascimento da Tragédia**. Trad. de Antonio Carlos Braga. São Paulo – SP: Editora Escala, 2013.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. **Estudos de história da Cultura Clássica – vol. 01**. Coimbra – Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. **Estudos sobre Roma Antiga a Europa e o Legado Clássico**. Coimbra – Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 2015.

PEREIRA, P. S. Academia, Geopolítica das Humanidades Digitais e Pensamento Crítico. **MATLIT: Materialidades da Literatura**, v. 3, n. 1, p. 111-140, 2015. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/matlit/article/view/2182-8830_3-1_7>. Acesso em: 10 mar. 2023.

PEREIRA, Vinícius Carvalho. **FERRAMENTAS DIGITAIS PARA ESCANSÃO AUTOMÁTICA: NOTAS SOBRE O SISTEMA AOIDOS**. In: **Revista Verbo de Minas**, v. 19, n. 34, p. 75-96, 2018. Disponível em: <<http://seer.uniacademia.edu.br/index.php/verboDeMinas/article/view/1448/1067>>. Acesso em: 19 jan. 2023.

PIERI, Leandro Henrique Scarabelot Campos de. **FRANCO MORETTI E A DISTANT READING: UM OLHAR SOBRE O MÉTODO**. In: **Revista garrafa**, v. 17, n. 49, p. 150-173, 2019. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/garrafa/article/view/30861/17457>>. Acesso em: 24 jan. 2023.

POWELL, Barry. **The East Face of Helicon. West Asiatic Elements in Greek Poetry**. In: **Bryn Mawr Classic Review**, 2000. Disponível em: <<https://bmcr.brynmawr.edu/2000/2000.05.08>> Acesso em: 15 jan. 2023.

SAID, Edward. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente**. Trad. Rosaura Eichenberg. 1º Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, Alckmar Luiz Dos. **Leituras de nós: ciberespaço e literatura**. São Paulo – SP: Itáu Cultural, 2003.

SANTOS, Diana; ALVES, Daniel, AMARO, Raquel, et. al. **Leitura distante em português: resumo do primeiro encontro**. In: **MATLIT: Materialidades da Literatura**. v. 08, n. 1. p. 279-298. Disponível em: < https://impactum-journals.uc.pt/matlit/article/view/2182-8830_8-1_16>. Acesso em: 17.abr.2021.

SANTOS, Diana; BICK Eckhard. **Providing Internet access to Portuguese corpora: the AC/DC project**. In GAVRILIDOU, Maria; et al. (orgs.). **Proceedings of the Second International Conference on Language Resources and Evaluation**. In: LREC 2000, Athens, 2000, p. 205-210. Disponível em: <<https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/406/2/SantosBickLREC2000.pdf>>.

SANTOS, Diana. **Corpora at Linguatca: Vision and roads taken**. In: SARDINHA, Tony Berber; FERREIRA Telma de Lurdes São Bento (orgs.). **Working with Portuguese Corpora**. Bloomsbury, 2014, pp. 219-236. Disponível em: <<https://www.torrossa.com/en/resources/an/5216714#page=237>>.

SANTOS, Diana, FREITAS Cláudia; BICK Eckhard. **Obras: a fully annotated and partially human-revised corpus of Brazilian literary works in the public domain**. OpenCor, Canela, RGS, Brasil, 24 de setembro de 2018. Disponível em: <<https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/31830/2/CorLex.pdf>>.

SARDINHA, T. B. **LINGÜÍSTICA DE CORPUS: HISTÓRICO E PROBLEMÁTICA**. In: **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**. v. 16, n. 2, p. 323-367, 2000. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/39903>>. Acesso em: 20 jan. 2023.

SATIN, Ionara. **AS MUSAS CLÁSSICAS AO RÉS DO CHÃO: as epopeias de Homero e Virgílio em “A Semana” de Machado de Assis (1892 a 1897)**. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual de Londrina – UEL: ASSIS, - PR, 2013.

SHEPHERD, Tânia M. G. **Informática e literatura: revelando identidades textuais**. In: *Revista Texto Digital*, v. 1, n. 1, p. 20-27, 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1272>>. Acesso em: 28.set.2022.

SILVA, Amós Coelho da. **Helenização de Roma e a *contaminatio* de Plauto**. In: *Revista PRINCIPIA*, n. 13, 2005. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/principia/article/view/11312/8953>>. Acesso em: 25.mai.2022.

SILVA, Flávia Martins Rosa Pereira da. **Diferenciações de gênero na caracterização de personagens: uma proposta metodológica e primeiros resultados**. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica – PUC. Rio de Janeiro – RJ, 2021.

SILVA, Maurício. **“LITERATURA É ÓCIO”: DIMENSÕES ESTÉTICAS DO MODELO ACADÊMICO NA LITERATURA BRASILEIRA DO INÍCIO DO SÉCULO XX**. In: *Revista de Letras JUÇARA*, v. 04, n. 01, p. 76 – 96, 2020. Disponível em: <<https://ppg.revistas.uema.br/index.php/jucara/article/view/2217>>. Acesso em: 07 mar.2022.

SOUSA, Ana Paula Nunes de; ASSIS, Emanuel Cesar Pires de. **HUMBERTO DE CAMPOS E A OBRA PSICOGRAFADA *CRÔNICAS DE ALÉM-TÚMULO***. In: *Revista Macabéa*, v. 10, n. 01, p. 128-141, 2021. Disponível em: <<http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MacREN/article/view/2694/pdf>> Acesso em: 15 jan. 2023.

SOUZA, Roberto Acízelo de. **TEORIA DA LITERATURA**. 3º Ed. Ática. 1990.

STEFANIU, Wellington. **DO ARCADISMO AO ROMANTISMO: SIMILITUDES E ESPECIFICIDADES NA CONSTRUÇÃO DO CÂNONE NACIONAL**. In: *Revista de Literatura, História e Memória*, v. 12, n. 20, 2016, p. 221-239. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm/article/view/14983>>. Acesso em: 06. ago. 2022.

TRESOLDI, Tiago. **O Ulisses dos muitos retornos: uma história do clássico**. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande – FURG: Rio Grande – RS, 2016.

UNDERWOOD, Ted. **A genealogy of distant reading**. In: *Digital Humanities Quarterly*. v. 11, nº 02, 2017. Disponível em: <<http://www.digitalhumanities.org/dhq/vol/11/2/000317/000317.html#>>. Acesso em: 21.04.2021.

VERASZTO, Estéfano Vizconde; Et. Al. **Tecnologia: buscando uma definição para o conceito.** In: Revista Prisma.com, n. 08, p. 19-46, 2009. Disponível em: <<http://aleph.letras.up.pt/index.php/prisma.com/article/view/2065/1901>>. Acesso em: 26. ago. 2022.

VERÍSSIMO, José. **Estudos de Literatura Brasileira: 4º Serie. 1º Ed.** Rio de Janeiro: RJ. Editora Garnier Livreiro-Editor, 1904.

VERÍSSIMO, José. **História da Literatura Brasileira: De Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908).** Rio de Janeiro, RJ: Livraria Francisco Alves, Paris, França: Aillaud, 1916.

WEST, M. L. **Indo-European Poetry and Myth.** [s.l.] OUP Oxford, 2007.

WEST, M. L. **The East Face of Helicon: West Asiatic Elements in Greek Poetry and Myth.** Oxford: Clarendon Press, 1997.

ZILLES, Urbano. **TEOLOGIA NO RENASCIMENTO E NA REFORMA.** In: **Teocomunicação**, v.43, n. 02, p. 325-355, 2013. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/16435/10814>>. Acesso em: 13 jan. 2023.

ANEXOS
ANEXO 01

Tabela 6 - Autores e obras presentes no corpus OBRAS

AUTOR	TÍTULOS DAS OBRAS
Aluísio Azevedo	<i>Aos vinte anos</i> (1865), <i>Uma lágrima de mulher</i> (1879), <i>O Mulato</i> (1881), <i>Casa de Pensão</i> (1884), <i>Mattos, Malta ou Matta?</i> (1885), <i>O Homem</i> (1887), <i>O Coruja</i> (1889), <i>O Cortiço</i> (1890), <i>Demônios</i> (1893), <i>A Mortalha de Alzira</i> (1894), <i>O touro negro</i> (1938), <i>O Japão</i> (1984)
Bernardo Guimarães	<i>O ermitão do Muquém</i> (1868), <i>A dança dos ossos</i> (1871), <i>O seminarista</i> (1872), <i>A Escrava Isaura</i> (1875), <i>Maurício</i> (1877), <i>O bandido do Rio das Mortes</i> (1905), <i>O garimpeiro</i> (1972)
Coelho Neto	<i>Baladilhas</i> (1844), <i>Rapsódias</i> (1891), <i>Miragem</i> (1895), <i>Inverno em flor</i> (1897), <i>O morto</i> (1898), <i>Romanceiro</i> (1898), <i>A conquista</i> (1899), <i>A bico de pena</i> (1904), <i>Turbilhão</i> (1904), <i>Água de Juventa</i> (1905), <i>Treva</i> (1905), <i>Esfinge</i> (1908), <i>Banzo</i> (1912), <i>Rei negro</i> (1914), <i>A capital federal</i> (1915), <i>As sete dores de Nossa Senhora</i> (1922), <i>Vesperal</i> (1922), <i>Mano</i> (1924), <i>Às quintas</i> (1924), <i>Canteiro de saudades</i> (1927), <i>A cidade maravilhosa</i> (1928)
Euclides da Cunha	<i>Contrastes e Confrontos</i> (1866), <i>Os Sertões I</i> (1902), <i>Os Sertões II</i> (1902), <i>À margem da história</i> (1909)
Humberto de Campos	<i>Vale de Josafá</i> (1918), <i>A serpente de bronze</i> (1921), <i>Pombos de Maomé</i> (1925), <i>Grãos de mostarda</i> (1926), <i>O monstro e outros contos</i> (1932), <i>Últimas crônicas</i> (1936), <i>A Funda de Davi</i> (1944)
Joaquim Manuel de Macedo	<i>A Moreninha</i> (1844), <i>O moço louro</i> (1845), <i>Os Dois Amores</i> (1848), <i>Os romances da semana</i> (1855), <i>A luneta mágica</i> (1869), <i>As Vítimas-Algozes</i> (1869), <i>As Mulheres de Mantilha</i> (1870)
José de Alencar	<i>Ao correr da pena</i> (1854), <i>Cinco Minutos</i> (1856), <i>A viuvinha</i> (1857), <i>As minas de prata</i> (1862), <i>Diva</i> (1864), <i>A pata da gazela</i> (1870), <i>O gaúcho</i> (1870), <i>Sonhos d'Ouro</i> (1872), <i>A alma de Lázaro</i> (1873), <i>O Ermitão da Glória</i> (1873), <i>O Garatuja</i> (1873), <i>Ubijarara</i> (1874), <i>O sertanejo</i> (1875), <i>Encarnação</i> (1877), <i>Como e porque sou romancista</i> (1893)
Lima Barreto	<i>O subterrâneo do morro do castelo</i> (1905), <i>Recordações do escrívão Isaías Caminha</i> (1909), <i>Triste Fim de Policarpo Quaresma</i> (1911), <i>Numa e a Ninfa</i> (1915), <i>Clara dos anjos</i> (1948), <i>O Homem que Sabia Javanês e Outros Contos</i> (1997)
Machado de Assis	<i>Três tesouros perdidos</i> (1858), <i>Aquarelas</i> (1859), <i>A reforma pelo jornal</i> (1859), <i>Bagatela</i> (1859), <i>O jornal e o livro</i> (1859), <i>Comentários da semana</i> (1861), <i>crônicas do Dr. Semana</i> (1861), <i>crônicas (O Futuro)</i> (1862), <i>O país das quimeras</i> (1862), <i>Ao acaso</i> (1864), <i>Casada e viúva</i> (1864), <i>O anjo das donzelas</i> (1864), <i>Questão de vaidade</i> (1864), <i>Virginius</i> (1864), <i>Cinco mulheres</i> (1865), <i>Suplício de uma mulher</i> (1865), <i>A pianista</i> (1866), <i>Astúcias de marido</i> (1866), <i>Diana</i> (1866), <i>Felicidade pelo casamento</i> (1866), <i>Fernando e Fernanda</i> (1866), <i>O oráculo</i> (1866), <i>O pai</i> (1866), <i>O que são as moças</i> (1866), <i>Os trabalhadores do mar</i> (1866), <i>Uma excursão milagrosa</i> (1866), <i>Cartas Fluminenses</i> (1867), <i>Francisca</i> (1867), <i>História de uma lágrima</i> (1867), <i>O último dia de um poeta</i> (1867), <i>Onda</i> (1867), <i>Possível e impossível</i> (1867), <i>Não é mel para boca de asno</i> (1868), <i>O carro no.</i>

13 (1868), *O anjo Rafael* (1869), *A mulher de preto* (1870), *A vida eterna* (1870), *Confissões de uma viúva moça* (1870), *Frei Simão* (1870), *Linha reta e linha curva* (1870), *Luís Soares* (1870), *Miss Dollar* (1870), *O capitão Mendonça* (1870), *Oliver Twist* (1870), *O rei dos caiporas* (1870), *O segredo de Augusta* (1870), *Almas agradecidas* (1871), *Ayres e Vergueiro* (1871), *Badaladas* (1871), *Mariana* (1871), *O caminho de Damasco* (1871), *Qual dos dois* (1872), *Quem não quer ser lobo...* (1872), *Ressurreição* (1872), *Rui de Leão* (1872), *Uma águia sem asas* (1872), *Uma loureira* (1872), *A parasita azul* (1873), *As bodas de Luis Duarte* (1873), *Aurora sem dia* (1873), *Decadência de dois grandes homens* (1873), *Ernesto de tal* (1873), *Nem uma nem outra* (1873), *O relógio de ouro* (1873), *Ponto de Vista* (1873), *Quem conta um conto* (1873), *Tempo de crise* (1873), *Um Homem superior* (1873), *A Mão e a Luva* (1874), *Miloca* (1874), *Muitos anos depois* (1874), *Os óculos de Pedro Antão* (1874), *Um dia de entrudo* (1874), *Valério* (1874), *A última receita* (1875), *A mágoa do infeliz Cosme* (1875), *Antes que cases* (1875), *Brincar com fogo* (1875), *História de uma fita azul* (1875), *O sainete* (1875), *O Visconde de Castilho* (1875), *Um esqueleto* (1875), *D. Mônica* (1876), *Encher tempo* (1876), *Helena* (1876), *História de quinze dias* (1876), *Longe dos olhos* (1876), *O astrólogo* (1876), *Sem olhos* (1876), *To be or not to be* (1876), *Silvestre* (1877), *Um almoço* (1877), *Um ambicioso* (1877), *A herança* (1878), *Antes da missa* (1878), *Conversão de um avaro* (1878), *Dívida extinta* (1878), *Elogio da vaidade* (1878), *Filosofia de um par de botas* (1878), *Folha rota* (1878), *História dos Trinta Dias* (1878), *Iaiá Garcia* (1878), *Notas semanais* (1878), *O Califa de Platina* (1878), *O machete* (1878), *Um cão de lata ao rabo* (1878), *A chave* (1879), *Um para o outro* (1879), *A mulher pálida* (1881), *Cherchez la femme* (1881), *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), *O caso da viúva* (1881), *A chinela turca* (1882), *A sereníssima república* (1882), *D. Benedita* (1882), *Letra vencida* (1882), *Na arca* (1882), *O alienista* (1882), *O anel de Polícrates* (1882), *O empréstimo* (1882), *O espelho* (1882), *O imortal* (1882), *O programa* (1882), *O segredo do bonzo* (1882), *Teoria do medalhão* (1882), *Uma visita de Alcebiades* (1882), *Verba testamentária* (1882), *A idéia do Ezequiel Maia* (1883), *Balas de estalo* (1883), *Cantiga velha* (1883), *História comum* (1883), *José de Alencar* (1883), *Médico é remédio* (1883), *O destinado* (1883), *Questões de maridos* (1883), *Troca de datas* (1883), *Três conseqüências* (1883), *Vidros quebrados* (1883), *A carteira* (1884), *A cartomante* (1884), *A viúva Sobral* (1884), *Entre duas datas* (1884), *Histórias sem Data* (1884), *O caso do Romualdo* (1884), *O contrato* (1884), *O melhor remédio* (1884), *Trina e una* (1884), *Uma carta* (1884), *Vinte Anos! Vinte Anos!* (1884), *Casa velha* (1885), *Habilidoso* (1885), *Só* (1885), *Viagem à roda de mim mesmo* (1885), *Curta história* (1886), *Pobre cardeal* (1886), *Quincas Borba* (1886), *Terpsícore* (1886), *Um dístico* (1886), *Antes a rocha Tarpéia* (1887), *Identidade* (1887), *Sales* (1887), *Bons dias* (1888), *Joaquim Serra* (1888), *O futuro dos argentinos* (1888), *Dona Jucunda* (1889), *Como se inventaram os almanaques* (1890), *Pobre Finoca!* (1891), *A semana* (1892), *Entre 1892 e 1894* (1892), *O caso Barreto* (1892), *Uma*

	<p><i>partida</i> (1892), <i>Um sonho e outro sonho</i> (1892), <i>Henrique Chaves</i> (1893), <i>Um quarto de século</i> (1893), <i>Vênus! Divina Vênus!</i> (1893), <i>A inglesinha Barcelos</i> (1894), <i>João Fernandes</i> (1894), <i>Orai por ele!</i> (1895), <i>Uma noite</i> (1895), <i>A causa secreta</i> (1896), <i>A desejada das gentes</i> (1896), <i>Adão e Eva</i> (1896), <i>Conto de escola</i> (1896), <i>D. Paula</i> (1896), <i>Entre santos</i> (1896), <i>O cônego ou Metafísica do estilo</i> (1896), <i>O diplomático</i> (1896), <i>O enfermeiro</i> (1896), <i>Trio em Lá menor</i> (1896), <i>Um apólogo</i> (1896), <i>Um homem célebre</i> (1896), <i>Uns braços</i> (1896), <i>Viver!</i> (1896), <i>Flor anônima</i> (1897), <i>Henrique Lombaerts</i> (1897), <i>Uma por outra</i> (1897), <i>O Velho Senado</i> (1898), <i>Dom Casmurro</i> (1899), <i>Eterno!</i> (1899), <i>Idéias do canário</i> (1899), <i>Lágrimas de Xerxes</i> (1899), <i>Missa do galo</i> (1899), <i>O caso da vara</i> (1899), <i>O dicionário</i> (1899), <i>Papéis velhos</i> (1899), <i>Um erradio</i> (1899), <i>Esau e Jacó</i> (1904), <i>Anedota do cabriolet</i> (1906), <i>Evolução</i> (1906), <i>Marcha fúnebre</i> (1906), <i>Maria Cora</i> (1906), <i>O escrivão Coimbra</i> (1906), <i>Pai contra mãe</i> (1906), <i>Pílades e Orestes</i> (1906), <i>Suje-se gordo!</i> (1906), <i>Umas férias</i> (1906), <i>Um capitão de voluntários</i> (1906), <i>Um incêndio</i> (1906), <i>Memorial de Aires</i> (1908), <i>Casa, não casa</i> (1975), <i>O passado</i> (1976), <i>A melhor das noivas</i> (1977)</p>
Visconde de Taunay	<p><i>Inocência</i> (1872), <i>A retirada da Laguna, narrativa de campanha</i> (1874), <i>No declínio</i> (1889), <i>Ao Entardecer</i> (1901)</p>

ANEXO 02

Comandos no R. para a feitura dos gráficos

Gráficos 01 e 02:

```
helen<-read.table("helenismos.R")
colnames(helen)<-c("autor","helen","total")
helen$rel<-helen$helen/helen$total
png("helen.png",width = 20, height = 10, units = 'in', res = 300)
barplot(helen$rel,names=helen$autor,main="Número relativo de helenismos
por autor")
dev.off()
```

```
helenlit<-read.table("helenlit.R")
colnames(helenlit)<-c("autor","helenlit","total")
litttotal<-read.table("litautores.R")
colnames(litttotal)<-c("autor","lit","total")
helenlittot<-merge(helenlit,litttotal,by=c("autor","total"))
helenlittot$rel<-helenlittot$helenlit/helenlittot$lit
```

```
png("helenlit.png",width = 20, height = 10, units = 'in', res = 300)
barplot(helenlittot$rel,names=helenlittot$autor,main="Número relativo de
helenismos por autor em texto literário")
dev.off()
```

Para obter os arquivos.R:

Procura:

```
[autor="MacAss|CoeNet|JosdAle|HumCam|JMdM|AluAze|EucCun|BerGuilLimBar|Vis
Tau"
```

```
& classe="Prosa:(contolromancelnovela).*"]
```

Distribuição por autor

dá o litautores.R

Procura: [sema=".*helen.* &

```
autor="/MacAss|CoeNet|JosdAle|HumCam|JMdM|AluAze|EucCun|BerGuilLimBar|VisT
au"
```

```
& classe="Prosa:(contolromancelnovela).*"]
```

Distribuição por autor

dá o helenlit.R

Gráfico 03:

No distribuidor, fazer as duas procuras

```
?autor=/MacAss|CoeNet|JosdAle|HumCam|JMdM|AluAze|EucCun|BerGuilLimBar|Vis
Tau/
```

```

autor classe
?autor=/MacAss|CoeNet|JosdAle|HumCam|JMdM|AluAze|EucCun|BerGui|LimBar|Vis
Tau/
?sema=/. *helen.* / autor classe
e guardar respetivamente nos arquivos
HelenismoAutorClasse.tsv e AutorClasseMarcus.tsv
que se editam para
a) retirar o "Prosa:"
b) converter o romance_novela em novela
c) unificar o conto e contos para contos
d) retirar os casos de Teatro (do Machado de Assis)

```

No R.

```

helen<-read.table("HelenismoAutorClasse.tsv")
colnames(helen)<-c("autor","tohel","genero","helen","lixo")
totalAut<-read.table("AutorClasseMarcus.tsv")
colnames(totalAut)<-c("autor","tohel","genero","total","lixo")

```

```

helenismos<-subset(helen,TRUE,c(1,3,4))
autores<-subset(totalAut,TRUE,c(1,3,4))
helenaut<-merge(helenismos,autores,by=c("autor","genero"))
helenaut$rel<-helenaut$helen/helenaut$total

```

```

png("HelenismosGenero.png", width = 15, height = 5, units = 'in', res =
300)
barplot(xtabs(helenaut$rel~helenaut$genero+helenaut$autor),beside=TRUE,las=2,legen
d.text=c("contos","cronica","ensaio","novela","romance"),
main="Densidade relativa de helenismos por subgênero")
dev.off()
png("HelenismosAutor.png", width = 15, height = 5, units = 'in', res =
300)
barplot(xtabs(helenaut$rel~helenaut$autor+helenaut$genero),beside=TRUE,las=2,legen
d.text=c("AluAze","BerGui","CoeNet","EucCun","HumCam",
"JMdM","JosdAle","LimBar","MacAss","VisTau"), main="Densidade relativa
de helenismos por autor")
dev.off()

```

Gráfico 04:

```

alguns<-read.table("algunsMarcus.R")
colnames(alguns)<-c("autor","lemas","total")
alguns$rel<-alguns$lemas/alguns$total
barplot(alguns$rel~alguns$autor)
png("algunsMarcus.png")
barplot(alguns$rel~alguns$autor,main="O peso relativo de algumas
palavras\na produção de quatro autores", xlab="",ylab="")
dev.off()

```

ANEXO 03

Palavras do sema "helenismo"

"Afrodite"	"Agraulo"	"Amimone"
"Abas"	"Ágron"	"Âmpelo"
"Acacális"	"Ajax"	"Ananque"
"Ácaco"	"Alalcômenes"	"Anaxágoras"
"Academo"	"Alcátoo"	"Anaxárete"
"Acalântis"	"Alceste"	"Anaximandro"
"Ácamas"	"Alcinoe"	"Anaxímenes"
"Acântis"	"Alcínoo"	"Ancuro"
"Acarnane"	"Alcíone"	"Androgeu"
"Acasto"	"Alcioneu"	"Andrógino"
"Acates"	"alcmena"	"Ândroloco"
"Acôncio"	"Alcméon"	"Andrômaca"
"Acrísio"	"Álcon"	"Andrômeda"
"Actéon"	"Alébion"	"Anfião"
"Actor"	"Aléctrion"	"Anfiarau"
"Admeta"	"Aletes"	"Anfíction"
"Admeto"	"Alfesibeia"	"Anfíloco"
"Adrasto"	"Alfeu"	"Anfíon"
"Aédon"	"Alóadas"	"Anfístenes"
"Aérope"	"Álope"	"Anfitrião"
"Agamedes"	"Alpo"	"Anfitrite"
"Agamenon"	"Alteia"	"Anquises"
"Agapenor"	"Alyssa"	"Anteia"
"Agave"	"Amalteia"	"Antenor"
"Agdístis"	"Amazona"	"Antestérias"
"Agenor"	"Âmice"	"Anteu"
"Aglauro"	"Âmico"	"Anticleia"

"Antígona"	"Aríon"	"Bábis"
"Antíloco"	"Aristeu"	"Baco"
"Antínoo"	"Aristóteles"	"Bálio"
"Antíoco"	"Arquelau"	"Basilia"
"Antíone"	"Ártemis"	"Báton"
"Antíope"	"Ascálabo"	"Baubo"
"Apatúrias"	"Ascálafo"	"Báucis"
"Ápis"	"Asopo"	"Belerofonte"
"Apollo"	"Áspalis"	"Bia"
"Apolo"	"Assáon"	"Biana"
"Apolônio"	"Astarte"	"Bias"
"Apríate"	"Astéria"	"Bíblis"
"Apsirto"	"Astérion"	"Bizas"
"Aqueloo"	"Astíanax"	"Boréadas"
"Aquemênides"	"Astimedusa"	"Bóreas"
"Aqueronte"	"Astreia"	"Bormo"
"Aquiles"	"Atalante"	"Botres"
"Aquilles"	"Átamas"	"Brangas"
"Áquilo"	"Atena"	"Briseida"
"Aracne"	"Atenas"	"Briseu"
"Arcas"	"Átis"	"Brite"
"Ares"	"Atlândida"	"Britomártis"
"Ares"	"Atlanta"	"Búcolo"
"Argeno"	"Atreu"	"Búfago"
"Argino"	"Augias"	"Buno"
"Árgira"	"Auson"	"Busíris"
"Argo"	"Autóleon"	"Butes"
"Argonautas"	"Autólico"	"Buzíges"
"Argos"	"Automedonte"	"Caanto"
"Ariadne"	"Auxésia"	"Cabarno"

"Cabírides"	"Cárcabo"	"Célbidas"
"Cabiro"	"Cárcino"	"Celeno"
"Cabiros"	"Cária"	"Céleo"
"Cadmo"	"Cariátides"	"Celeutor"
"Cafauro"	"Caribdes"	"Célmis"
"Cáfene"	"Cáriclo"	"Celto"
"Cáfira"	"Cáрила"	"Ceneu"
"Caístro"	"Cárites"	"Centauro"
"Cálamo"	"Carmanor"	"Ceos"
"Calcas"	"Carme"	"Cerambo"
"Calcíope"	"Cárnabon"	"Céramo"
"Calcódon"	"Carno"	"Cérbero"
"Cálcon"	"Caronte"	"Cércafo"
"Calcos"	"Cárops"	"Cércion"
"Caldino"	"Cassandra"	"Cercira"
"Calídice"	"Cassífone"	"Cercopes"
"Cálidon"	"Cassiopeia"	"Cerébia"
"Calíope"	"Castália"	"Ceres"
"Calípolis"	"Castor"	"Ceressa"
"Calipso"	"Catreu"	"Cérix"
"Calíroo"	"Cáucao"	"Cetes"
"Calisto"	"Cáucon"	"Ceto"
"Cambles"	"Cáulon"	"Chronos"
"Campe"	"Cauno"	"Cíane"
"Cânace"	"Cécrops"	"Cianpo"
"Canopo"	"Cedálion"	"Cibele"
"Cáon"	"Cefálion"	"Ciclope"
"Caos"	"Céfalo"	"Cicno"
"Capaneu"	"Cefeu"	"Cícones"
"Cápis"	"Cêix"	"Cidno"

"Cídon"	"Cleópatra"	"Corino"
"Cila"	"Cleosônimo"	"Corinto"
"Cilabras"	"Cleóstrato"	"Corinto"
"Cilaceu"	"Cleotera"	"Córito"
"Cílaro"	"Clete"	"Corônides"
"Cilas"	"Clímene"	"Corônis"
"Cilene"	"Clímeno"	"Corono"
"Cílix"	"Clínis"	"Cragaleu"
"Cimérios"	"Clio"	"Crânao"
"Cíniras"	"Clisitera"	"Crânon"
"Cinortas"	"Clite"	"Crantor"
"Cinosura"	"Clitemnestra"	"Creonte"
"Ciparissa"	"Clítia"	"Creontíades"
"Ciparissas"	"Clito"	"Crés"
"Ciparisso"	"Clitor"	"Cresfonte"
"Cípris"	"Cnageu"	"Creteu"
"Cípselo"	"Cócalo"	"Crimiso"
"Cíquiro"	"Cocito"	"Crínis"
"Cirão"	"Codro"	"Crísamis"
"Circe"	"Coleno"	"Crisântis"
"Circe"	"Comatas"	"Crisaor"
"Circeu"	"Combe"	"Criseida"
"Cirene"	"Cometes"	"Crisipo"
"Ciro"	"Cometo"	"Criso"
"Citerão"	"Condileátis"	"Crisopelia"
"Cites"	"Corcira"	"Crisótemis"
"Citissoro"	"Core"	"Criteis"
"Cízico"	"Corebo"	"Croco"
"Cleantes"	"Coribantes"	"Crócon"
"Cleomedes"	"Córico"	"Cronos"

"Cronos"	"Deméter"	"Dóris"
"Croto"	"Demifonte"	"Doro"
"Cróton"	"Demiurgo"	"Drias"
"Crotopo"	"Demócrito"	"Drímaco"
"Ctéato"	"Demódice"	"Dríope"
"Ctímene"	"Demódoco"	"Dríops"
"Ctônia"	"Demofonte"	"Éaco"
"Cupido"	"Dentrítis"	"Eagro"
"Curetes"	"Dercino"	"Éax"
"Dafne"	"Detas"	"Ébalo"
"Dáfnis"	"Deucalião"	"Ecles"
"Damasco"	"Dexâmeno"	"Ecmágoras"
"Damasseno"	"Dexicreonte"	"Édipo"
"Damastes"	"Diana"	"Eécion"
"Dameto"	"Dicta"	"Eetes"
"Dâmiso"	"Díctis"	"Efialtes"
"Dânae"	"Dido"	"Egéon"
"Danaides"	"Dimetes"	"Egestes"
"Dânao"	"Diógenes"	"Egeu"
"Dárdano"	"Diomedes"	"Egialeia"
"Dátilos"	"Díomo"	"Egialeu"
"Décelo"	"Díon"	"Egímio"
"Dedálion"	"Dione"	"Egina"
"Dédalo"	"Dioneu"	"Egípio"
"Deífobo"	"Dionísio"	"Egisto"
"Deifonte"	"Dioscuros"	"Egito"
"Dêípilo"	"Dirce"	"Êidolon"
"Dejanira"	"Dódona"	"Élato"
"Delfine"	"Dólio"	"Electra"
"Delfine"	"Dólón"	"Elétrion"

"Elefenor"	"Epiro"	"Esmérdio"
"Elêusis"	"Épito"	"Esmicro"
"Élimo"	"Epopeu"	"Esminteu"
"Élis"	"Équemo"	"Esmirna"
"Elissa"	"Équetelo"	"Esparta"
"Elpenor"	"Équeto"	"Esperquio"
"Empédocles"	"Équidna"	"Esquédio"
"Empusa"	"Equíon"	"Esqueneu"
"Endímion"	"Érato"	"Esquiápodés"
"Eneias"	"Érebo"	"Esquífo"
"Eneu"	"Erecteu"	"Ésquilo"
"Enio"	"Ergino"	"Estáfilo"
"Enipeu"	"Erictônio"	"Estenebeia"
"Énoclo"	"Erídano"	"Estênelas"
"Enômao"	"Erifila"	"Estênelo"
"Enone"	"Erígone"	"Estentor"
"Enópion"	"Erimanto"	"Estérope"
"Enotro"	"Erínias"	"Estéropes"
"Eólia"	"Éris"	"Estige"
"Éolo"	"Erisícton"	"Estilbe"
"Eono"	"Érito"	"ESTinfalo"
"Eos"	"Érix"	"Éstrige"
"Épafo"	"Eros"	"Estrímion"
"Epeu"	"Ésaco"	"Estrimo"
"Epicuro"	"Esão"	"Estro"
"Epigeu"	"Escamândrio"	"Estrófilo"
"Epígonos"	"Escamandro"	"Etálides"
"Epimélides"	"Esfero"	"Etêmea"
"Epimeteu"	"Esfinge"	"Etéocles"
"Epíone"	"Esmárago"	"Éter"

"Étias"	"Eurísauques"	"Féreclo"
"Etila"	"Euristeu"	"Fereia"
"Etna"	"Êurito"	"Feres"
"Etolo"	"Eurítton"	"Festo"
"Etra"	"Euro"	"Fidipo"
"Eudoro"	"Euterpe"	"Fílarco"
"Eufemo"	"Eutimo"	"Filâmon"
"Euforbo"	"Evadne"	"Filandro"
"Eufóron"	"Evandro"	"Filas"
"Eufrates"	"Eveno"	"Filécio"
"Eulímene"	"Evipe"	"Fileu"
"Eumelo"	"Exéquias"	"Fílio"
"Eumeu"	"Faetonte"	"Fílira"
"Eumolpo"	"Falanto"	"Fílis"
"Êuneo"	"Fálanx"	"Filocetes"
"Êunomo"	"Falces"	"Filolau"
"Eunosto"	"Faleco"	"Filomela"
"Euquenor"	"Falero"	"Filomelides"
"Euríalo"	"Fáon"	"Filomelo"
"Euricleia"	"Faros"	"Fílotes"
"Eurídice"	"Fásis"	"Fineu"
"Eurigania"	"Feaces"	"Fítalo"
"Euríloco"	"Féax"	"Fix"
"Eurímaco"	"Febe"	"Flegetonte"
"Eurimedonte"	"Febo"	"Flégias"
"Éurimo"	"Fedra"	"Flías"
"Eurínome"	"Fegeu"	"Flógio"
"Eurínomo"	"Femônoe"	"Fobos"
"Eurípedes"	"Fênix"	"Folo"
"Eurípilo"	"Ferebeia"	"Forbas"

"Fórcis"	"Górdias"	"Hecamede"
"Fórmion"	"Gorge"	"Hécate"
"Foroneu"	"Górgias"	"Hecátero"
"Frásio"	"Górgias"	"Hecatonquiro"
"Frígio"	"Gorgófono"	"Hecergo"
"Frixo"	"Górgona"	"Hecergo"
"Frônime"	"Gorgópis"	"Hécuba"
"Ftio"	"Granico"	"Hefesto"
"Ftonto"	"Grécia"	"Hegéleo"
"Gaia"	"Greias"	"Heitor"
"Gálata"	"Grino"	"Hele"
"Galateia"	"Guneu"	"Hélen"
"Galeotes"	"Hades"	"Helena"
"Galíntia"	"Hagno"	"Heleno"
"Ganges"	"Hália"	"Helíades"
"Ganimedes"	"Haliácmon"	"Helicáon"
"Garmatone"	"Haliarto"	"Hélice"
"Gavanes"	"Hálias"	"Hélios"
"Geia"	"Halirróto"	"Hemícines"
"Gelanor"	"Halmo"	"Hemítea"
"Gêrana"	"Hals"	"Hemo"
"Gerião"	"Harmônides"	"Heósforo"
"Gias"	"Harpálice"	"Hera"
"Gigantes"	"Harpálico"	"Héracles"
"Giges"	"Harpálion"	"Heráclito"
"Gírton"	"Harpias"	"Hércules"
"Glauce"	"Harpina"	"Hermafrodito"
"Gláucia"	"Harpiria"	"Hermes"
"Glauco"	"Hebe"	"Hermíona"
"Glífio"	"Hécale"	"Hermo"

"Hermócares"	"Hipermnestra"	"Iante"
"Hero"	"Hipéroco"	"Iápige"
"Herófila"	"Hipnos"	"Iápix"
"Hesíodo"	"Hipo"	"Iárdano"
"Hesíona"	"Hipocoonte"	"Iásio"
"Hespérides"	"Hipocrene"	"Iásion"
"Héspero"	"Hipodamia"	"Iaso"
"Héstia"	"Hipólita"	"Íaso"
"Híades"	"Hipólito"	"Icádio"
"Híamo"	"Hipóloco"	"Icário"
"Hias"	"Hipomedonte"	"Ìcaro"
"Híbris"	"Hipômenes"	"Icmálio"
"Hidne"	"Hipótoe"	"Ictiocentauros"
"Hidra"	"Hipsicreonte"	"Ida"
"Híera"	"Hipsípila"	"Idas"
"Híerax"	"Hirieu"	"Ideu"
"Hierodulas"	"Hirneto"	"Idíia"
"Hieto"	"Historis"	"Ídmon"
"Higiia"	"Homero"	"Idomeneu"
"Hilas"	"Homoloeu"	"Idoteia"
"Hilébia"	"Homoneia"	"Iera"
"Hileu"	"Hopládamo"	"Ieud"
"Hilônome"	"Iaco"	"Ifianassa"
"Himália"	"Ialébio"	"Íficles"
"Himeneu"	"Iálemo"	"Íficlo"
"Hímero"	"Ialisso"	"Ifídamas"
"Hipe"	"Iálmemo"	"Ifigênia"
"Hiperbóreos"	"Iambe"	"Ifimedia"
"Hiperíon"	"Ìamo"	"Ífis"
"Hipermestra"	"Ianisco"	"Ífito"

"Inx"	"Ítilo"	"Laocoonte"
"Ilíone"	"Ítis"	"Laódamas"
"Ilioneu"	"Itome"	"Laodamia"
"Ilírio"	"Itono"	"Laódice"
"Ilítia"	"Ixíon"	"Laódoco"
"Ilo"	"Jacíntidas"	"Laomedonte"
"Ímbraso"	"Jápeto"	"Laônito"
"Ínaco"	"Jasão"	"Laônimo"
"Indo"	"Jocasta"	"Lápitás"
"Ino"	"Jocasto"	"Larino"
"Invidia"	"Jônio"	"Lás"
"Io"	"Júpiter"	"Latona"
"Íobes"	"Juventas"	"Leagro"
"Iódama"	"Lábdaco"	"Learco"
"Iolau"	"Labrando"	"Lebéado"
"Íole"	"Lacedêmon"	"Leda"
"Íon"	"Lacéstades"	"Lêimon"
"Íope"	"Lacínio"	"Leimone"
"Ioxo"	"Lácio"	"Lélex"
"Íris"	"Lácon"	"Leonassa"
"Iro"	"Ládon"	"Leonteu"
"Ismene"	"Laetusa"	"Leôntico"
"Ismeno"	"Laio"	"Leontófono"
"Ísqueno"	"Lamedonte"	"Lepreu"
"Ísquís"	"Lâmia"	"Lesbos"
"Issa"	"Lamo"	"Lestrigões"
"Istmíades"	"Lampécia"	"Lete"
"Istro"	"Lâmpeto"	"Leteia"
"Ítaco"	"Lampo"	"Leto"
"Ítalo"	"Lâmpsaque"	"Leucádio"

"Leucária"	"Lino"	"Marpessa"
"Lêucaspis"	"Líparo"	"Mársias"
"Lêucatas"	"Lipéfila"	"Mécion"
"Leuce"	"Lirco"	"Mecisteu"
"Leucipe"	"Lisídice"	"Mécon"
"Leucípides"	"Lisipe"	"Medeia"
"Leucipo"	"Litierses"	"Medeia"
"Leuco"	"Locro"	"Medeio"
"Leucófanos"	"Lótis"	"Médon"
"Lêucon"	"Lotófagos"	"Mégaclo"
"Leucósia"	"Macáon"	"Megapentes"
"Leucoteia"	"Mácar"	"Mégara"
"Leucótoe"	"Macareu"	"Megareu"
"Líbia"	"Macária"	"Meges"
"Licáon"	"Mácedon"	"Melampigo"
"Licas"	"Macelo"	"Melampo"
"Licasto"	"Macereu"	"Melâncio"
"Licímnio"	"Macisto"	"Melancrea"
"Licio"	"Mácris"	"Melaneu"
"Lico"	"Magnes"	"Melanipe"
"Lícofron"	"Malcandro"	"Melanipo"
"Licomedes"	"Mândilas"	"Melanto"
"Licopeu"	"Mandragora"	"Melas"
"Licoreu"	"Manes"	"Meleágridas"
"Licurgo"	"Mântica"	"Meleágro"
"Lígis"	"Marão"	"Meles"
"Lileu"	"Márato"	"Mélia"
"Limós"	"Máraton"	"Melibeia"
"Linceu"	"Mariandino"	"Melibeu"
"Linco"	"Mármax"	"Melicertes"

"Melissa"	"Metíoco"	"Molosso"
"Melisseu"	"Métis"	"Molpádia"
"Melisso"	"Miceneu"	"Mólpis"
"Mélite"	"Midas"	"Molpo"
"Meliteu"	"Mieno"	"Momo"
"Melpômene"	"Mígdon"	"Mopso"
"Memblíaro"	"Milas"	"Mors"
"Mêmnon"	"Miles"	"Múnito"
"Mênades"	"Mileto"	"Musas"
"Mênalo"	"Mimas"	"Nana"
"Meneceu"	"Minerva"	"Nânaco"
"Menécio"	"Miníades"	"Nanas"
"Menelau"	"Minte"	"Nanos"
"Menesteu"	"Mírice"	"Naos"
"Menéstio"	"Mirina"	"Narciso"
"Menetes"	"Mírmex"	"Naúpilo"
"Mênfis"	"Mírmidon"	"Nausícaa"
"Mentor"	"Mirso"	"Nausítoo"
"Méon"	"Mírtilo"	"Nautes"
"Mercúrio"	"Mirto"	"Naxos"
"Meríones"	"Míscelo"	"Neda"
"Mérmero"	"Miseno"	"Nefálion"
"Mérope"	"Mnemósine"	"Nefele"
"Mesopotâmia"	"Mnêmox"	"Neleu"
"Messapo"	"Mnesteu"	"Nêmesis"
"Messena"	"Moiras"	"Neoptólemo"
"Métabo"	"Móli"	"Nereidas"
"Metanira"	"Moliônides"	"Nereu"
"Metaponto"	"Molo"	"Nerites"
"Metimna"	"Molorco"	"Nesso"

"Nestor"	"Olimpo"	"Palicos"
"Netuno"	"Olinto"	"Palinuro"
"Niceia"	"Ônfale"	"Panaceia"
"Nicômaco"	"Ônfalo"	"Pâncratis"
"Nicostrata"	"Oniro"	"Pândares"
"Nicostrato"	"Ópus"	"Pândaro"
"Nicteu"	"Óquimo"	"Pandíon"
"Nictímene"	"Oresteus"	"Pândoco"
"Nictimo"	"Orfeu"	"Pandora"
"Nileu"	"Orfismo"	"Pandoro"
"Nilo"	"Órion"	"Pândroso"
"Ninfa"	"Oritia"	"Panfilo"
"Nino"	"Órnito"	"Panfo"
"Níobe"	"Oronte"	"Pangeu"
"Nique"	"Ortópolis"	"Pânides"
"Nireu"	"Ortro"	"Panopeu"
"Nisa"	"Oto"	"Pântoo"
"Niso"	"Otreu"	"Páralo"
"Nix"	"Óxilo"	"Parébio"
"Noto"	"Oxínio"	"Páris"
"Oaxes"	"Oxintes"	"Parmênides"
"Oaxo"	"Pã"	"Parnaso"
"Oceano"	"Pactolo"	"Parrásio"
"Ocírroe"	"Pafos"	"Párteno"
"Ocno"	"Paládio"	"Partenon"
"Ofeltes"	"Palamedes"	"Partênopo"
"Ofíon"	"Palântidas"	"Partenopeu"
"Ógigo"	"Palas"	"Pasifae"
"Oileu"	"Palêmon"	"Pátroclo"
"Olimbro"	"Palene"	"Pátron"

"Peã"	"Perséfone"	"Pírias"
"Pégaso"	"Perséfone"	"Piriflegetonte"
"Pelasgo"	"Perseis"	"Pirítoo"
"Peleu"	"Perseis"	"Pirra"
"Pélias"	"Persépolis"	"Pirrico"
"Pelopia"	"Perses"	"Pirro"
"Pélops"	"Perseu"	"Pisídice"
"Pene"	"Persis"	"Pisístrato"
"Penéleo"	"Peucécio"	"Pitágoras"
"Penélope"	"Píaso"	"Pítane"
"Peneu"	"Picóloo"	"Piteu"
"Penia"	"Piérides"	"Pítia"
"Penteu"	"Píero"	"Pitirreu"
"Pêntilo"	"Pigmalião"	"Pítis"
"Pento"	"Pigmeu"	"Pito"
"Péon"	"Pigmeus"	"Píton"
"Pepareto"	"Pílates"	"Pitonisa"
"Pérato"	"Pilas"	"Plátano"
"Pérdix"	"Pilêmenes"	"Platão"
"Pérgamo"	"Pilenor"	"Plêiades"
"Peribeia"	"Pileu"	"Plêione"
"Periclímeno"	"Pília"	"Plemneu"
"Perieres"	"Pílio"	"Plêuron"
"Periergo"	"Pindo"	"Plexipo"
"Perifas"	"Píramo"	"Plístene"
"Perifetes"	"Pirecmes"	"Ploolidectes"
"Perigune"	"Píren"	"Plutão"
"Perimele"	"Pirene"	"Pluto"
"Perísterá"	"Pireneu"	"Podalírio"
"Perse"	"Pirgo"	"Podarces"

"Podarge"	"Políxena"	"Próquite"
"Poemandro"	"Políxeno"	"Proserpina"
"Pólíbo"	"Pólíxo"	"Prosimna"
"Polibotes"	"Póltis"	"Protágoras"
"Policáon"	"Pólux"	"Protesilau"
"Policasta"	"Pompeu"	"Proteu"
"Polícrita"	"Porfírio"	"Protogenia"
"Polícrito"	"Portáon"	"Prótoo"
"Políctor"	"Porteu"	"Psâmate"
"Polídamas"	"Poseidon"	"Psicostasia"
"Polidamna"	"Prax"	"Psilo"
"Polidora"	"Praxíteia"	"Psique"
"Polidoro"	"Présbon"	"Psófis"
"Polífates"	"Prétidas"	"Ptérela"
"Polífemo"	"Prêugenes"	"Ptoliporto"
"Polífides"	"Príamo"	"Quelídon"
"Polifonte"	"Priapismo"	"Quelone"
"Polifontes"	"Priapo"	"Querostasia"
"Polígono"	"Prílis"	"Quimera"
"Políído"	"Procles"	"Quimereu"
"Políímnia"	"Procne"	"Quíone"
"Polimede"	"Prócris"	"Quirão"
"Polimela"	"Procrusto"	"Rácio"
"Polimnestor"	"Prômaco"	"Radamanto"
"Políímnia"	"Prometeu"	"Rebis"
"Polimno"	"Promne"	"Reco"
"Polinice"	"Prônax"	"Reo"
"Polipetes"	"Prono"	"Reso"
"Poliportes"	"Propétidas"	"Rícia"
"Polites"	"Própodas"	"Rode"

"Ródope"	"Sêneca"	"Sófax"
"Rodópolis"	"Sereias"	"Sófocles"
"Rodos"	"Seteia"	"Sólimo"
"Rópalo"	"Sevéroco"	"Sólois"
"Roxana"	"Síbaris"	"Somno"
"Sabázio"	"Sibila"	"Sópatro"
"Sagáris"	"Sícano"	"Sóstenes"
"Sagarítis"	"Siceu"	"Táfio"
"Salambo"	"Sicino"	"Taígeta"
"Salámis"	"Sícion"	"Tálao"
"Salmomeu"	"Side"	"Talia"
"Sâmon"	"Sidero"	"Talos"
"Sanape"	"Sileno"	"Tálpio"
"Sangário"	"Sileu"	"Taltíbio"
"Sáon"	"Silo"	"Tâmiras"
"Sardo"	"Sime"	"Tâmiris"
"Sardos"	"Símois"	"Tânaís"
"Sáron"	"Sínis"	"Tânatos"
"Sarpédon"	"Sínon"	"Tântalo"
"Satíria"	"Sinope"	"Taraxipo"
"Satiriase"	"Siprete"	"Tártaro"
"Sátiros"	"Síquelo"	"Tasos"
"Saturno"	"Siracusa"	"Taumas"
"Sauro"	"Sírinx"	"Tauro"
"Selene"	"Sírís"	"Teanira"
"Selino"	"Sirna"	"Teano"
"Sêmaco"	"Siro"	"Tebas"
"Semeados"	"Sísifo"	"Tebe"
"Sêmele"	"Sítón"	"Tecemessa"
"Semíramis"	"Sócrates"	"Téctafo"

"Téctamo"	"Termópilas"	"Tirésias"
"Tegeates"	"Tero"	"Tiro"
"Tegírio"	"Terpsícora"	"Tirreno"
"Teiódamas"	"Terpsícore"	"Tirseno"
"Télamon"	"Tersandro"	"Tisâmeno"
"Teleclia"	"Tersites"	"Tisífone"
"Telédamo"	"Teseu"	"Titânidas"
"Telefassa"	"Teseu"	"Titãs"
"Télefo"	"Téspio"	"Títio"
"Telêmaco"	"Tesproto"	"Titono"
"Télemo"	"Téssalo"	"Tlepólemo"
"Teléobas"	"Téstio"	"Tmolo"
"Telfusa"	"Testor"	"Toas"
"Telquines"	"Tétis"	"Tônis"
"Telquis"	"Teucro"	"Toosa"
"Télxion"	"Têutamo"	"Tou"
"Têmeno"	"Têutaro"	"Toxeu"
"Têmis"	"Teutras"	"Trace"
"Temisto"	"Tideu"	"Trabelo"
"Têmon"	"Tieste"	"Trasimedes"
"Tênero"	"Tifão"	"Trézen"
"Tenes"	"Tífis"	"Trias"
"Teoclímeno"	"Tiia"	"Trica"
"Teófane"	"Timalco"	"Tríopas"
"Teogonia"	"Timandra"	"Triptólemo"
"Teônoe"	"Timetes"	"Tritão"
"Terambo"	"Tíndaro"	"Trofônio"
"Teras"	"Tinge"	"Troilo"
"Tereu"	"Tione"	"Tróquilo"
"Térmero"	"Tíquio"	"Trós"

"Ucálegon"

"Vênus"

"Zagreu"

"Ulisses"

"Vesta"

"Zenão"

"Urânia"

"Virgílio"

"Zeto"

"Urano"

"Vulcano"

"Zeus"

"Uróboro"

"Zacinto"

"Zeuxipe"